



UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

KÁTIA MARIA LIMEIRA SANTOS

ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:

Um estudo de caso em escolas localizadas em áreas rurais do município de Propriá (SE)

Aracaju,
Março - 2017

KÁTIA MARIA LIMEIRA SANTOS

ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:

Um estudo de caso em Escolas localizadas em áreas rurais do município de Propriá (SE)

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE

Dissertação de Mestrado em Educação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa em Educação e Formação Docente, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

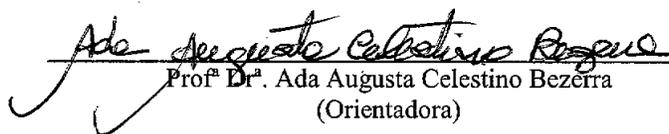
Professora-Orientadora: DRA. ADA AUGUSTA CELESTINO BEZERRA

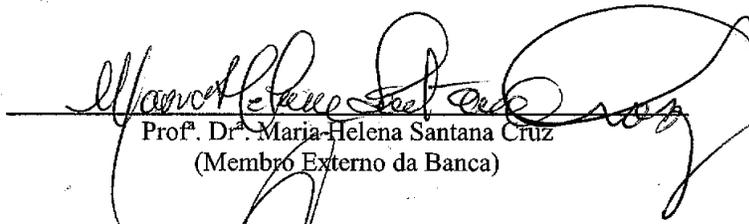
**Aracaju,
Março- 2017**

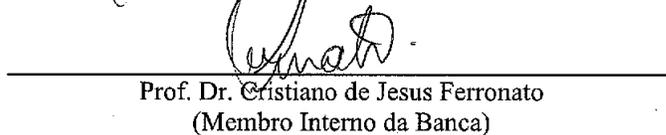


UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Ada Augusta Celestino Bezerra
(Orientadora)


Prof. Dr. Maria-Helena Santana Cruz
(Membro Externo da Banca)


Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato
(Membro Interno da Banca)

Aracaju,
Março-2017

Santos, Kátia Maria Limeira
S237Ad Alteridade na construção da identidade docente: um estudo de caso em escolas localizadas em áreas rurais do município Propriá (SE) / Kátia Maria Limeira Santos; orientação [de] Profª. Drª Ada Augusta Celestino Bezerra – Aracaju: UNIT, 2017.

200 f. il.: 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2017
Inclui bibliografia.

1. Alteridade. 2. Educação. 3. Trabalho docente. 4. Educação básica I. Santos, Kátia Maria Limeira Santos. II. Bezerra, Ada Augusta Celestino. (orient.). III. Universidade Tiradentes. V. Título.

CDU: 37.011.31(813.7)

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.

(FREIRE, 1983, p.27 e 29)

DEDICATÓRIA

A Deus, a Jesus, a Nossa Senhora e ao Mestre Mitra Deva.

Aos meus pais – José Limeira Santos e Joselita Ribeiro Santos.

A minha tia – Joselina Ribeiro Machado.

A minha irmã querida e companheira de todos os momentos – Márcia Regina Limeira Santos e
aos meus irmãos.

Ao meu grande Mestre – Francisco Barreto.

AGRADECIMENTOS

Deus, razão da minha vida. Não sentiria a força sublime na minha caminhada em busca da conquista do meu sonho, em cada passo, se não encontrasse sua presença, o seu amor, carinho por mim.

Ao grande mestre senhor Jesus Cristo, sempre presente em todos os momentos de alegria, tristezas, lágrimas, encontrei o seu apoio e amor.

A Nossa Senhora, que esteve sempre nos momentos mais difíceis e sempre que solicitava (“Maria passa na frente”), ela esteve presente me protegendo.

Ao grande Mestre Mitra Deva, luz da minha caminhada, sempre que pedia socorro e ânimo para continuar a trajetória, me revigorava com ânimo e paciência para lidar com os problemas no dia a dia.

Ao grande Mestre Francisco Barreto, por acreditar em mim e incentivar a fazer a caminhada de forma serena e em paz, sem o seu acolhimento não conseguiria chegar a essa conquista.

Ao meu pai, pelo entusiasmo quando se refere a mim nessa jornada, e por lutar pela própria vida mantendo-se conosco. Te admiro pela garra e força em manter-se vivo, mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas em 2016, não perdendo o ânimo acreditando sempre em dias melhores.

A minha Mãe, a sua presença suave é sempre marcante em minha vida, pela sua dignidade, amor, sabedoria e ensinamentos que carrego e sempre nortearão a minha vida e o que sou hoje como pessoa e profissional. Te admiro como ser único,

A minha tia, Joselina, que sempre ensinou a acreditar na educação, pelo orgulho que tem em me ver estudar e acompanhar minha vida educacional desde criança. Obrigada por tudo. Te admiro por ser generosa e pela fé inabalável que carrega.

A minha irmã, Márcia Régina, por acreditar em mim incentivando e estando sempre por perto, dando forças. Presente desde sempre no amor, na alegria, nas lágrimas e na realização desta conquista. Você contribuiu desde sempre para esta vitória. Te admiro pela pessoa, boa filha, mulher, guerreira, ética e profissional que é. Obrigada por tudo. Te amo.

Ao doutor Normando Ferreira Filho por estar presente sempre que precisei dando apoio e acompanhando meu pai nos momentos mais difíceis, ajudando fazer essa caminhada.

A minha querida orientadora, Dr^a Ada Augusta Celestino Bezerra, pela atenção, acolhimento e carinho, por acreditar em mim e na importância desta pesquisa, presente nos momentos

importantes desde o Projeto de Mestrado, até a realização desta Dissertação da qual é orientadora, incentivando a não desistir mesmo nos momentos mais difíceis que passei durante a trajetória. Sinto-me honrada em ter sido orientada por uma pesquisadora ética, incansável, dedicada à educação e disponível, com tamanha sabedoria e inteligência. Obrigada por tudo. Te admiro como pessoa e profissional.

Ao querido professor Cristiano de Jesus Ferronato, pela sua dedicação, ética e sabedoria ao passar os conhecimentos. Sinto-me honrada por ter sido sua aluna, fazer parte da banca examinadora e coordenação do curso de Mestrado em Educação/UNIT, pois suas orientações foram fundamentais na construção desse trabalho, e me fez rever conceitos que nortearão para sempre a minha vida e carreira profissional. Obrigada por tudo. Te admiro como pessoa e profissional.

A querida professora Maria Helena por fazer parte da banca examinadora, a qual com as suas orientações e acolhimento mostrou-me o rumo que deveria dar a pesquisa de forma serena e ética. Te admiro pela classe ao usar as palavras certas, como pessoa e profissional. Obrigada por tudo.

Aos amigos que conquistei no OBEDUC/TRANSEJA 2/CAPES/UNIT, Amélia, Marilene, Ranússia, George, Márcio, Blenda, Tauana, Anita, Schirlei, Marlize, Luciano, Márcia, Soane, Suelen, Tainara, Diana e todos que fazem parte do grupo. Meu muito obrigada pelo companheirismo e força nesses tempos!

A minha amiga de todas as horas, Kleane Copeland, com seu apoio e acolhimento sempre que precisei. Muito Obrigada!

A minha amiga querida Antônia Íris, por me incentivar constantemente (Vamos Kátia...).

A minha amiga Danda, por acreditar e incentivar pois seu humor e sabedoria fazia-me ver os problemas com mais leveza.

A minha coordenadora Livia Carvalho do Cesad/UFS, por acreditara poiando-me sempre que necessário e incentivando nessa trajetória.

Aos Professores do Curso do Mestrado em Educação, pelo apoio e dedicação ao passar os saberes necessários para a conclusão dessa caminhada.

A professora Gleide Florêncio dos Santos, diretora das Escolas Municipal Presidente Costa e Silva e da Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães, e todos os professores que se disponibilizaram com o seu tempo e dedicação, aonde desenvolvi a pesquisa, por acreditar em me, incentivando e abrindo as portas estando sempre à disposição. Obrigada, foi uma honra ter

trabalhado juntos, seus exemplos mostram que é possível fazer educação de qualidade nas escolas localizadas em áreas rurais. Te admiro como pessoa e profissional. Parabéns pelo trabalho desenvolvido.

Ao professor Erivaldo Gomes Mota, diretor da Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves e todos os professores que se disponibilizaram com o seu tempo e dedicação onde desenvolvi a pesquisa, por acreditar em mim, oportunizando um espaço acolhedor. Parabéns pelo trabalho desenvolvido, sua atitude ética e competente mostra que é possível fazer educação de qualidade nas escolas localizadas em áreas rurais.

A professora revisor Maria Luiza, por sua dedicação e acolhimento durante o processo, sempre incentivando e apoiando.

A CAPES pela bolsa de estudo no período 2016 – 2017.

E, em fim, a todos os amigos (as), que de alguma forma, estiveram presentes e me ajudaram, direta ou indiretamente. Seus apoios foram fundamentais. Muito Obrigada.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de construção da identidade docente mediada pela alteridade nas relações professor – aluno – conhecimento na educação básica desenvolvida em escolas localizadas em áreas rurais. O universo da investigação constitui-se de três escolas que ministram os anos iniciais da Educação Básica, em áreas rurais do Município de Propriá, situado na região do Baixo São Francisco do Estado de Sergipe, alcançando nove professores. Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, cuja metodologia configura-se como um estudo de casos múltiplos dentro de uma mesma região, na perspectiva interpretativa da análise de conteúdo, à luz da dialética histórica, tendo como instrumentos de coleta e análise de dados as observações diretas em salas de aulas (acompanhadas de registros cursivos) e entrevistas, ambos trabalhados em profundidade. Como objetivos específicos destacam-se: identificar os fundamentos pedagógicos presentes no trabalho docente nos anos iniciais do ensino fundamental (do pré-escolar ao 5º ano); analisar a presença da alteridade como elemento constitutivo da identidade no trabalho e nos saberes docentes; configurar, através das narrativas docentes, o processo de construção da sua identidade profissional; e observar a interatividade entre os professores, alunos e os conhecimentos reconstruídos na educação básica de escolas situadas em áreas rurais. O quadro teórico apoia-se em estudos de Hall (2003); Bardin (2011); Bezerra (2007; 2008; 2009;2012;2016); Tardif (2005); Nóvoa (1999); Pimenta e Anastasiou (2005); Silva (2003); Marx (2010) e Rios (2010). A hipótese da pesquisa é que o professor reconstrói sua identidade, continuamente, através da alteridade, contribuindo para a aprendizagem dos alunos e para sua especificidade docente, ao lado do contexto social, cultural e econômico, sendo sua ação no mundo determinante e determinada do contexto local e das políticas públicas. Os resultados apontam para a procedência da hipótese, ficando evidente que os professores têm fortalecido a identidade no seu trabalho, estando presente a alteridade na sua prática docente, visando à aprendizagem dos alunos nas dimensões cognitiva, afetiva e social. As narrativas revelam saberes advindos da experiência de vida e do cotidiano das relações na escola, além da formação inicial e continuada, assim como sua capacidade de colocar-se no lugar do outro (aluno), mostrando que o trabalho docente é uma atividade tipicamente humana e humanizadora dos sujeitos, da comunidade local e da sociedade.

Palavras-chave: Alteridade. Educação. Trabalho docente. Educação Básica.

ABSTRACT

The general objective of the research is to analyze the process of construction of the teacher identity mediated by the alterity in teacher - student - knowledge relations in basic education developed in schools located in rural areas. The research universe consists of three schools that provide the initial years of Basic Education in rural areas of the county in Propriá. It is located in Baixo São Francisco, a region of the State in Sergipe, with nine teachers. This is a qualitative research, whose methodology is configured as a multiple case study with the same region, in the interpretative perspective of content analysis, in the light of historical dialectics. It has as instruments of data collection and analysis the direct observations in the classrooms (accompanied by cursive records) and interviews, both worked in depth. Specific objectives include: identifying the pedagogical foundations present in the teaching work in the initial years of elementary education (from pre-school to the 5th year); analyzing the presence of otherness as a constituent element of identity in the work and in the teaching knowledge; configure, through the teaching narratives, the process of building their professional identity. Besides that, to observe the interactivity between teachers and students to reconstruct the knowledge in the basic education of schools located in rural areas. The theoretical foundation is based on studies by Hall (2003); Bardin (2011); Bezerra (2007; 2008; 2009; 2012; 2016); Tardif (2005); Nóvoa (1999); Pimenta and Anastasiou (2005); Silva (2003); Marx (2010) and Rios (2010). The hypothesis of the research is that the teacher continually reconstructs his identity through alterity, contributing to the students' learning and to their teaching specificity, alongside the social, cultural and economic context, and their action in the determinant and determined world of the context local and public policy. The results point to the origin of the hypothesis, being evident that the teachers have strengthened the identity in their work, being present the alterity in their teaching practice, aiming at the students' learning in the cognitive, affective and social dimensions. The narratives have revealed knowledge according to the life experience and the daily life of the relationships in the school. In addition to the initial and continued formation, as well as their ability to put themselves in the place of the other (student), showing that the teaching work is a typically human activity and humanizing the subjects, the local community and society.

Keywords: Alterity. Education. Teaching work. Basic education.

LISTAS DE QUADROS

QUADRO 1:	População residente no Brasil por Federação.....	62
QUADRO 2:	Número de Escolas de Educação Básica no Brasil.....	62
QUADRO 3:	Número de Matrículas na Educação Básica na região NE.....	62
QUADRO 4:	Sistema de Consulta a Matrícula do Censo Escolar - 1997/2015 INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.....	63
QUADRO 5:	Número de Matrículas na Educação Básica dos alunos das escolas pesquisadas (Escola Municipal Presidente Costa e Silva, Escola Municipal Padre Guimaraes e Escola Municipal Monsenhor).....	64
QUADRO 6:	Caracterização do Território do Município de Propriá.....	75
QUADRO 7:	Protocolo de Observação em sala de aula / Prof ^ª Ana N°01 Data: 8/11/2016.....	87
QUADRO 8:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Ana N° 02 Data: 11/11/2016.....	89
QUADRO 9:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Ana N°03 Data: 2/11/2016.....	90
QUADRO 10:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Lúcia N°01 Data: 8/11/2016.....	95
QUADRO 11:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Lúcia N°02 Data: 11/11/2016.....	97
QUADRO 12:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Lúcia N°03 Data: 22/11/2016.....	98
QUADRO 13:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Jane N°01 Data: 08/11/2016.....	102
QUADRO 14:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Jane N°02 Data: 11/11/2016.....	104
QUADRO 15:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Jane N°02 Data: 22/11/2016.....	105
QUADRO 16:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Clara N°01 Data: 08/11/2016.....	111
QUADRO 17:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Clara N°02 Data: 10/11/2016.....	112
QUADRO 18:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Clara N°03 Data: 28/11/2016.....	113
QUADRO 19:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Flor N°01 Data: 08/11/2016.....	117
QUADRO 20:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Flor N°02 Data: 10/11/2016.....	119
QUADRO 21:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Flor N°03 Data: 28/11/2016.....	120
QUADRO 22:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Dulce N°01 Data:	

	08/11/2016.....	123
QUADRO 23:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Dulce N°02 Data: 10/11/2016.....	125
QUADRO 24:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Dulce N°03 Data: 28/11/2016.....	126
QUADRO 25:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Sara N°01 Data: 22/11/2016.....	129
QUADRO 26:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Sara N°02 Data: 23/11/2016.....	131
QUADRO 27:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Sara N°03 Data: 05/12/2016.....	133
QUADRO 28:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Joana N°01 Data: 22/11/2016.....	137
QUADRO 29:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Joana N°02 Data: 23/11/2016.....	138
QUADRO 30:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^ª Joana N°03 Data: 05/12/2016.....	138
QUADRO 31:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^º Pedro N°01 Data: 22/11/2016.....	141
QUADRO 32:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^º Pedro N°02 Data: 23/11/2016.....	143
QUADRO 33:	Protocolo de Observação em sala de aula/Prof ^º Pedro N°03 Data: 05/12/ 2016.....	145

LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1:	Estudo de casos múltiplos, busca de especificidades e convergências....	34
FIGURA 2:	Dialética a partir do estudo de casos múltiplos.....	35
FIGURA 3:	Mapa do Estado de Sergipe e do Município de Propriá.....	61
FIGURA 4:	Capa do Filme/Documentário.....	70
FIGURA 5:	Meio de Locomoção dos professores.....	70
FIGURA 6:	Mapa de Localização do Povoado Boa Esperança, s/n – Propriá.....	77
FIGURA 7:	Mapa de Localização do Povoado Santa Cruz, 737 - Própria.....	79
FIGURA 8:	Mapa de Localização do Povoado São Vicente- Propriá e a Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves.....	82

LISTAS DE FOTOS

FOTO 1:	Professora sendo transportada em Caminhão Pau de Arara.....	72
FOTO 2:	Professora saindo para trabalhar vestida como homem.....	72
FOTO 3:	Escola Municipal Costa e Silva.....	77
FOTO 4:	Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães.....	80
FOTO 5:	Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves.....	82

LISTAS DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1:	Panorama de Estabelecimentos na Educação Básica no Estado de Sergipe.....	65
GRÁFICO 2:	Panorama de Matrículas na Educação Básica no Estado de Sergipe por turno.....	65
GRÁFICO 3:	Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Pessoais – Faixa Etária.....	149
GRÁFICO 4:	Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Pessoais – Formação.....	150
GRÁFICO 5:	Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Profissionais – Tempo de Docência na Educação Básica.....	151
GRÁFICO 6:	Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Profissionais – Tempo que Leciona Nessa Escola.....	152

LISTAS DE SIGLAS

ANFOPE	Associação Nacional Pela Formação dos Profissionais da Educação
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FIDA	Fundo de Desenvolvimento Internacional
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento humano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIT	Universidade Tiradentes
OBEDUC	Observatório da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PPED	Programa de Pós Graduação em Educação
PPP	Projeto Político e Pedagógico
SINTESE	Sindicato dos Professores de Sergipe
SINPRO	Sindicato dos Professores da Bahia-Salvador
TRANSEJA 2	Projeto Transdisciplinaridade na Literacia e Numeracia de Jovens e Adultos do Sertão Sergipano

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 IDENTIDADE, ALTERIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	44
2.1. Habitus da Educação na Construção da Identidade/Alteridade.....	46
2.2 A Construção da Identidade Profissional Docente na Educação Básica.....	49
2.3 Formação de Professores: uma abordagem a partir da especificidade do trabalho docente	52
2.4 Prática do professor nas escolas localizadas nas áreas rurais: formação, valorização e políticas públicas.....	55
2.5 A aprendizagem do aluno na prática docente em curso nas escolas localizadas nas áreas rurais.....	58
3 EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ÁREAS RURAIS DE PROPRIÁ (SE, BRASIL)	61
3.1. Dados da Realidade Nacional e Regional.....	61
3.2 As Turmas Multisseriadas: desafios e perspectivas da realidade das áreas rurais.....	66
3.3 As condições de trabalho nas escolas localizadas nas áreas rurais sergipanas: o filme “Carregadora de Sonhos”.....	68
3.4 Educação básica nos Povoados: Boa Esperança, Santa Cruz e São Vicente (Município de Propriá) - Caracterização do Campo Empírico da Pesquisa.....	74
4 OBSERVAÇÃO DE INDICADORES DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE/ALTERIDADE EM TRÊS ESCOLAS LOCALIZADAS NOS POVOADOS: BOA ESPERANÇA, SANTA CRUZ E SÃO VICENTE (PROPRIÁ-SE)	85
4.1 Observações das práticas docentes.....	85
4.1.1 Ana revelou-se uma excelente mediadora em sala de aula, com seus saberes docentes (profissionais).....	87
4.1.2 Professora Lúcia com os Saberes Docentes, trabalha o acolhimento e o respeito ao próximo.....	94
4.1.3 Professora Jane desenvolve a Alteridade e a Construção da Identidade na sua Prática docente.....	102
4.1.4 Professora Clara promove a participação dos alunos como foco do seu trabalho docente.....	110
4.1.5 Professora Flor e a construção da identidade docente, a partir da alteridade nas relações interpessoais em sala de aula.....	117
4.1.6 Professora Dulce e os processos de ensino e aprendizagem a partir da construção de vida dos alunos das áreas rurais.....	123
4.1.7 Sara demonstra que a alteridade na relação professor – aluno é fundamental, e que a formação de professores contribui para a qualidade do ensino.....	129
4.1.8 Joana e o desafio da construção da identidade docente nas escolas localizadas nas áreas rurais: desafios e perspectivas.....	136
4.1.9 Pedro revelou-se um bom professor em sala de aula, com seus saberes profissionais	141
5 NARRATIVAS DOCENTES: SINAIS DE IDENTIDADE/ALTERIDADE NAS ENTREVISTAS	148
5.1 Opção: ser professor?.....	152
5.2 Interação professor – aluno – conhecimento e metodologia.....	154
5.3 Aprendizagem docente desde o início de profissão.....	156

5.4 Relação afetiva entre o eu-outro (professor e aluno), ensino e aprendizagem.....	158
5.5 Avaliação da aprendizagem dos alunos.....	161
5.6 A consideração da diferença na aprendizagem dos alunos.....	163
5.7 A relação pedagógica na escola situada em áreas rurais.....	164
5.8 Formação docente para atuar nas áreas rurais.....	166
5.9 Escola e formação continuada docente.....	168
5.10 Concepção de educação, ensino, aprendizagem e planejamento.....	169
5.11 A ética em sala de aula.....	171
5.12 Relação prática docente em sala de aula e a cultura local.....	173
5.13 A identidade do profissional no trabalho docente.....	175
5.14 Concepção de políticas públicas da educação nas áreas rurais.....	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
REFERÊNCIAS.....	186
APÊNDICE.....	192
Apêndice A.....	192
Roteiro de Observação.....	192
Apêndice B.....	194
Roteiro de Entrevista.....	194
Apêndice C.....	197
Documento do CEP.....	197

1 INTRODUÇÃO

A educação é uma prática social ampla que contempla a formação do homem em suas múltiplas dimensões, inclusive no que se refere ao mundo do trabalho, transformando-o em um ser político, social e emocional, assim humanizando o sujeito e a sociedade. Nesse processo destaca-se o professor como interlocutor fundamental dos processos de ensino e de aprendizagem. Nesse contexto o professor convive com um jogo de interesses na instância das políticas públicas, cujas articulações lhe impõem grandes desafios para o alcance do objetivo da formação e emancipação humana.

Esta dissertação está fundamentada em uma abordagem histórico-crítica do movimento dialético entre superestrutura e infraestrutura, sociedade civil e sociedade política, instâncias da Educação Básica de níveis macro e micro, considerado o estágio de desenvolvimento local das áreas rurais em que estão localizadas escolas de educação básica, a partir do pressuposto de que a construção da identidade dos sujeitos dá-se a partir da alteridade nas relações sociais e de todo esse contexto. O objeto de estudo é representado pelas interações professor – aluno – conhecimento e representações docentes em três escolas municipais de Propriá (Sergipe), localizadas em áreas rurais (povoados: Boa Esperança, Santa Cruz e São Vicente), na perspectiva da formação da identidade profissional e do exercício da alteridade.

O encontro com esse objeto de pesquisa vem se consolidando ao longo da minha experiência na área de educação, partindo de inquietações sobre a compreensão de como ocorre o processo de aprendizagem do aluno, a partir das interações com o docente no contexto de sala de aula, em particular, das áreas rurais. Trata-se de uma problemática que envolve variáveis que interferem nos processos de ensino e aprendizagem, principalmente as influências das políticas públicas estabelecidas no país, assim como de mitos e preconceitos arraigados a respeito do profissional da educação, da sua formação, sua prática, construção da identidade e seu compromisso.

A capacidade do professor ver-se no lugar do outro (aluno), inclusive na sua relação com o conhecimento, contribui não só para a aprendizagem e desenvolvimento discente, mas para a reconstrução contínua da identidade do próprio docente, agregando valores reciprocamente e possibilitando a reconstrução de conhecimentos e a produção de saberes no processo educacional.

É no seu trabalho no cotidiano escolar que, ao enfrentar desafios contemporâneos, o docente objetiva e explicita seu papel social, pedagógico e político, assim delimitando na prática o conceito do ser ou fazer-se professor. As interações sociais que assinalam sua profissão requerem a compreensão das condições materiais em que elas se desenvolvem.

A proposta desta pesquisa é a de abordar, no plano teórico-prático, as seguintes variáveis relativas ao tema: construção da identidade, alteridade e trabalho docente na Educação Básica de escolas localizadas em áreas rurais no estado de Sergipe, enfatizando sua importância na formação humana. Nesse sentido, fica evidente que a investigação não se volta para a análise de um projeto político-pedagógico da educação do campo, mas para a realidade subjetiva dos professores que trabalham em escolas localizadas em áreas rurais (espaços que se caracterizam pela baixa densidade demográfica, desvalorização da terra na especulação imobiliária, dificuldades de transporte e acesso às tecnologias etc.), embora acabe indicando elementos dos respectivos projetos político-pedagógicos porque centrada nas relações professor – aluno – conhecimento. O foco desta investigação reside na formação da identidade docente.

O interesse para a sua elaboração surgiu a partir do desejo de escrever sobre o tema quando ainda cursava uma Disciplina Especial do Mestrado em Educação na Universidade Tiradentes (Políticas Públicas e Formação de Professor, com a Prof.^a Dr^a Ada Augusta Celestino Bezerra), em 2014, oportunidade em que tive o primeiro contato com as questões que envolvem a alteridade e a construção da identidade docente, a educação básica em áreas rurais, o trabalho docente e as políticas públicas no país. Em uma das aulas, quando da exibição/discussão do filme “Carregadoras de Sonhos” do diretor Deivison Fiuza (2010), documentário da educação básica no estado de Sergipe, que retrata as relações interpessoais na escola e aponta para a construção da identidade docente a partir da alteridade estabelecida entre professor-aluno, despertou-me o interesse por conhecer de perto essa realidade e contribuir de alguma forma para a valorização desses profissionais da educação.

Nessa película é abordada a prática docente de quatro professoras do alto sertão sergipano, que mesmo diante das dificuldades conseguem manter-se éticas por amor à profissão e principalmente pelos seus alunos; várias cenas evidenciaram que, por respeito e amor aos alunos, as professoras desdobram-se para atendê-los nas suas necessidades educativas e especificidades, independentemente das precárias condições de trabalho e acesso às respectivas instituições escolares e da ausência de alteridade nas políticas públicas.

Nesta perspectiva, destaca-se a fala da Prof^a Martha: “tenho que me alimentar aqui escondida para que eles não vejam, porque muitos vão à escola com fome e como eu não posso oferecer a todos, prefiro comer escondida”. Esse exemplo mostra a capacidade dessa professora de se colocar no “lugar do outro” no decorrer da construção da sua própria identidade a partir do trabalho docente, aspecto esse, muito discutido nos textos de Tardif (2009), Nóvoa (1999), Pimenta e Anastasiou (2005), os quais subsidiam esta dissertação.

Esse documentário abre um leque de possibilidades para a revisão das políticas públicas na educação em áreas rurais no Brasil e em Sergipe, de modo a contemplar de forma cuidadosa e respeitosa o trabalho docente. Os processos de ensino e de condução da aprendizagem dos alunos, assim como de gestão escolar, não podem ser tratados como se fossem frutos de um sacerdócio, mas de uma força de trabalho que precisa ser remunerada dignamente e respeitada pela complexidade da atividade exercida e do processo de formação humana, incluindo a formação inicial e continuada de professores.

Foi a partir desse filme que me interessei em desenvolver um trabalho voltado para o trabalho do professor, para aquilo que ele faz acontecer consigo e com os outros, em meio aos grandes desafios enfrentados no exercício da profissão, permanecendo fiel aos seus objetivos sociais e pedagógicos e, acima de tudo, mantendo uma conduta humana ética, tendo em vista a construção da identidade profissional e a formação de seus alunos. Nessa perspectiva comecei a desenvolver diversos trabalhos relacionados ao tema como: construção de artigos, minicursos e oficinas nos mais diversos congressos acadêmicos, sejam esses locais, regionais ou internacionais.

Marx aborda a força de trabalho do mestre - escola, elemento subjetivo fundamental no processo de trabalho educativo, como merecedor de destaque:

A força de trabalho só se torna realidade com seu exercício, só se põe em ação no trabalho. Através da sua ação, o trabalho, despende-se determinada quantidade de músculos, de nervos, de cérebro etc., que se tem de renovar. Ao aumentar esse dispêndio, torna-se necessário aumentar a remuneração. Depois de ter trabalhado hoje, é mister que o proprietário d força de trabalho possa repetir amanhã a mesma atividade, sob as mesmas condições de força e saúde. A soma dos meios de subsistência deve ser, portanto, suficiente para mantê-lo no nível de vida normal do trabalhador (MARX, 2010, p.201).

É na docência que o profissional exerce sua função como uma força de trabalho especializada, que em um trabalho complexo e concreto (para o qual foi preparado e permanece em

formação), possibilita a construção de identidades ao tempo em que se autoaperfeiçoa, nos planos profissional e pessoal. Ou seja, é nesse contato, a partir das experiências e troca de conhecimentos com os alunos que o docente se constitui como sujeito do próprio universo educacional.

O percurso da pesquisa aqui exposta partiu de observações em salas de aulas e análises desses registros e das narrativas docentes obtidas a partir de entrevistas que oportunizaram o acesso aos modos de construção de identidade das professoras, considerando os aspectos sociais e políticos, a influência da cultura (local e global) e a historicidade das instituições em que as práticas dos sujeitos se situam. A perspectiva dialética permitiu-nos apreender as várias vozes trazidas pelos participantes, para estruturar sua narrativa e identificar de onde emergem, como se misturam, transformam-se e são usadas pelo narrador ao (re) construir um sentido de si a partir dos conflitos, contradições, antagonismos, negociações de sentido e cooperações entre os papéis que tomam para si e as diferentes concepções que expressam.

As questões norteadoras da pesquisa são: o trabalho docente nas escolas situadas em áreas rurais, faculta o desenvolvimento da alteridade e a (re) construção contínua da identidade do professor da educação básica? Quais os indicadores da capacidade do professor colocar-se no lugar do outro, quando esse outro é o aluno que se encontra em formação nessas escolas, com suas múltiplas dimensões? Como se configura a identidade desse professor diante do desafio de formar sujeitos nessas áreas rurais na perspectiva emancipadora, em meio a conflitos, restrições regionais, institucionais, políticas, sociais e emocionais? O fundamento dessas questões reside no pressuposto de que o professor é foco de diversas tensões, sendo ele responsável pela condução da aprendizagem do aluno, em especial em sala de aula, o que implica também sua identidade profissional.

Na busca de respostas para essas questões os objetivos assumiram a seguinte formatação: objetivo geral: analisar o processo de construção da identidade docente mediatizada pela alteridade nas relações professor – aluno – conhecimento na educação básica desenvolvida em áreas rurais; objetivos específicos: identificar os fundamentos pedagógicos presentes no trabalho docente nos anos iniciais do ensino fundamental (do pré-escolar ao 5º ano); analisar a presença da alteridade como elemento constitutivo da identidade no trabalho e nos saberes docentes; configurar, através das narrativas docentes, o processo de construção da identidade profissional; e observar a interatividade entre os professores, alunos e os conhecimentos reconstruídos na Educação Básica de escolas situadas em áreas rurais.

Em se tratando da hipótese, afirma-se que o professor, reconstrói sua identidade continuamente através das condições concretas de trabalho e da alteridade, contribuindo para a aprendizagem dos alunos e para sua especificidade docente, em um contexto social, cultural e econômico, sendo sua ação no mundo, ao mesmo tempo, determinante e determinada.

As categorias de análise previamente definidas foram: alteridade; identidade; trabalho docente; cultura local; áreas rurais; saberes docentes e representações. A investigação manteve-se aberta à acuidade para a assimilação de possíveis categorias emergentes no decorrer dos estudos. O ponto de partida advém da alteridade, inerente à condição humana, que se manifesta em várias fases da vida; segundo a psicologia é algo que perpassa a história de desenvolvimento do homem até formar seu núcleo individual. Ela é construída no decorrer do processo e está relacionada à coletividade, ao modo como o homem vê a si e ao outro no meio social, principalmente colocando-se no lugar do outro nessas relações, nos discursos e na prática pedagógica.

O pressuposto teórico da pesquisa é que a alteridade se faz presente no cotidiano de cada um e na construção da identidade, inclusive do professor. Laurenti (2000) descreve que a identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade. O contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. O termo identidade pode ser utilizado para expressar, de certa forma, uma singularidade construída na relação com outros homens. Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com o outro. Desse modo a alteridade seria o meio necessário para o reconhecimento do próprio sujeito como consciência de si e do outro. É na relação pedagógica que o professor se reconhece na figura do seu aluno, como orientador dos processos de ensino e de aprendizagem, com implicações bilaterais.

Nessa perspectiva é importante ponderar que a constituição da identidade do professor está diretamente ligada à interpretação social da sua profissão, como corrobora Silva (2012). Assim, se considera que os movimentos sociais têm intrínseca relação com os projetos educacionais; a escola não é um espaço neutro, portanto, um cenário onde a objetividade se faça presente. Isso implica em dizer, que a instituição tem uma função específica dentro da sociedade em que se encontra inserida. Refletindo sobre o processo da identidade docente, Pimenta e Anastasiou (2005) argumentam que a construção dessa identidade de fato começa desde o momento de opção pela formação pedagógica e prossegue durante todo o exercício profissional. Assim, os anos pas-

sados durante a formação acadêmica e/ou continuada oferecem contributos à identidade do professor, assim como o seu ambiente de trabalho e a conjuntura sócio histórica.

Conforme descrevem a Psicologia e a Filosofia, a alteridade contempla a concepção de que o indivíduo tem para com o outro, sendo antagônico ao ego. Diante dos conceitos postos pela psicologia e pela filosofia, percebe-se que a construção da identidade docente está inter-relacionada com as interações estabelecidas com os discentes durante todo o processo de ensino e de aprendizagem. Sendo assim, a capacidade de se ver no outro e sentir pelo outro, perpassa sobre o campo da alteridade estabelecida nas relações humanas no espaço educacional, corroborando a necessidade de se fazer pesquisas mostrando o quanto a alteridade está presente nos processos de ensino e aprendizagem.

O conhecimento da alteridade nas relações interpessoais na escola de educação básica situada em uma das áreas rurais do estado de Sergipe, possibilita o estabelecimento de correlações com os resultados da aprendizagem do aluno e a compreensão de *como* o sujeito constrói o conceito de eu-outro, por meio de uma reflexão a partir da sua prática docente e da forma como lida com as adversidades na sua profissão, frente às relações que estabelece com o meio rural.

O tema alteridade é emergente nas investigações e nas práticas da educação em áreas rurais na Educação Básica, principalmente se considerarmos que é nas séries iniciais que se constrói a formação do sujeito no mundo. Sendo assim, as tensões nas relações familiares, escolares e socioculturais são observadas e a Educação coloca-se, por vezes, num lugar de reflexão e mediação, principalmente por meio da escola e seus educadores, tentando gerenciar conflitos e permitindo compreender diferenças para uma vida social mais satisfatória (SANTOS, 2013).

A alteridade é uma arma de resistência contra a “mesmice sistêmica”, pois, “fora do âmbito da totalidade não pode haver novidade, entendida como a existência de algo fora do ‘mesmo’, que é totalidade; só é possível o desdobramento interno do mesmo, fechando-se desta forma o círculo na identidade do ser (TREVISAN, p. 56, 2006)”.

É na ação comunicativa que a estabilidade relativa de uma realidade objetiva pode tomar corpo. É o espaço entre o sujeito e seu outro, mediado pela comunicação, pelas relações, instituições, posicionamentos, identidades e poder, entre tantos outros atos comunicativos, que dá conta da realidade precária, e ao mesmo tempo sólida, dum mundo objetivo.

A alteridade está presente na relação afetiva entre professor e aluno, principalmente no que diz respeito ao ato educar, pois, o aluno da Educação Básica precisa do mediador do pro-

cesso educativo capaz de colocar-se no seu lugar, podendo vê-lo como um todo, considerando suas necessidades básicas para uma formação sólida, visando o seu desenvolvimento no mundo, já que a criança precisa ser inserida no mundo para que possa ter uma formação humana. Sendo assim, Arruda (2002), descreve no seu livro intitulado “Representando a Alteridade”:

A criança é inicialmente um objeto no mundo social dos outros. São elas que dão a ela uma identidade, dando-lhe um nome, colocando-a no campo representacional de gênero. É através dessas mediações que ela emerge no mundo social, tornando-se, através desse processo, um ator independente. A intervenção definidora do outro na constituição do desenvolvimento subjetivo da criança e no conhecimento do eu tem sido um tema forte ao desenvolvimento como uma realização interativa (ARRUDA, 2002, p.84).

Essa perspectiva não fere a legislação educacional vigente, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB Nº 9.394, de 20 dezembro de 1996, apesar de suas contradições e polêmicas, descreve que:

Art.1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, 1996, Art. 1º)

O ato de educar aborda um complexo processo de construção do homem no mundo, enfatizando todas as etapas iniciais na vida da criança na construção da sua identidade. Essa Lei 9.394/1996 foi alterada em seu Art. 29, para contemplar a educação infantil das crianças até 5 anos no contexto da educação básica, o que proporciona aos educadores a oportunidade de trabalhar a alteridade desde os primeiros anos de vida do cidadão.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como **finalidade o desenvolvimento integral da criança** de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Diante do exposto, percebe-se que os processos de ensino e aprendizagem abrangem a assimilação e produção de conhecimentos, mas inclui outras funções sociais e pedagógicas, em uma combinação adequada entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação autônoma do aluno. Ou seja, é necessário que exista uma relação harmoniosa entre ambos, para

que a aprendizagem ocorra de forma cooperativa. Enfim, descrever e analisar as relações de alteridade na educação, no contexto das suas interações, é um desafio que possibilita abrir um leque de questionamentos sobre os processos de ensino e de aprendizagem, em área rural, na contemporaneidade.

Buscamos deslumbrar em um vasto universo de significantes construções pedagógicas a partir das práticas desses professores ao (re) construir conhecimentos, saberes e relações de afetos significativas para estes alunos, tanto para a formação da sua identidade, quanto para o seu desenvolvimento cognitivo, esse que necessita ser desmistificado, explorado, conhecido, a partir dos professores, interlocutores em todo esse processo educacional no país.

O *locus* da investigação constitui-se de três escolas localizadas em áreas rurais do município de Própria (Escola Municipal Presidente Costa e Silva, do Povoado Boa Esperança; Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães, do Povoado Santa Cruz e Escola Municipal Monseñor Afonso de Medeiros Chaves, localizada no Povoado São Vicente), portanto, situadas na região do Baixo São Francisco do Estado de Sergipe vinculada ao Projeto Transdisciplinaridade na Literacia e Numeracia de Jovens e Adultos do Sertão Sergipano – TRANSEJA2 – desenvolvido pelo Observatório de Educação da Universidade Tiradentes, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – OBEDUC/PPED/UNIT/CAPES, conforme Edital 049/2012/CAPES/INEP.

Quando nos referimos a escolas localizadas em áreas rurais, referimo-nos à sua localização física, no contexto de um espaço territorial em que convivem a escola e a comunidade local, com uma população reduzida e vegetação específica. Foram abordados nove professores, dos quais 90% possuem o nível superior, participam da formação continuada (ponto positivo) e atuam nos anos iniciais da Educação Básica (Pré-escola ao 5ºano) do Ensino Fundamental.

As relações interpessoais na Educação Básica nas áreas rurais advém da relação professor/aluno/conhecimento, sendo o educador o profissional e ser humano que parte do pressuposto de que na base das dificuldades da prática educativa, reside sempre a questão da alteridade na construção de identidade, em especial nos anos iniciais do ensino fundamental, quando são lançadas as bases da personalidade. Trata-se de um profissional cuja identidade repercute nas identidades de alunos, ambos em processo de construção, via qualidade das relações e interações estabelecidas entre o educador/educando, possibilitando a troca de conhecimentos e saberes e a

formação futura dos cidadãos, além da clareza da condição docente também de aprendiz, sempre sob determinadas condições materiais.

Professor e aluno intercambiam saberes e experiências no processo de evolução humana, pois ambos estão em constante relação; nos dias atuais é premente essa reflexão, principalmente por parte do mediador do processo educacional, que é o professor. É nessa perspectiva que se justifica a investigação sobre a alteridade e a construção da identidade docente na educação, visando a uma educação básica de qualidade e o bem-estar de todos os envolvidos: escola, alunos, professores, família e sociedade. Acreditamos que o cotidiano escolar também é um espaço onde se faz história dos sujeitos, das instituições e da sociedade, considerando as orientações de Heller (1998).

Assim, impõe-se a necessidade de reflexão também sobre os saberes docentes que se formam e norteiam o trabalho do professor no cotidiano escolar. Tratar dos saberes pedagógicos implica à prática docente, sobretudo pela dependência da teoria em relação à prática, pois esta lhe é anterior. Destaca Tardif (2011) que considera relevante à profissão docente os saberes da experiência, que são produzidos no cotidiano do professor. São saberes que os docentes incorporam progressivamente à sua experiência individual e coletiva, transformando-os em habilidades de saber-fazer e de saber-ser.

Tardif (2011, p. 39) relata que são saberes que “[...] brotam da experiência e são por ela validados”. Os saberes docentes são plurais, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício de trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber proveniente de fontes variadas, que engloba os conteúdos, as competências, habilidades e atitudes dos docentes no âmbito de sua prática profissional que, de certa forma, transformam, reorganizam e até filtram o conjunto desses saberes.

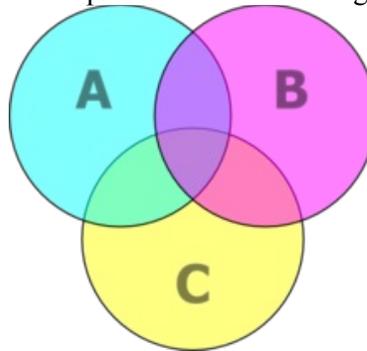
Na pesquisa é decisiva a opção metodológica uma vez que ela supõe uma visão de mundo. Aqui nos inspiramos no método dialética, no materialismo histórico, o que é comum aos autores que fundamentam o seu marco teórico apoiado nos estudos de: Bardin (2011); Bezerra (2007; 2008; 2009;2012;2016); Tardif (2009;2011); Nóvoa (1999); Silva (2003); Marx (2010) e Rios (2010). A dialética é um método que admite que tudo está em movimento e mudança, significa um estado de transformação entre o passado e o momento atual, visto a partir de uma aceção moderna. Para Konder (2004, p.8) “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o

modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”.

Por essa via a análise da realidade parte da confrontação de teses, antíteses e sínteses. Trata-se de uma investigação sobre as relações instaladas entre os homens que, nessa sociedade, carregam determinações de classes sociais, com seus antagonismos e contradições. O método dialético impõe a contextualização do objeto estudado, a partir da dinâmica histórica, cultural e social.

A pesquisa foi delineada sob a inspiração do Estudo de Casos Múltiplos, por ensejar a aproximação dos interesses e variáveis a serem estudadas. Conforme cita GIL (1999) o delineamento da pesquisa parte do seu planejamento amplo, contemplando desde a sua diagramação à análise e interpretação dos dados, com acuidade para o ambiente, independentemente de sua familiaridade com o mesmo, a teoria que inspira o pesquisador (no caso a dialética histórica), os objetivos e hipótese de trabalho.

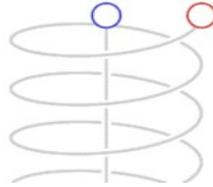
FIGURA 1: Estudo de Casos Múltiplos, Busca de Especificidades e Convergências



FONTE: Elaborado pela autora/2016.

Desse modo, buscou-se conhecer a situação dos professores quanto à construção de sua identidade e à mediação da alteridade, em três escolas municipais (A, B e C), localizadas em povoados diferentes do município de Propriá, partindo das questões e objetivos do estudo, considerando suas especificidades e convergências, assim aumentando a possibilidade de extrair conclusões aproximadas que possam ser características da região e indicadores para estudo em outras escolas de áreas rurais.

FIGURA 2: Dialética
a partir do Estudo de Casos Múltiplos



FONTE: Elaborado pela autora/2016.

Yin (2005), nesse sentido destaca que as possibilidades de conclusões analíticas tornam-se mais “contundentes”. Sob um aspecto mais operacional a metodologia constitui-se de formas por intermédio das quais o pesquisador procura apreender as qualidades do seu objeto de estudo, o que pressupõe uma perspectiva conceitual que, em última instância, expressa o entendimento do investigador a respeito do processo de conhecimento, ou seja, de como ele, investigador, deve se organizar e atuar para ser capaz de apreender e explicar seu objeto de estudo e de responder às questões que o movem à investigação (PIMENTA, GHEDIN e FRANCO, 2006).

A metodologia é um processo que organiza cientificamente todo o movimento reflexivo do sujeito ao empírico e deste ao concreto, até a organização de novos conhecimentos; portanto, não se reduz a mera descrição formal dos métodos e técnicas empregados na investigação, mas sim, a uma organização do pensamento reflexivo-investigativo durante todo o seu processo de desenvolvimento.

Ganha sentido o universo dos significados das ações e relações humanas, na abordagem qualitativa, de natureza analítico-descritiva, pois, segundo Minayo (1994), trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fatos que não podem ser reduzidos apenas à operacionalização de variáveis, a uma análise subjetiva ou apenas às descrições.

O Estudo de Caso Múltiplo, aqui narrado, contempla basicamente o trabalho docente a partir da técnica de observação direta de nove professores do Ensino Fundamental da Educação Básica nos anos iniciais do Ensino Fundamental (pré-escolar ao 5º ano) de três escolas, mediante registro cursivo, complementada por entrevistas posteriores. As observações e entrevistas,

consideradas chaves nesse processo, foram planejadas previamente propondo-se a investigar a alteridade na Educação Básica a partir do trabalho docente em sala de aula e no ambiente escolar. Com essa metodologia buscamos reconstruir teoricamente, dentre outros processos sociais, as relações, os símbolos e os significados da realidade social. O modo pelo qual a metodologia exerce esse papel é o caminho do pensamento rumo ao conhecimento da realidade. Neste contexto de acordo com Minayo (1994, p. 14): “A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a ela”.

O estudo de caso, inspirador desta investigação, pode ser utilizado em diversos tipos de pesquisas, tanto exploratórias quanto descritivas e explicativas. Para Gil (2009, p.5):

O estudo de caso – pelo menos da forma como é concebido no âmbito da Metodologia de Pesquisa Científica – constitui uma das muitas modalidades de delineamento (design, em inglês). Trata-se, pois, de um dos diversos modelos propostos para produção de conhecimento num campo específico, assim como também o são o experimento e o levantamento. E que, embora caracterizado pela flexibilidade, não deixa de ser rigoroso.

Gil (2009), afirma que o Estudo de Caso, constitui uma das muitas modalidades de delineamento da produção de conhecimento num campo específico. Os estudos de caso envolvem as etapas de formulação e delimitação do problema, da seleção da amostra, da determinação dos procedimentos para coleta e análise de dados, bem como dos modelos para sua interpretação. A Observação é uma técnica na Pesquisa de Campo “Constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados” (GIL, 1999, p.110).

Durante o desenvolvimento da pesquisa no primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico a partir da construção do referencial teórico apoiado em vários autores da respectiva área. Em seguida foram escolhidas as técnicas a serem trabalhadas. A primeira foi a Observação referente à aula dos professores selecionados à luz dos critérios da pesquisa; logo após foi realizada a entrevista com perguntas semiestruturadas com questões abertas, a qual foi realizado logo após as observações.

De acordo com Vianna (2007), a observação é uma das características da atividade científica, inclusive na área das ciências humanas, onde as discussões metodológicas sobre o papel da observação como método de pesquisa crescem e aprofundam-se sistematicamente. É uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas em educação, pois

sem ela não há ciência. Ao observador não basta simplesmente olhar, é fundamental que saiba ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos:

A observação é uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas em educação. Sem acurada observação, não há ciência. Anotações cuidadosas e detalhadas vão constituir os dados brutos das observações, cuja qualidade vai depender, em grande parte, da maior ou menor habilidade do observado e também da sua capacidade de observar, sendo ambas as características de intensa formação (p.11).

Corroborando com o autor, afirmamos que para o observador não é suficiente o olhar; o importante é saber ver, identificar e descrever o que está presente nos diversos tipos de interações e processos humanos, o que, no trabalho de campo, requer concentração e sensibilidade. A observação é uma técnica de coleta de dados para obtenção de informações e utiliza os sentidos na captação da realidade. Não se resume em ver e/ou ouvir atitudes dos professores e alunos durante as aulas, mas também em examinar fatos ou interações que se desejam estudar, com clareza do foco da pesquisa (LAKATOS, 2003).

Para Vianna (2007) a observação é considerada a mais disponível das técnicas de coleta de dados. Contudo, percebe-se que exige mais tempo e um maior envolvimento pessoal do pesquisador em busca de seus resultados. A observação, como técnica científica, pressupõe a realização de uma pesquisa com objetivos criteriosamente formulados, planejamento adequado, registro sistemático dos dados, verificação da validade de todo o desenrolar do seu processo e da confiabilidade dos resultados.

Outra técnica utilizada é a entrevista, a qual é importante no tocante ao processo da pesquisa de campo, possibilitando coletar dados através do relato do entrevistado, além da observação realizada:

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mas especificamente, é uma forma de dialogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1999, p.117).

A entrevista é uma técnica de pesquisa empregada para explorar mais amplamente uma questão ou trazer à tona novos temas que estão relacionados à pesquisa. Trata-se de uma situação de comunicação verbal num determinado grupo de duas ou mais pessoas voluntariamente integradas num relacionamento progressivo. Para Lakatos (2003, p.195 e 196):

A entrevista é um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária. Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social.

Nessa pesquisa, a entrevista foi fundamental para ensejar a apropriação das informações pertinentes e significativas sobre o campo estudado, obtendo assim dados que possibilitaram o entendimento sobre o objeto pesquisado, de forma flexível, considerando a história de vida e as representações dos entrevistados.

É muito utilizada no universo das ciências sociais, corroborando com os profissionais que estão relacionados à educação e que tratam de questões humanas, valendo-se dessa técnica, não só para coletar dados, mas também com objetivos voltados para diagnosticar e orientar os envolvidos na pesquisa. Nesta perspectiva percebe-se através das narrativas dos sujeitos detalhes importantes sobre o trabalho docente no ambiente escolar ao utilizar a alteridade “eu-outro”, como pressuposto básico dos processos de ensino e aprendizagem.

Na análise de narrativas docentes foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) visando ao acesso aos modos de construção de identidade docente influenciado pelos aspectos sociais, tendo como influência da cultura, considerando a historicidade das instituições em que as práticas dos sujeitos se situam. Tal análise visa a apreender as várias vozes trazidas pelos participantes, para estruturar sua narrativa e investigar de onde elas emergem, como elas se misturam, se transformam e são usadas para o narrador construir um sentido de si a partir dos conflitos, oposições, negociações de sentido e cooperações entre os papéis que tomam para si e as diferentes posições que elas expressam.

Para Freire (1983), não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem, o que requer um estudo filosófico-antropológico. A busca da identidade de cada um de nós parte do pensar sobre nós mesmos, da tentativa de encontrar na natureza do homem, algo que possa constituir o seu núcleo fundamental, onde se sustenta a sua

personalidade; aí se encontram as bases lançadas pelo processo de educação. Nesta perspectiva, Pimenta destaca que:

A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade (PIMENTA, 1999, p.18).

A educação e a formação humana baseiam-se principalmente, nas interações sociais que constituem o homem no meio social. Tardif (2009, p.23) explica esta relação quando descreve que “a educação repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma imensa concha vazia”. Desse modo a profissão docente é caracterizada pelas interações professor – aluno – conhecimento.

Conforme Gatti (2011), a importância dos professores, a formação inicial e continuada, os planos de carreira, as condições de trabalho e a valorização desses profissionais, entre outros aspectos, ainda são desafios para as políticas educacionais. É preciso não apenas garantir a formação adequada deles, mas também oferecer-lhes condições de trabalho adequadas e valorizá-los, para atraí-los e mantê-los, em sala de aula.

Na educação básica pública, as políticas tiveram por muito tempo no país, o caráter compensatório, sem a devida formulação de diretrizes político - pedagógicas específicas para a construção de um sistema nacional articulado de educação, regulamentação e organização das escolas, e sem o devido financiamento que possibilite a manutenção das mesmas, com um padrão de qualidade.

Quanto à questão da nomenclatura áreas rurais, de algum modo aqui já esclarecida, vale destacar que em se tratando da Lei 9394 de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), o termo utilizado é “Zona Rural”, que descreve como a Educação Básica deve ser oferecida para a população que se encontra afastada da área urbana.

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I – conteúdos curriculares e metodológicos apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

É importante reforçar que não entraremos na discussão das propostas de Educação Rural, Educação no Campo e Educação do Campo, uma vez que o foco da pesquisa não reside nas diferentes propostas político-pedagógicas que se confrontam no discurso e na prática das escolas de Educação Básica localizadas em áreas rurais. Partimos do sentido ontológico da educação que prioriza o desenvolvimento dos alunos, independentemente de sua localização (urbana ou rural), consideradas as respectivas culturas locais e as propostas de formação do cidadão para o mundo.

São as omissões do Estado que acabam repercutindo na particularização do ensino rural, que cresce conforme Silva (2003). Na prática a realidade é bem difícil; são grandes as dificuldades enfrentadas pelos professores das áreas rurais; o sacrifício e a criatividade andam juntos, além do que o contexto sociopolítico compromete os espaços do ensinar e do aprender na educação em áreas rurais ou periféricas. A prática pedagógica, requer autoconsciência, amor à profissão e uma militância contínua, como afirma Tardif (2009, p.69):

Um professor trabalha, portanto, com e sobre seres humanos. Ora, os seres humanos apresentam algumas características que condicionam o trabalho docente. Eles possuem, primeiramente, características psicológicas que definem modalidades de aprendizagem concretas que os professores precisam, de um modo ou de outro, respeitar em sua docência, adaptando-a justamente às “competências” e atitudes de seus alunos.

Ser professor diante desse contexto é um exercício complexo que requer ação - reflexão - ação, condições pessoais, internas e emocionais, interferem no profissional em busca da sua identidade, com a mediação do contexto cultural frente aos cidadãos. Para Bezerra (2012), essa mediação responde pela socialização/apropriação da cultura humana produzida e acumulada historicamente; assim, a função social da instituição escolar no sentido de prover a educação sistematizada, ou seja, a socialização formal da cultura historicamente acumulada junto a todos os cidadãos, faz emergir a especificidade da natureza do trabalho pedagógico escolar, em especial do professor.

Uma especificidade das escolas localizadas em áreas rurais, também consideradas nesta dissertação, refere-se à permanência de turmas multisseriadas, constatadas nas escolas observadas, com suas implicações em termos da eficácia dos processos de ensino e aprendizagem. O Censo Escolar 2002 (INEP/2002) evidenciava a envergadura desse desafio educacional no meio rural no Brasil, apontando inclusive o crescimento de 3,4% de classes

multisseriadas no período de 1984 e 1997. Segundo dados de 2002 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação (MEC), 81 mil escolas do País têm turmas chamadas “multisseriadas”, onde estudam, na mesma sala, alunos de diversas séries, geralmente das quatro primeiras do ensino fundamental.

Tendo em vista à geografia das áreas rurais, com baixa população, moradia esparsas ou isoladas, com casas distantes uma das outras e o deslocamento precário das pessoas que habitam essas regiões, a escolarização nesse contexto vem se configurando em um formato pedagógico específico e diferenciado, denominado de classes multisseriadas. “São escolas nas áreas rurais, muito afastadas das sedes dos municípios, nas quais a população a ser atendida não atinge o contingente definido pelas secretarias de educação para formar uma turma por série” (HAGE, 2011, p.99).

Pelo exposto depreende-se a relevância da temática aqui abordada, alteridade na construção da identidade docente: um estudo de caso em escolas localizadas em áreas rurais, no contexto da linha de pesquisa do Mestrado: Educação e Formação Docente, especialmente no atual contexto nacional marcado por retrocessos pedagógicos nessa área e pelo acirramento da luta do movimento docente e das associações acadêmicas que militam pela valorização e formação do professor como a Associação Nacional Pela Formação dos Profissionais da Educação - ANFOPE e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED.

Nesta primeira seção, Introdução, apresentamos o desenho da pesquisa contemplando: objeto de estudo, pressupostos teóricos, objetivos, método e procedimentos utilizados. Na segunda seção é feita a discussão da educação básica em escolas localizadas em áreas rurais e as categorias alteridade e construção da Identidade, recorrendo oportunamente ao filme Carregadora de Sonhos, documentário de Deivison Fiusa: histórias reais da Educação Básica em escolas localizadas em áreas rurais sergipanas.

A segunda seção trata da identidade, alteridade e formação docente, onde será abordado o habitus na construção da identidade/alteridade; a construção da identidade profissional docente na educação básica; formação de professores: uma abordagem a partir da especificidade do trabalho docente; prática do professor nas escolas localizadas nas áreas rurais: formação, valorização e políticas públicas e a aprendizagem do aluno na prática docente em curso nas escolas localizadas nas áreas rurais.

A terceira seção trata da Educação Básica nas áreas rurais de Propriá (se, Brasil); dados da realidade nacional e regional; as turmas multisseriadas: desafios e perspectivas da realidade das áreas rurais; as condições de trabalho nas escolas localizadas nas áreas rurais sergipanas: o filme “carregadora de sonhos” e educação básica nos povoados: Boa Esperança, Santa Cruz e São Vicente (município de Propriá) - caracterização do campo empírico da pesquisa

A quarta seção trata dos achados da pesquisa através da análise das observações das práticas docentes a partir da observação de indicadores da construção da identidade/alteridade em três escolas localizadas nos povoados: Boa Esperança, Santa Cruz e São Vicente (Propriá-se) ; observações das práticas dos docentes: Ana revelou-se uma excelente mediadora em sala de aula, com seus saberes docentes (profissionais); professora Lúcia com os saberes docentes, trabalha o acolhimento e o respeito ao próximo; professora Jane desenvolve a alteridade e a construção da identidade na sua prática docente; professora Clara promove a participação dos alunos como foco do seu trabalho docente; professora flor e a construção da identidade docente, a partir da alteridade nas relações interpessoais em sala de aula; professora Dulce e os processos de ensino e aprendizagem a partir da construção de vida dos alunos das áreas rurais; Sara demonstra que a alteridade na relação professor – aluno é fundamental, e que a formação de professores contribui para a qualidade do ensino; Joana e o desafio da construção da identidade docente nas escolas localizadas nas áreas rurais: desafios e perspectivas e Pedro revelou-se um bom professore em sala de aula, com seus saberes profissionais.

A quinta seção trata das narrativas docentes: sinais de Identidade/Alteridade nas entrevistas como: opção: ser professor; interação professor – aluno – conhecimento e metodologia; aprendizagem docente desde o início de profissão; relação afetiva entre o eu-outro (professor e aluno), ensino e aprendizagem; avaliação da aprendizagem dos alunos; a consideração da diferença na aprendizagem dos alunos; a relação pedagógica na escola situada em áreas rurais; formação docente para atuar nas áreas rurais; escola e formação continuada docente; concepção de educação, ensino, aprendizagem e planejamento; a ética em sala de aula; relação prática docente em sala de aula e a cultura local; a identidade do profissional no trabalho docente e concepção de políticas públicas da educação nas áreas rurais.

Nas Considerações Finais, é esboçado um fechamento da pesquisa, retomada toda a trajetória teórica-metodológica e a complexidade do tema proposto, reconstruindo assim o próprio objeto de estudo, respondidas as questões norteadoras e extraídas inferências que

elucidam o caso descrito e que, pelo rigor da pesquisa, apresentam indicações para a temática em geral e apontam novos aspectos a elucidar via pesquisas. São realçados avanços e lacunas no que se refere à atuação e às condições de trabalho docente em áreas rurais, sua formação e qualidade de vida.

2 IDENTIDADE, ALTERIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE

A identidade é uma construção progressiva do conceito de si, sendo fruto de determinações psicológicas, sociais e até das condições materiais de vida. É um processo que está em permanente construção, definido pela intermediação constante das identidades assumidas e das identidades visadas. A identidade de alguém é singular; é algo que o indivíduo tem de mais precioso. Não é construída de uma vez no ato do nascimento; constrói-se a partir da infância e ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho; ela depende tanto dos julgamentos dos outros quanto das suas próprias orientações e autodefinições.

A construção da identidade é algo inerente à condição humana, modificando-se nas várias fases da vida. Segundo a psicologia é algo que perpassa à vida do homem até formar seu núcleo individual, ou seja, embora se construa no decorrer do processo ela está relacionada também à coletividade, contemplando a forma pela qual o homem se vê no meio social. Nesta perspectiva Pimenta (1999, p.18) descreve: “a identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado”.

Várias são as concepções de identidade. Para Lévinas, (2016) existe uma relação intrínseca entre a identidade e a alteridade a partir de um contexto ontológico, já que, para o homem ter condições de se colocar no lugar do outro faz-se necessário que se perceba no processo da vida de forma totalitária, podendo ter condições de perceber o outro também. Dubar (2005) a define como um produto de sucessivas socializações. Fernandes; Zaneli (2006) trabalham a questão da identidade pessoal como o modo pelo qual o indivíduo define suas características próprias, seu autoconceito, geralmente comparando-se com outros indivíduos.

Nessa perspectiva, a identidade social refere-se aos conceitos que o indivíduo desenvolve de si mesmo e que derivam de sua afiliação em categorias ou grupos, emocionalmente significantes para ele. Esse tipo de classificação inclui, entre outras, as identidades por afiliação étnica ou cultural, de gênero, de orientação sexual, de classes sociais, de idade ou profissionais. Assim, “as identidades dos indivíduos são construídas de acordo com o ambiente em que se inserem envolvendo, entre outras coisas, as estruturas sociais, a cultura e o histórico das relações” (FERNANDES; ZANELI, 2006, p.60).

Para Dubar (2005) a identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si, constituindo-se em uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo fruto de uma construção psicológica. É um processo em construção, definido pela intermediação constante das identidades assumidas e das identidades visadas. A dinâmica da identidade é alimentada pela busca constante de unidade subjetiva por parte dos indivíduos.

Hall (2005) descreve a identidade como uma “celebração móvel”, sendo definida historicamente e não biologicamente. Nesse processo, vê o sujeito pós-moderno como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade está envolvida no processo de representação. Nas palavras do autor, o efeito dos processos globais da sociedade contemporânea tem sido o de enfraquecer ou ocultar formas de identidade cultural.

No caso da identidade docente, as tensões vividas no cotidiano escolar, as relações sociais e políticas, a trajetória sócio histórica da profissão do professor, o contexto das políticas públicas e as correlações de forças locais e institucionais, representam determinantes relevantes a serem considerados que se acrescentam às histórias de vidas individuais. Além disso, Hall (2005) chama a atenção para a vinculação do sujeito a diversas instâncias de identidade como a de classe social, cultura, gênero, etnia, orientação sexual, ideologia, além da profissional, dentre outras, assim como revela a impossibilidade de identidades únicas e questiona as identidades híbridas. Assim, fica evidente que a identidade é mediada pelas interações com outros, contexto em que emerge a categoria da alteridade.

Em se tratando da alteridade na educação, especialmente nos processos de ensino e aprendizagem, assim descreve Freire (2011, p.196):

Quando se pensa na relação professor e aluno dentro de um conceito de Alteridade, não estamos só imaginando algo de embasamento teórico, não desmerecendo a teoria, mas caímos dentro de uma dimensão prática também, tendo dessa forma um privilégio da prática, vivenciada no cotidiano do ambiente escolar. Essa prática é reconhecida na “participação livre e crítica dos educandos.

Alteridade é a capacidade do ser humano se colocar no lugar do outro, perfazendo um caminho que busca a compreensão dos aspectos inerentes à condição humana na sua essência. Está relacionada às condições que regem a identidade do indivíduo no mundo a partir da sua historicidade. Bezerra et al (2016) ao trabalharem o estado da arte sobre essa categoria, a partir das publicações em periódicos indexados à base de dados *Scopus* revelam que:

a temática é abordada à luz de diferentes métodos como: a dialética, a fenomenologia, o método existencial, o método psicanalítico, a etnografia reflexiva, a história oral, a escrita narrativa e a análise de discurso, sendo convergente a conclusão de todos sobre a alteridade nas relações do sujeito com o outro, como traço de identidade e conjunção [...] A multivisão é enfatizada assim como a dimensão política da alteridade: o sujeito ético é o sujeito de responsabilidade política. Daí emerge a necessidade de superação da perspectiva segregacionista (eu e o outro), em favor da ontologia combativa, assim como a solidariedade como esperança da utopia humanista renovada (um novo humanismo). As pesquisas ainda indicam que não se pode trabalhar a alteridade sem considerar a questão das classes sociais. Militância, utopia e a solidariedade implícitas nessa categoria implicam a inserção dos pesquisadores nos universos político, cultural, ético e estético. (BEZERRA, 2016 p. 29).

Nessa perspectiva a pesquisa aqui relatada trata de forma articulada à identidade e a alteridade na formação docente.

2.1. Habitus da Educação na Construção da Identidade/Alteridade

A educação tem um poder transformador na vida do indivíduo, pode ser considerada um estado interior com o intuito de orientar o homem a partir de uma compreensão maior do processo da vida. Sendo assim, o habitus nesse processo refere-se a uma estrutura geradora das práticas advindas do contexto presente. Nessa perspectiva, Dubar descreve que:

O termo habitus foi utilizado por Durkheim em seu curso publicado com o título de *Évolution pédagogique en France* (A evolução pedagógica) (1904-1905)), em que ele afirma: "há, em cada um de nós, um estado profundo, do qual os outros derivam e no qual encontram sua unidade: é sobre ele que o educador deve exercer uma ação duradoura... e uma disposição geral do espírito e da vontade que mostra as coisas de um ponto de vista determinado... em que o cristianismo consiste em certa atitude da alma, em um certo habitus de nosso ser moral" (ed. 1968, p. 37). É assim que Durkheim define a educação como "a constituição de um estado interior e profundo que orienta o indivíduo em um sentido definido para a vida toda" (DUBAR, 2005, p. 37).

Corroborando com o autor *habitus* abrange processos internos do indivíduo, porém tem relação com o mundo e às pessoas que os cercam, sendo um estado de espírito do homem que está em constante transformação. O *habitus* nada mais é que a cultura do grupo de origem, incorporado à personalidade, importando seus esquemas a todas as situações ulteriores e provocando inaptações cada vez que essas situações se afastam demais das situações da infância.

Entende-se por *habitus*, a capacidade estrutural que gera as práticas orientadas por condições passadas; elas se relacionam com o acesso a bem ou serviço, como também às esperanças subjetivas de cada indivíduo, que estão relacionadas às motivações e necessidades de cada um. Ainda nessa relação percebe-se que as estruturas objetivas produzem também o *habitus* e que são produzidas pela configuração das situações sociais em que desenvolveu a infância do indivíduo, firmando que a constituição do homem depende das relações entre seu processo de origem e as situações sociais vividas na fase adulta. Dubar (2005, p. 82) destaca que:

Para conhecer o *habitus* de um indivíduo, é preciso conhecer o de seus pais e de seus próximos e, em particular, a relação deles com o futuro, e não somente as "condições objetivas" em que ele foi educado. Poder-se-ia, portanto, apreender a mudança, mas sob a condição de a incluir em uma trajetória social característica de uma descendência ou de um "grupo social" previamente definido como tal.

Diante do exposto entende-se que para o autor o *habitus* também tem seu fundamento na trajetória de vida do indivíduo, em que situação ele se encontra e se coloca diante do mundo, qual a relação dele para com o futuro, sua descendência e grupo social do qual faz parte, situando-se quanto à questão da autonomia e à relação de espaço que engloba a classe social e a estrutura da qual o indivíduo faz parte.

Esses aspectos são importantes compreender para que se possa visualizar a estrutura, a autonomia de cada campo que está relacionado com o indivíduo no mundo. É esse espaço que irá definir sua constituição no meio social como uma das questões mais delicadas sobre o grau de autonomia de cada campo em relação ao espaço global de cada classe social, bem como sua estrutura (dominante/dominada), em que contexto encontra-se o indivíduo nesse universo, influenciando assim a sua constituição quanto à identidade com o grupo social do qual faz parte, sob a égide do capital do qual depende a estrutura econômica e política da sociedade.

A teoria dos campos levanta que o grau de autonomia de cada campo em relação ao espaço global das classes sociais e à sua estruturação essencial (dominante/dominada) e secundária (ascendente ou pretendente/descendente ou ameaçada), (DUBAR, 2005, p. 88).

Para o autor o campo do qual o indivíduo faz parte, está relacionado ao pressuposto da posição de poder que ele ocupa na sociedade, ou seja, conforme a posição de classe na qual está inserido, considerada a propriedade ou não dos meios de produção.

Essa relação de ocupação no espaço de classes e cultural, possibilita ao indivíduo a sua construção de identidade individual e principalmente social, fazendo com que se posicione no mundo, ganhando autonomia e identidade, permitindo assimilar o *habitus* na dupla redução da objetividade e da subjetividade referentes à identidade singular e social do indivíduo.

É essa dupla redução - da objetividade à "posição diferencial" e da subjetividade à "tendência a perpetuá-la" - que permite assimilar o *habitus* segundo Bourdieu a uma identidade social definida como identificação a uma posição (relativa) permanente e às disposições que lhe são associadas. Ela permite assegurar a permanência das identidades individuais e a reprodução das estruturas sociais - concebidas ao mesmo tempo como espaços estruturados segundo as mesmas "posições" (alto/baixo) e como relações de dominação (dominantes/dominados) entre "posições" constantemente reproduzidas - através de todas as formas de mudança que nunca constituem senão conversões de estratégias objetivas que não modificam a estruturação do espaço social. Para isso, é necessário e suficiente que cada *habitus* funcione segundo os mesmos princípios e que todas as estratégias tenham "objetivamente" o mesmo resultado: a reprodução do espaço das posições. É isso que fundamenta a possibilidade de uma "economia geral das práticas" à custa dos mesmos tipos de redução que permitiram a constituição da economia política como disciplina científica em todas as suas versões e em todas as suas correntes teóricas (DUBAR, 2005, p. 91).

Partindo dessa compreensão, entende-se que as identidades resultam da trajetória socialmente ligada ao campo estruturado pelo indivíduo, onde as abordagens culturais e funcionais da socialização destacam a característica da formação dos indivíduos no mundo e no contexto em que estão inseridos, contribuindo para sua formação de identidade e constituindo-se nas maneiras de ser no mundo (de sentir, de pensar e de agir) e de um grupo.

[...] quer se trate de seu grupo de origem, no seio do qual transcorreu sua primeira infância e ao qual pertence "objetivamente", quer se trate de outro grupo, no qual quer se integrar e ao qual se refere "subjetivamente", o indivíduo se socializa interiorizando valores, normas e disposições que fazem dele um ser socialmente identificável. (DUBAR, 2005, p. 98).

Com isso, observa-se que cada indivíduo no cotidiano defronta-se com as exigências de como se colocar no mundo devido à demanda de se confrontar com a questão “de quem eu sou”, sendo para este um desafio constante que, ao mesmo tempo, precisa lidar também com a exigência de que deve aprender ao mesmo tempo a se fazer reconhecer pelos outros e a obter o melhor desempenho possível. No entanto, a socialização não pode ser reduzida a uma dimensão

única; ela advém da capacidade de administrar esses conflitos referentes à constituição do indivíduo no mundo. Para Dubar (2005, p. 9) “[...] a socialização é aí definida ao mesmo tempo como ‘individualização do recém-nascido’ e ‘movimento de construção do mundo social’”.

De acordo com os aspectos relacionados à questão da identidade social, a estruturação social serve de suporte para que o homem se constitua, por que não tem como haver individualização sem socialização, pois trata da ligação do indivíduo com o mundo que o cerca e no qual está inserido. É necessário que o homem se veja fazendo parte de um universo de pessoas, percebendo que sua identidade e seu desenvolvimento fará necessária essa relação com o outro, para que só a partir dessa compreensão ele possa constituir-se realmente como homem consciente do seu papel no meio social e no mundo.

Nessa perspectiva a dialética da interação é primeiramente exposta a partir do exemplo da relação amorosa em que o indivíduo torna-se capaz de perceber que o outro também se constitui a partir do outro indivíduo; é a capacidade de conhecer que se conhece no outro, como resultante de um saber de "mão dupla": Ou seja, cada indivíduo é o mesmo a partir do oposto a si mesmo. Sendo assim, a capacidade de se colocar no lugar do outro, transforma em identidade para si-próprio, fazendo com que o indivíduo consiga se perceber a partir do olhar do outro. Essa dialética da representação caracteriza o meio no qual se realiza a apropriação subjetiva do objeto pelo sujeito, sua formação cultural preexistente a sua existência individual.

2.2 A Construção da Identidade Profissional Docente na Educação Básica

A construção da identidade é algo inerente à condição humana, e ela ocorre em várias fases da vida humana, segundo a psicologia é algo que perpassa a vida do homem até formar seu núcleo individual, ou seja, embora se construa no decorrer do processo ela está relacionada também à coletividade de como o homem se vê no meio social.

Para Laurenti (2000) a identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade. O contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. O termo identidade pode, então, ser utilizado para expressar, de certa forma, uma singularidade construída na relação com outros homens:

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação (LAURENTI, 2000, p. 37).

Conforme citação, é importante compreendermos como se constitui a identidade para que possamos entender como ocorre a identidade do professor. Segundo Silva (2012). Compreender a identidade profissional do professor está diretamente ligada à interpretação social da sua profissão. Assim, se considera que os movimentos sociais têm intrínseca relação com os projetos educacionais, é preciso entender que a escola não é um espaço aleatório, portanto, um cenário onde a objetividade se faça presente. Isso implica em dizer, que esta instituição tem uma função específica dentro da sociedade em que se encontra inserida. Portanto, para Freitas (2005, p. 73):

[...] a função social da escola se cumpre na medida da garantia do acesso aos bens culturais, fundamentais para o exercício da cidadania plena no mundo contemporâneo”. E para estar preparado para garantir uma formação satisfatória ao educando, diante da sociedade da qual participa, o professor necessita atualizar-se em seus estudos, ou seja, visitar as teorias da sua formação, como alicerces a balizar a sua prática pedagógica.

O processo de identidade profissional do professor está intrinsecamente ligado à educação . Para Freire (1983), não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem. Por isso, é preciso fazer um estudo filosófico-antrópico. Começamos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se sustente o processo de educação.

A educação baseia-se principalmente nas interações sociais e são estas que constituíram o homem no meio social. Quem explica perfeitamente esta relação é Tardif (2009, p. 23) quando ele descreve que:

A educação repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma imensa concha vazia. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: ao contrário, elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo de trabalho escolar e, principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos.

Ainda com este olhar da dialética marxista Tardif (2009), faz uma correlação com o processo da construção da identidade profissional com o trabalho em termos sociológico, ou seja, o processo do trabalho transforma dialeticamente não apenas o objeto, mas igualmente o

trabalhador, bem como suas condições de trabalho. Trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto em alguma outra coisa, em outro objeto, mas é envolver-se ao mesmo tempo numa práxis fundamental em que o trabalhador também é transformado por seu trabalho. Em termos sociológicos, dir-se-á que o trabalho modifica profundamente a identidade do trabalhador: o ser humano torna-se aquilo que ele faz.

É na construção da identidade profissional docente que se cruza a dimensão pessoal, à linha de continuidade que resulta daquilo que ele é, com os trajetos partilhados com os outros, nos diversos contextos o qual faz parte; daqui a importância de considerar os espaços e as situações de reflexão partilhada como facilitador do processo pessoal e profissional, potencializando apropriação cognitiva dos mecanismos profissionais e de mudanças de perspectivas. É neste sentido que ressaltamos o valor das mudanças de práticas docentes como vias alternativas da formação de professores, e reconsideramos a metodologia da história de vida. (NÓVOA, 1999).

Nessa perspectiva, outro autor que corrobora com esse pensar é Dubar (2005, p. 102), quando descreve que:

a dialética do trabalho ocupa, na apresentação de Habermas, um lugar central: encontrando no jovem Hegel uma construção próxima à que Marx e Engels desenvolverão em uma parte essencial de sua obra comum, ele coloca na esfera do trabalho e da troca a origem da identidade e da "institucionalização do reconhecimento recíproco" nas sociedades modernas. Aliás, Marx atribuíra a Hegel a paternidade dessa concepção do trabalho como "essência do homem", principalmente neste célebre texto dos Manuscritos de 1844 [Manuscritos econômico-filosóficos].

Portanto, cabe frisar que todo o processo que envolve o professor desde a construção da sua identidade até a valorização da sua práxis, deve ser considerado como elo articulador, conforme afirma Gatti (2011) quando enfatiza a importância dos professores:

A formação inicial e continuada, os planos de carreira, as condições de trabalho e a valorização desses profissionais, entre outros aspectos, ainda são desafios para as políticas educacionais. É preciso não apenas garantir a formação adequada desses profissionais, mas também oferecer-lhes condições de trabalho adequadas e valorizá-los, para atrair e manter, em sala de aula, esses profissionais (p.11).

Com isso, saliento o quanto é importante, a construção da identidade, que se dá inicialmente pelo reconhecimento de que o homem é um ser condicionado social e historicamente e,

como tal, pode e deve interferir na realidade que o cerca. Em outras palavras, o homem transforma a realidade e, ao mesmo tempo, é transformado por ela (FREITAS, 2016). Em se tratando do docente, a sua formação pedagógica é fundamental para a construção da sua identidade profissional. Gatti afirma:

O reconhecimento dos docentes da educação básica como profissionais essenciais ao país passa pela oferta de carreira digna e remuneração condizente com a formação deles exigida e ao trabalho deles esperado. Não se pode camuflar isso com sofismas que não contribuem com a profissionalização dos professores e a construção de sua identidade profissional com características comuns valorizadas (GATTI, 2011, p.139).

Ratificamos o pensamento de Gatti (2011), no sentido de que cada vez mais, os professores trabalham em uma situação em que a distância entre a idealização da profissão e a realidade de trabalho tende a aumentar, em razão da complexidade e da multiplicidade de tarefas que são chamadas a cumprir nas escolas. A nova situação solicita, cada vez mais, que esse (a) profissional esteja preparado (a) para exercer uma prática contextualizada, atenta às especificidades do momento, à cultura local, ao alunado diverso em sua trajetória de vida e às expectativas escolares. Uma prática que depende não apenas de conhecimentos e de competências cognitivas no ato de ensinar, mas também de valores e atitudes favoráveis a uma postura profissional aberta, capaz de criar e ensaiar alternativas para os desafios que se apresentam.

2.3 Formação de Professores: uma abordagem a partir da especificidade do trabalho docente

Ser professor diante desse contexto é algo complexo, cabendo uma reflexão acerca das condições internas e emocionais desse profissional em busca da sua identidade, seja ela profissional bem como pessoal, mediada pelo contexto cultural frente aos cidadãos. Para Bezerra (2012) essa mediação torna-se perceptível quando compreendemos a educação como apropriação da cultura humana.

A compreensão da educação como apropriação da cultura humana e da função social da instituição escolar no sentido de prover a educação sistematizada, ou seja, a socialização formal da cultura historicamente acumulada junto a todos os cidadãos faz emergir a especificidade da natureza do trabalho pedagógico

escolar, em especial o do professor. Essa especificidade do trabalho docente é hoje objeto de reflexão contínua por parte de educadores, até como elemento identitário, diante dos diferentes apelos e novos atributos que são demandados desse profissional pelo estado neoliberal (BEZERRA, 2012, p.32).

Antes do homem ser um profissional da educação, ele tem uma identidade própria, que diz respeito ao seu ser, como pessoa e profissional; daí surge a complexa relação com o trabalho e sua prática pedagógica, ou seja, como ser um excelente professor se o meio não possibilita condições necessárias para que este desenvolva o seu papel frente a sociedade.

Segundo Marx (2008) o sentido ontológico de trabalho refere-se à mediação entre os homens e entre estes e a natureza externa, tratando-se de atividade tipicamente humana, transformadora do homem e da natureza (ou seja, da ordem social e natural). Nessa perspectiva Bezerra (2012) esclarece que o trabalho é a unidade prática/teoria, expressão da cultura e do modo de produção e reprodução da existência; ainda elucida que trabalho é produção de riquezas e bem-estar sociais (caráter útil e produtivo manifesto na produção de valores de uso) e prática social produtora do conhecimento.

Nesse contexto a prática docente nas áreas rurais é entendida como uma prática social, onde as relações se complementam a partir da construção de conhecimento e de transformação do homem. Conforme afirma Bezerra (2012, p.36):

O trabalho dos profissionais da educação sendo, como o trabalho em geral, entendido como prática social fundamental pela qual é (re) produzida a própria existência, constituído de relações do homem com a natureza e com os demais homens. Dessa concepção pode-se inferir desde já a especificidade do trabalho do professor, um trabalho humano que é criador da própria humanidade do aluno, que se humaniza progressivamente pela apropriação da cultura produzida socialmente e acumulada historicamente, com a mediação docente.

Bezerra (2012) destaca que o professor (força de trabalho docente) é, sem dúvida, o elemento subjetivo do processo do trabalho pedagógico escolar, embora a ênfase na sua função mediadora entre o aluno e o conhecimento leve alguns a considerá-lo como meio: suas atividades, especialmente a aula, nessa perspectiva, são vistas como recursos de socialização do conhecimento historicamente acumulado. Ou seja, é possível percebermos essa realidade quando se trata da prática docente do professor da zona rural, onde terá que tirar forças internas e criatividade para se fazer o elemento subjetivo do processo ensino aprendizagem, para que o seu aluno possa alcançar a construção de conhecimento o qual foi mediada por este.

Para tanto, além da necessidade de entendermos o trabalho docente se faz necessário

compreendermos a importância da formação do professor neste novo contexto. Para Nóvoa (1999), é fundamental que as instituições de formação ocupem um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum, a qual facilitará a conscientização sobre o papel de ser professor.

Conforme seu entendimento, Nóvoa afirma a importância da formação de professores em que:

A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão. Ao longo da sua história, a formação de professores tem oscilado entre modelos académicos, centrados nas instituições e em conhecimentos “fundamentais”, e modelos práticos, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”. A formação de professores precisa de ser repensada e reestruturada *com um todo*, abrangendo as dimensões da formação inicial, da indução e da formação contínua (Hargreaves, 1991). A relação dos professores ao saber constitui um dos capítulos principais da história da profissão docente: Os professores são portadores (e produtos) de um saber próprio ou são apenas transmissores (e reprodutores) de um saber alheio? Portanto, a escola deve promover o saber como instrumento: por um lado, centrando-se numa dezena de conceitos de base, interdisciplinares, que constituem outros tantos ângulos de abordagem da realidade dos dias de hoje; por outro lado, aprendendo a organizar a massa de conhecimentos actuais. (NÓVOA, 1999, p. 26-28)

Com isso, percebe-se o quanto é fundamental que a nova cultura profissional se pautem por critérios de grande exigência em relação à carreira docente (condições de acesso, progressão, avaliação, etc). Os professores que não investirem neste projeto é evidente que outras instâncias (Estado, Universidades, etc) ocuparão o território deixado livre, reivindicando uma qualquer legitimidade de pilotagem da profissão docente. Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer as identidades. A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambiguidade que afetam hoje a profissão docente. (NÓVOA, 1999).

Para GATTI (2011), a importância dos professores, a formação inicial e continuada, os planos de carreira, as condições de trabalho e a valorização desses profissionais, entre outros aspectos, ainda são desafios para as políticas educacionais. É preciso não apenas garantir a formação adequada desses profissionais, mas também oferecer-lhes condições de trabalho adequadas e valorizá-los, para atrair e manter, em sala de aula, esses profissionais. Por isso, que a discussão sobre a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica e o delineamento de um sistema nacional de educação são elementos importantes das

políticas federais que impactam diretamente sobre as políticas de formação e profissionalização dos professores em todo o país.

A verdade é que, hoje, tanto as economias mais dinâmicas (que assimilam inovações tecnológicas e de organização dos processos de trabalho próprias do modelo de acumulação flexível) quanto as menos dinâmicas (cuja base técnica e a organização dos processos de trabalho estão calcadas no modelo fordista) já apresentam demandas em termos de novos incrementos na formação da força de trabalho, os quais constituem desafios para a educação e para a escola, em particular, independentemente do seu caráter público ou privado. Isso vem sendo constatado à medida que a dinâmica do capitalismo – produzida não só por força dos conflitos sociais, mas também pelo progresso tecnológico – vem eliminando postos de trabalho no mercado para os quais havia um perfil definido em termos de demandas de formação escolar e criando novas funções que impõem um novo perfil na qualificação do trabalhador (BEZERRA, 2008)

Com isso, entendemos a importância e o papel da escola, como um espaço fundamental na construção da identidade do homem, seja ele na condição de educador, ou de educando. Conforme cita Bezerra (2007, p.95):

É a escola, portanto, o espaço educativo por excelência, sofrendo diversas determinações concretas da infraestrutura, daí porque se caracteriza também por relações de força, de poder, cuja conformação e intensidade relacionam-se com a natureza do seu projeto político-pedagógico, com a luta concreta por uma perspectiva de vida social. É fonte de conhecimento, não só pela socialização do saber acumulado historicamente mas também pela crítica, superação e descobertas, no que se destaca a contribuição da ciência.

Corroborando com a autora, a escola é o lugar em que o indivíduo se constitui como sujeito social, ampliando seus conhecimentos e a construção da sua identidade (singular e social), inclusive com os percalços das políticas públicas do país.

2.4 Prática do professor nas escolas localizadas nas áreas rurais: formação, valorização e políticas públicas.

Atualmente, o maior desafio da educação brasileira é compreender a prática pedagógica por se tratar de algo tão complexo, que envolve vários contextos internos e externos. Tratando-se do professor de escolas situadas nas áreas rurais, esse desafio tende a ser maior, principalmente pela defasagem dessa realidade da prática professor-aluno frente às políticas

públicas que ainda não as alcançam efetivamente. As leis estão presentes, porém é necessário que o Estado faça cumpri-las em favor da reconstrução da qualidade da educação básica.

Vázquez (1990) descreve a atividade prática como toda atividade humana que se manifesta no trabalho, na criação artística ou na práxis revolucionária; é uma atividade adequada a objetivos, cujo cumprimento exige, certa atividade cognoscitiva. Mas o que de fato caracteriza a atividade prática é o caráter real, objetivo, da matéria-prima sobre a qual se atua, dos meios ou instrumentos com que se exerce a ação e de seu resultado ou produto. Na atividade prática, o sujeito age sobre uma matéria que existe independentemente de sua consciência e das diversas operações ou manipulações exigidas para sua transformação.

É a partir dessa reflexão que passamos a compreender o papel das políticas públicas sobre o professor que atua na educação de populações das áreas rurais. Parafraseando Vázquez (1990), pode-se afirmar que existe uma práxis política que pressupõe a participação de amplos setores da sociedade. Mas não se trata de uma atividade espontânea, ainda que nela se deem atos espontâneos de determinados indivíduos ou grupos. Uma política que corresponda a essas possibilidades e que exclua todo aventureirismo exige um conhecimento dessa realidade e da correlação de classes para não se propor ações que culminem, inexoravelmente, num fracasso. A luta tem que ser, por conseguinte, consciente, organizada e dirigida e a necessidade de levá-la a cabo, dessa forma explica a criação dos partidos políticos. A partir dessa reflexão percebemos que há uma influência na prática pedagógica das políticas públicas, assim interferindo na construção de um conceito de si sobre este profissional que atua nas escolas das áreas rurais. Conforme retrata Silva (2003, p.8):

As políticas que surgiram para a educação tiveram caráter compensatório, agravando ainda mais o quadro de defasagem pré-estabelecido, sem a devida formulação de diretrizes político pedagógicas específicas, para a regulamentação e organização dessas escolas, e o devido financiamento que possibilite a manutenção das mesmas com qualidade, acabou repercutindo em outro fenômeno que foi a particularização do ensino rural. Sendo então a comunidade responsável pelas instalações que serviram de escolas, quase sempre um salão ou “galpão” como eram chamados os locais que serviam de escolas e pelo pagamento dos professores, que era irrisório, não se constituindo dessa forma o campo como local prioritário para ações institucionais do estado nos âmbitos das políticas públicas e sociais.

São grandes as dificuldades enfrentadas pelos professores das escolas localizadas nas áreas rurais, onde o sacrifício e a criatividade andam juntos criando condições para que se possa

fazer algo em prol da prática educativa. Ou seja, o professor tende a ser forte frente às complexas situações enfrentadas no cotidiano da sua prática, devido à falta de condições de um bom desempenho, fruto de inadequadas políticas públicas. No atual contexto sociopolítico há uma tendência a comprometer os espaços do ensinar e do aprender na educação ministrada nas áreas rurais, onde o professor fica, muitas vezes, impossibilitado de atuar com sua prática pedagógica, tendo que superar essas dificuldades por conta própria a partir de uma autoconsciência e do amor à profissão.

A prática docente não se conforma a estruturas delineadas, é preciso entender que nela, há conteúdos difusos, complexos e que fogem ao rigor científico e se coloca que nem sempre a questão a ser resolvida no trabalho esta relacionada ao como fazer, mas ao que fazer e por que fazê-lo em um contexto particular e determinado, ou seja, a prática requer do profissional uma análise aprofundada do ofício o qual está sendo desenvolvido (HORIKAWA, 2015).

Para Vásquez (1990) as exigências da prática contemporânea – direção de processos complexos, assimilação do cosmos, indústria automatizada, etc. – constituem uma poderosa fonte de desenvolvimento da teoria. A prática, em seu mais amplo sentido e, particularmente, a produção, evidencia seu caráter de fundamento da teoria na medida em que esta se encontra vinculada às necessidades práticas do homem (ser social). Portanto essa reflexão faz repensar a prática pedagógica do professor na realidade. Conforme afirma Tardif (2009):

Um professor trabalha, portanto, com e sobre seres humanos. Ora, os seres humanos apresentam algumas características que condicionam o trabalho docente. Eles possuem, primeiramente, características psicológicas que definem modalidades de aprendizagem concretas que os professores precisam, de um modo ou de outro, respeitar em sua docência, adaptando-a justamente às “competências” e atitudes de seus alunos (TARDIF, 2009, p.69)

Para a construção da identidade do professor, cabe compreender o valor da escola nesse processo, contexto em que esse profissional é responsável pela formação de outros seres humanos. A educação escolar tem como função, além de formar para o trabalho como existe a demanda da sociedade atual, formar para a cidadania, embora esta seja uma categoria assimilada pelo empresariado e distorcida pelo discurso neoliberal, conforme os objetivos do modo de produção capitalista (BEZERRA, 2007).

Cabe destacar o papel das políticas públicas sobre a educação. Para Gatti et al (2011) o olhar sobre as políticas implica pensar em “governo da educação”, o que supõe uma mudança

conceitual que acentua as políticas relativas aos docentes em um marco de governo, ou de governos que se sucedem em uma sociedade, e não as tratando como programas esparsos ou de forma genérica, sem ancoragem. Considerando que Gatti et al (2011, p. 13) afirmam que o “sistema educativo e seus problemas de governabilidade não são mais que reflexo dos problemas de governabilidade que existem na sociedade em seu conjunto”, tem-se como decorrência, que as linhas de ação governamental implementadas na direção das redes escolares adquirem significado específico, a depender do contexto sociopolítico e do momento em que são desenvolvidas.

Nesse sentido emerge a clareza do papel do Estado frente à sociedade, visando à mudança urgente sobre a educação nas áreas rurais, de modo a oferecer uma educação de qualidade a todos, possibilitando uma sociedade justa. Para Gatti (2010, p. 21 e 24):

(...) há algumas décadas, a educação, o governo da educação, o trabalho dos professores, os currículos, entre outros aspectos relativos à escolarização, se definiam dentro de um projeto de construção de um Estado-nação-a finalidade das redes educacionais. Hoje, a finalidade está situada, em tese, na construção de uma sociedade mais justa. O conceito atual é o da inclusão de todos no que diz respeito aos bens públicos educacionais e sociais, e isso não estava posto anteriormente nos projetos de Estado como nação. Em decorrência, precisamos de “uma escola justa e para ter uma escola justa precisamos de professores que assumam esse compromisso.

Fica evidente o papel dos governos frente às políticas públicas de Estado, de fundamental importância para que o processo educativo ocorra com continuidade e qualidade, mediante o trabalho dos professores que se identificam com a profissão (assumem de fato o ser professor).

2.5 A aprendizagem do aluno na prática docente em curso nas escolas localizadas nas áreas rurais

Falar de educação nas áreas rurais é tratar dos avanços, retrocessos, contradições e lacunas ocorridas no processo de desenvolvimento nos últimos tempos. O requisito da educação apresenta lacunas, embora nas tecnologias relacionadas a alimentos, maquinário e produtos do campo, e dos movimentos sociais, registrem-se avanços. A figura do professor continua em desamparo, pois, os governos não valorizam os professores a partir das suas condições de trabalho e formação continuada.

Pinheiro (2011) cita que avanços e lacunas ocorreram na educação no Brasil nas

últimas décadas, por que avanços aconteciam na zona rural, porém na educação só era possível perceber através dos movimentos sociais:

[...] a educação do campo, tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros [...] inovaram: no maquinário, no aumento da produção de grão, nos agrotóxicos, alterações dos genes das sementes para exportação em larga escala. Mas os que têm usufruído desses avanços são pequenos grupos de latifundiários, banqueiros e políticos nacionais e internacionais. Enquanto a outros é negado o acesso a terra para sobreviver e garantir o sustento de outros brasileiros. (PINHEIRO, 2011, p.5 e 6)

Nóvoa (1999) aponta uma contradição: definem-se finalidades em política educativa que manifestam uma aparente visão holística, global e integrada dos problemas, mas regula-se e decide-se compartimentalizando, desagregando, gerando conflitos e entropias. Proclama-se uma escola humanista, capaz de satisfazer as aspirações individuais e de facilitar a auto-realização, mas o sistema opera, antes de tudo, de forma a procurar satisfazer as necessidades econômico-sociais de formação e de encaminhamento profissional e social.

É fundamental que se amplie o olhar no contexto da aprendizagem do aluno. Segundo Atchoarena (2004), a qualidade e a eficácia da educação e outras formas de educação básica devem levar à realização de aprendizagem e mudanças positivas no comportamento do educando.

Avaliações de desempenho de aprendizagem de alunos de áreas rurais em programas de educação básica, têm geralmente encontrado alguns ganhos em conhecimentos e competências gerais e específicas, incluindo a alfabetização, não limitado a ela. Ou seja, embora haja exceções locais para o padrão da educação básica em áreas rurais em países de baixa renda, as oportunidades básicas de aprendizagem são geralmente inadequadas para que se estabeleça uma ruptura no círculo vicioso da pobreza. Esta falta de oportunidades da aprendizagem básica é simultaneamente uma causa e um efeito da pobreza rural o Fundo de Desenvolvimento Internacional (FIDA) chama de “obstáculos inter-relacionados” (ATCHOARENA, 2004). Os habitantes das zonas rurais são mais pobres, em parte, porque são mais propensos a viver em áreas remotas, têm saúde precária e são analfabetos em sua maioria, têm famílias maiores e ocupam empregos precários e de baixa produtividade. Acrescente-se a experiência de

discriminação como membros de minorias étnicas.

Diante desse contexto, é possível perceber o descaso com a educação nas áreas rurais, o que compromete o trabalho pedagógico. Um documentário produzido em Sergipe retrata essa situação política, situando o papel do educador e o comprometimento da sua ação; trata-se do curta metragem “Carregadoras de Sonhos” um filme de Deivison Fiuza, que mostra quatro professoras em ação e os obstáculos que enfrentam para conseguir chegar à sala de aula no interior do estado.

Coragem, determinação e sonhos, as forças que movem essas educadoras, em busca de proporcionar a melhor aprendizagem para seu educando, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas no cotidiano da profissão professor e da manutenção da sua sobrevivência. A alteridade apresenta-se no discurso e na prática dessas professoras, emergindo indicativo forte de que a formação docente não é tão precária quanto se propaga, sendo hilariantes e paradoxais as condições concretas de trabalho que de fato determinam grandemente a qualidade do trabalho educativo nessas localidades.

3 EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ÁREAS RURAIS DE PROPRIÁ (SE, BRASIL)

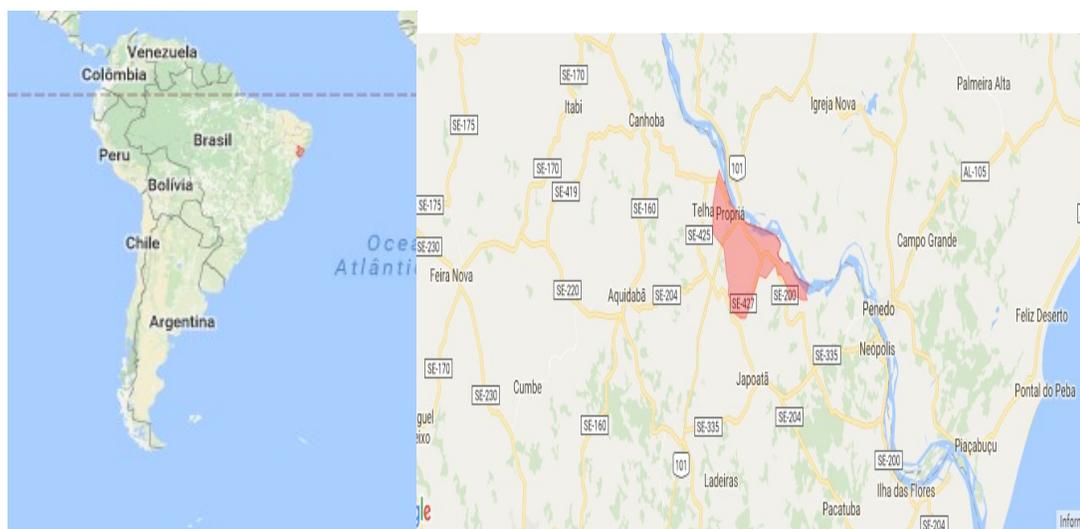
Esta seção trata de descrever os dados da realidade nacional e regional relacionados à educação básica nas áreas rurais, e em especial no estado de Sergipe, município de Propriá (*locus* da pesquisa).

3.1. Dados da Realidade Nacional e Regional

Para a realização da pesquisa descrita nesta dissertação, foi necessário o suporte de informações advindo dos sites do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e os dados fornecidos pelos diretores das escolas.

As figuras a seguir retratam um panorama geral das populações residentes no Brasil por regionalidade, destacam informações importantes para que a seguir descreva-se o número de matrículas na Educação Básica, realizadas no Brasil por regiões, juntamente com o mapa de localização do Estado de Sergipe e do Município de Propriá onde ocorreu a pesquisa.

Figuras 3 - Mapa do Estado de Sergipe e do Município de Propriá



Fonte: Maps Google (acessado em dezembro de 2016)

Quadro 01: População Residente no Brasil por Federação

ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO BRASIL – NORDESTE – SERGIPE – PROPRIÁ COM DATA DE REFERÊNCIA EM 1º DE JULHO DE 2016	
BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	POPULAÇÃO ESTIMADA
Brasil	206.081.432
Região Nordeste	56.915.936
SERGIPE	2.265.779
PROPRIÁ	29.745

FONTE: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Dados de 2016 informam a população do Brasil em 206.081.432 de habitantes, na Região Nordeste cerca de 56.915.936 de habitantes, em Sergipe cerca de 2.265.779 de habitantes e no município de Propriá onde ocorreu a pesquisa a população está estimada em 29.745 habitantes. Quanto ao número de escolas e matrículas da Educação Básica no Brasil, Nordeste e em Propriá, os quadros seguintes são ilustrativos:

Quadro 02: Número de Escolas de Educação Básica no Brasil

EDUCAÇÃO BÁSICA	NÚMERO DE ESCOLAS
BRASIL	183.487 escolas

Fonte Censo Escolar/INEP 2015 | Total de Escolas de Educação Básica: 183487 | Qedu.org.br

Quadro 03 - Número de Matrículas na Educação Básica na região NE

			Número de Matrículas
Ano Censo	Nome Região	Nome UF	
2014	NORDESTE Total		14.806.714
	NORDESTE	ALAGOAS	912.740
		BAHIA	3.703.824
		CEARÁ	2.295.034
		MARANHÃO	2.100.008
		PARAÍBA	1.037.073
		PERNAMBUCO	2.394.561
		PIAUI	915.816
		RIO GRANDE DO NORTE	877.431
	SERGIPE	570.227	
Total			14.806.714

Fonte: INEP 2015/ QEdU.org.br

Esses dados revelam que na região Nordeste encontram-se 14.806.714 matrículas na Educação Básica, considerando as séries iniciais do ensino fundamental, abordando da creche até 5 anos desse ciclo por toda região Nordeste. O lócus da nossa pesquisa encontra-se justamente no estado de Sergipe que detém um total de 570.227 matrículas.

As informações relacionadas ao município onde ocorreu a pesquisa seguem no próximo quadro que trata das matrículas realizadas nas escolas localizadas em todo o município, incluindo as localizadas em áreas rurais.

Quadro 04 - Sistema de Consulta a Matrícula do Censo Escolar - 1997/2015
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Número Matrículas - Censo Escolar						
Município	Dependência Administrativa	Tipo de Mediação Didático – Pedagógica	Ensino Regular			
			Edu. Infantil		Ensino Fundamental ¹	
			Creche	Pré-Escola	Anos Iniciais	Anos Finais
Propriá	Federal	Presencial	0	0	0	0
	Estadual	Presencial	0	0	653	906
	Municipal	Presencial	166	379	850	388
	Privada	Presencial	161	566	1183	935
	Total		327	945	2686	2229

Fonte: INEP 2015

Pelo Censo Escolar – 1997/2015, referente aos Anos iniciais na Primeira Fase do ensino fundamental, ou seja, da 1ª a 4ª série para sistemas com 8 anos de duração, ou, do 1º ao 5º ano para sistemas com 9 anos de duração, assim como aos Anos Finais: Segunda Fase do ensino

fundamental, ou seja, da 5ª a 8ª série para sistemas com 8 anos de duração, ou, do 6º ao 9º ano para sistemas com 9 anos de duração.

No município de Propriá segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP 2015, o número de matrículas na Educação Básica da rede municipal perfaz 850 alunos nos anos iniciais e 388 nos anos finais (total de 1.238), sendo superada pela rede privada (2.118 alunos). Na Educação Infantil municipal as matrículas alcançam 551 alunos, também superadas pela rede particular de ensino (727). Chama a atenção apenas uma leve diferença favorável à rede municipal na Creche.

Esses dados revelam a realidade socioeconômica e cultural do município de Propriá, cuja situação de classe emerge ao analisar os quadros. A título de exemplo destaca-se que a classe média que ocupa as vagas da rede particular detém um número significativamente maior nos anos finais do ensino fundamental, reforçando a tese de Dubar (2005) de que a situação de classe dos indivíduos define sua posição no sistema educacional; assim a continuidade dos estudos ainda é uma utopia para as camadas populares.

No próximo quadro são apresentados números relacionados às escolas do município localizadas nas áreas rurais, o que torna possível compreender a realidade da Educação Básica constatada in loco pela pesquisadora nas escolas, com especial permanência das classes multisseriadas em pleno século XXI. Também, a título de comparação seguem os números de alunos matriculados na Educação Básica das escolas da rede estadual.

Quadro 05 – Número de Matrículas na Educação Básica dos alunos das escolas pesquisadas (Escola Municipal Presidente Costa e Silva, Escola Municipal Padre Guimaraes e Escola Municipal Monsenhor).

ESCOLAS	EDUCAÇÃO BÁSICA		TOTAL DE ALUNOS
	Creche e Pré-escola/ Classe Multisseriada Quantidade de alunos matriculados (faixa etária)	Anos iniciais (1o – 5o)	
Escola Municipal Presidente Costa e Silva	24 alunos (3, 4 e 5 anos)	43 alunos (1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental)	67 alunos
Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães	33 alunos (3, 4 e 5 anos)	51 alunos (1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental)	84 alunos
Escola Municipal Monsenhor	29 alunos (4 e 5 anos)	115 alunos (1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental)	144 alunos

Fonte: Dados fornecidos pelos diretores das escolas

Após essa descrição, apresenta-se o panorama de distribuição urbano/rural dos estabelecimentos da Educação Básica em Sergipe, conforme demonstra o gráfico seguinte.

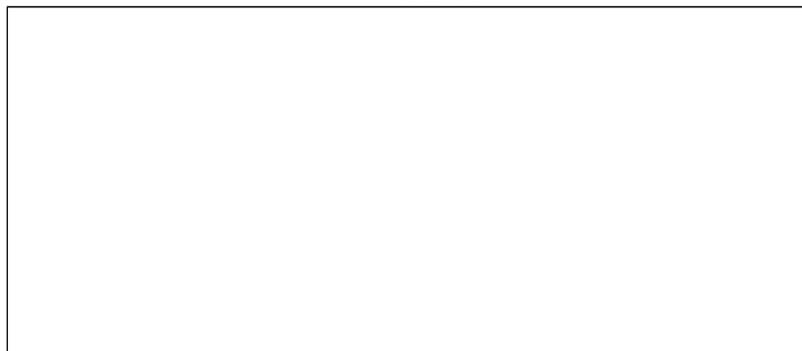
Gráfico 1 - Panorama de Estabelecimentos na Educação Básica no Estado de Sergipe



Fonte: Inep Data-Consulta de Informações Educacionais Censo 2014

O gráfico elucida a prevalência de escolas localizadas nas áreas urbanas (121.132 escolas) em todo estado (64,2%) e apenas 67.541 nas áreas rurais (35,8%). Esses números nos revelam que ainda persiste o fato de um número menor de escolas disponíveis para a população rural, essa também menor pela urbanização do campo, mas cujos efeitos sobre as crianças, jovens e adultos e a comunidade em geral são obstáculos à permanência da criança na escola, na perspectiva de que a educação básica é direito de todo cidadão, independentemente das diferenças regionais. Há um descaso das políticas públicas em não oferecer mais escolas para as populações carentes das áreas rurais.

Gráfico 2 - Panorama de Matrículas na Educação Básica no Estado de Sergipe, por turno



Fonte: InepData-Consulta de Informações Educacionais Censo 2014

O gráfico revela a concentração das matrículas do estado de Sergipe, no turno diurno (43.767.217 alunos, correspondentes a 82,5%), enquanto no turno noturno cerca de 9.261.711 matrículas realizadas (17,5%), revelando a dificuldade para permanência do aluno trabalhador na escola.

3.2 As Turmas Multisseriadas: desafios e perspectivas da realidade das áreas rurais

A sociedade agrária no Brasil está presente, historicamente, em todo o território nacional; a partir dessa compreensão entende-se que o surgimento da escola nas áreas rurais se constitui uma forma de ampliar a educação para todas as crianças que precisam frequentar a escola possibilitando seu desenvolvimento cognitivo, social preparando-os para o mundo e o mercado de trabalho e investindo no desenvolvimento e na educação nas áreas rurais.

De acordo com Calazans (1993) a educação rural deveria suscitar conhecimentos a fim de que os indivíduos pudessem entender o espaço que habitam, preparando-os para ter capacidade em solucionar problemas, visando qualidade de vida e melhoria na produtividade. Porém, mesmo com as políticas que contemplam a educação em áreas rurais, essas continuam apresentando uma demanda de cuidado maior por destacar ainda aspectos sócio-políticos inferiorizados frente à urbana.

Neste sentido, é válido ressaltar o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996, principalmente, no que se refere ao artigo que dispõe sobre o atendimento escolar, especificamente o artigo terceiro.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
[...] XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Diante do exposto observa-se que essa lei preconiza o direito e igualdade para todos os alunos de permanecer na escola, visando ao seu desenvolvimento integral, seja nas áreas urbanas ou rurais. Ainda nesse âmbito a LDB de 1996 reza que em se tratando das escolas da população rural:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

A modalidade multisseriada se constitui em uma forma predominante de oferta do ensino fundamental no meio rural, essas classes relegam-se a um patamar inferior ou quase inexistente nas discussões das políticas públicas sobre a prática pedagógica e na formação dos docentes que atuam nesse tipo de ensino sendo um dos problemas existentes nas escolas rurais do Brasil e sua eficácia no processo de ensino-aprendizagem dos educandos (TERUYA, 2013).

Nesse contexto compreende-se que um dos pontos que devem ser observados é a formação de professores que atuam em escolas/classes multisseriadas nas áreas rurais, dando-lhes condições para que estes profissionais possam desenvolver suas atividades com eficácia, possibilitando aprimoramento da prática docente. Tendo em vista uma educação que priorize o aprendizado e desenvolvimento do aluno no mundo. Nessa perspectiva, outro autor que corrobora sobre essa questão é Moura quando descreve que:

O fenômeno das classes multisseriadas ou unidocentes, caracterizadas pela junção de alunos de diferentes níveis de aprendizagem (normalmente agrupadas em “séries”) em uma mesma classe, geralmente submetida à responsabilidade de um único professor, tem sido uma realidade muito comum dos espaços rurais brasileiros, notadamente nas regiões Nordeste e Norte. [...] Assim, as escolas de classes multisseriadas, assumem uma importância social e política significativa nas áreas em que se situam, justificando, portanto, a realização de estudos sobre a forma como se configuram (MOURA, 2012, p. 70)

A prática em muitas escolas das áreas rurais ainda é vigente com turmas multisseriadas, com alunos não só de faixas etárias diferentes, mas com rendimento escolar desigual, colocando séries ou anos também diversificados, onde o mesmo professor, em salas precárias, atende a todos os níveis ou etapas de ensino, sem material didático adequado, sem acompanhamento, sendo a formação docente solicitada para o exercício da profissão nessas condições insuficientes.

Diante dessa realidade percebe-se a necessidade do professor rever a sua prática de ensino no cotidiano, buscando aprimorar cada vez mais de acordo com a demanda dos alunos, os quais encontram-se em níveis diferentes, séries, faixa etária e até mesmo grau de dificuldades variadas. Com isso cabe, ao professor das classes multisseriadas buscar a melhor forma de planejar suas aulas, elaborando estratégias didáticas que possam ajudar o aluno a superar suas dificuldades e possibilitar seu aprendizado de forma integral; este tem sido o desafio enfrentado no cotidiano da Educação Básica das escolas das áreas rurais.

3.3 As condições de trabalho nas escolas localizadas nas áreas rurais sergipanas: o filme “Carregadora de Sonhos”

Esta pesquisa originou-se como motivação a partir da experiência vivida em sala de aula no curso de Mestrado em Educação, tendo como ponto de partida a história de vida de quatro professoras que atuavam na Educação Básica em áreas rurais, através de um documentário que se chamou de “Carregadoras de sonhos”.

É um filme brasileiro, do tipo documentário, dirigido pelo cineasta e assessor do Sindicato dos Professores da Bahia-Salvador (SINPRO/BA) em 2010, Deivison Fiuza (o mesmo de Casa de Anjo), que expõe o dia a dia de trabalho de quatro professoras, Edielma, Marta, Maraísa e Rose, que igualmente enfrentam diversas dificuldades para que possam atuar como verdadeiras profissionais da educação rural no interior de Sergipe, todas detentoras da escolaridade superior, cursos de Licenciatura e Pós-Graduação *lato sensu*. Cada uma delas enfrentar diuturnamente altos e baixos relacionados ao trabalho docente.

O documentário foi produzido pelo Sindicato dos Professores de Sergipe (SINTESE de Aracaju-Sergipe) apresentando os obstáculos enfrentados diariamente pelas protagonistas como: baixos salários e o excesso de trabalho; a precariedade da estrutura física das escolas e ausência de materiais escolares; a falta de transporte público de qualidade; o acúmulo de funções; e a negligência de órgãos públicos. A película cinematográfica em apreço tem o mérito de levar para discussões amplas o tema da educação pública no Brasil, nas áreas rurais, de forma nunca vista. A intenção do Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Estado de Sergipe foi a de divulgar a produção cinematográfica pelo mundo, mostrando a capacidade da entidade de ultrapassar a luta limitada a salários. Na obra, estão presentes denúncias de negligência dos gestores com educação pública, sem personalizar, pois é uma realidade que muitos dos educadores do Brasil sofrem no dia a dia de seu trabalho. Esses educadores, com certeza, identificam-se com realidade retratada e comparam às situações em que estão vivendo nos seus locais de trabalho, marcados pela realidade social precária dos alunos e das escolas que utilizam nas redes públicas, nas áreas rurais e os problemas resultantes dessa situação.

O filme/documentário produzido em Sergipe e lançado, inicialmente, no dia 8 de março de 2010, em Aracaju, foi exibido, depois, em Brasília e Salvador. Também foi lançado por importantes instituições e organizações no Rio de Janeiro e em São Paulo, no III Congresso Internacional de Cotidiano - Diálogos sobre Diálogos, um evento realizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi distribuído pela Revista Fórum (edição de setembro, provavelmente) e participou de Seminários e Congressos realizados pela FIOCRUZ (RJ) e pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Em São Paulo, o filme participou, em outubro, do V Seminário Fala Outra Escola - Professores Carregando Sonhos, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da UNICAMP. O subtítulo do seminário Professores Carregando Sonhos foi uma homenagem ao filme.

Repito que “Carregadoras de Sonhos” mostra uma realidade muito diferente das condições ideais de uma educação de qualidade; é a expressão viva de que sonhar é necessário e viver para transformar esse sonho em realidade é possível. Este filme me inspirou na construção da pesquisa, por suscitar-me a vontade de mostrar que a construção da identidade docente é algo inerente a alteridade que perpassa ao estabelecer as relações interpessoais entre docente e aluno no ambiente escolar, no contexto das políticas públicas.

Seguem imagens da abertura do filme e algumas cenas dos respectivos cotidianos que foram fotografadas durante a gravação no árido sertão do estado de Sergipe.

Figura4: Capa do Filme/Documentário



Fonte: Filme “Carregadoras de Sonhos”

Figura 5: Meio de Locomoção das Professoras



Fonte: Cena do Filme “Carregadoras de Sonhos”

Os problemas enfrentados, a diversidade e conduta ética de cada professora, mostra o quanto a construção da identidade do profissional está relacionada à capacidade do sujeito de se ver no lugar do outro, corroborando para que os processos de ensino e aprendizagem possibilitem o desenvolvimento dos alunos; esse dado confirma que a alteridade se faz presente no cotidiano escolar, promovendo a socialização profissional e assegurando a socialização discente no mundo, em meio aos conflitos contemporâneos. Dubar (2012, p. 358) descreve que:

A socialização profissional é, portanto, esse processo muito geral que conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo (self), concebido como um processo em construção permanente. É por esse e nesse “drama social do trabalho” que se estruturam mundos do trabalho e que se definem os indivíduos por seu trabalho.

Corroborando com o autor postula-se que, diante das dificuldades, sejam elas quais forem, o profissional sofre suas determinações. Sendo assim, o filme “Carregadoras de Sonhos”, destaca os problemas, de ordem individual/pessoal, em que as docentes se deparam ao exercer o trabalho. Ficam evidentes a falta de transportes seguros (vigência do proibido pau de arara¹²), alimentação, remuneração digna, habitação docente, falta formações continuadas e acadêmicas, di-

1

¹² Terminologia popular que se refere a meio de transporte informal que transportar pessoas na carroceria de caminhão, sobre assentos improvisados de madeiras atravessadas horizontalmente, sem segurança, e, na maioria, cobertos com lona. São considerados transportes clandestinos, ainda utilizado atualmente pelos trabalhadores das áreas rurais, inclusive que trazem animais, mercadorias e instrumentos de trabalho.

versos problemas de ordem social, infraestrutura escolar de baixa qualidade, falta de materiais didáticos, dentre outros problemas. Tudo isso é fruto do descaso das políticas públicas, da fragilidade da conjuntura familiar frente à escola (que delega a tarefa de educar aos professores, atribuindo-lhes responsabilidade de formar moralmente e socialmente, inculcar princípios e valores). Desse modo, nesse contexto de descaso das políticas públicas para com a instituição escolar, e de omissão das famílias, a escola tende a ser vista como um mero depósito de alunos/seres humanos, o que fere sua especificidade.

Para que a criança/aluno aprenda é necessário reconhecer que a educação é um direito humano, assegurado também constitucionalmente; todos, independentemente da localização, regionalidade, status social ou compleição física têm o direito de aprender, desenvolver-se emocionalmente, cognitivamente, socialmente, a partir do respeito à diversidade. Neste sentido Arroyo (2007, p.161) destaca que:

As ênfases dadas à educação como direito universal de todo cidadão significam uma grande conquista, desde que avancemos no conhecimento das especificidades e das diferenças. É também nesse reconhecimento que a cidadania, considerada como condição de sujeitos sociais e culturais, concretiza os direitos e os torna reais.

A complexa realidade mostrada no filme retrata muito bem esse descaso com a Educação Básica ministrada nas escolas das áreas rurais, onde um cenário crítico é desvelado através da vida profissional de cada docente, mostrando que sua jornada de trabalho começa muito cedo, porém com término de altas horas, as quais enfrentam longa jornada de viagem, seja de dia ou de noite até voltar para suas casas, tendo que enfrentar o desconforto (transporte caminhão “pau de arara”) e os perigos das estradas muito bem retratados no filme em que a professora Martha precisa se trajar igual a homem para que não possa ser roubada nas estradas percorridas em uma motocicleta e a professora Rose que ficou traumatizada ao ser roubada e ter tido uma arma de fogo apontada para sua cabeça durante o retorno para casa, conforme descrevem a partir das suas falas:

“Preciso me vestir que nem homem, pois as estradas são perigosas, e se eu sair vestida que nem mulher corro risco de ser roubada. Quando me formei o meu sonho era de se vestir como mulher usar vestidos, mas infelizmente não posso (Professora Martha).

“Minha mãe não esquece o dia que eu cai da moto, porque o pneu estourou, e o dia em que eu fui assaltada. Foi horrível! Colocaram a arma na minha cabeça, eu não consigo pilotar mais a moto (Professora Rose).

Diante do exposto, observa-se um universo de muitas dificuldades enfrentadas por essas profissionais, em que até a alimentação torna-se comprometida por conta da falta de tempo, causando sérios problemas físicos, enfraquecimentos, e até acidentes, como no caso da professora Marta, que caiu de sua moto ao se sentir mal, tornando uma jornada de trabalho árdua, e em que a falta de infraestrutura das escolas termina desmotivando o trabalho docente e dos alunos. Conforme é retratada nas imagens a seguir:

Foto 1: Professora sendo transportada em Caminhão Pau de Arara



Fonte: Cena do Filme “Carregadoras de Sonhos”

Foto 2: Professora saindo para trabalhar vestida como homem.



Fonte: Cena do Filme “Carregadoras de Sonhos”

O filme também retrata a difícil tarefa diária das docentes que saem muitas vezes do contexto educacional e entram no contexto familiar, na medida em que algumas professoras se envolvem durante a convivência com seus alunos para descobrirem as causas de suas deficiências escolares, com intuito de ajudá-los a melhorar seus desempenhos. A professora Rose, acabou descobrindo que uma aluna sua sofria de abuso sexual pelo irmão mais velho, e ao denunciar o caso para a família e Conselho Tutelar não obteve soluções positivas, sendo tratada com negligência por ambas as instituições.

Durante todo o documentário percebe-se que a negligência é um fator presente no processo educacional no Brasil, e mais especificadamente nas escolas localizadas em áreas rurais, advinda de uma conjuntura de políticas públicas sem compromisso com a população brasileira e com o segmento docente, em particular.

As críticas existentes no documentário retratam todos esses fatores que indicam a falta de cuidado, de investimento, planejamento e de um olhar criterioso para a educação, especialmente em áreas rurais do país, abrindo assim, espaço para discussões e reflexões sobre um tema pouco explorado diante de uma realidade tão presente na contemporaneidade, sobre uma educação desqualificada seja no âmbito político quanto social nas escolas do interior de Sergipe, do norte e nordeste brasileiro.

Contudo, mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelas professoras e alunos, o documentário “Carregadora de Sonhos” nos mostra que é possível e fundamental sonhar em meio aos problemas apresentados, pois o sonho possibilita a realização de viver acreditando na mudança e na transformação necessárias para a construção de um mundo melhor. Tudo isto foi bem retratado, principalmente no que diz respeito à construção da identidade docente a partir da alteridade e das relações interpessoais estabelecidas com os alunos.

As protagonistas desta história real mostram, com suas determinações, força e muito amor pela profissão, a construção da identidade docente a partir do respeito ao outro, enfatizando que a relação eu/outro está permeada de amor e ética na construção de uma educação de qualidade e de um profissional competente também politicamente. A cena em que a professora Mirailde na hora do almoço precisa sair da sala de aula para que as crianças não lhe vejam almoçando: “preciso me esconder, porque como não tenho para dividir com eles, prefiro me afastar porque muitos vem para escola com fome”. Esta ação consolida a capacidade docente de se ver no lugar do outro (aluno) e a construção da identidade docente vai sendo tecida, em meio ao descaso político e social para com o árduo trabalho exercido.

Esse documentário abre um leque de possibilidades para que as políticas públicas re-vejam a forma como têm tratado a educação no Brasil e em Sergipe, reconhecendo que se faz necessário um olhar cuidadoso e respeitoso sobre o trabalho docente, compreendendo que os processos de ensino e aprendizagem não podem ser tratados como se fossem objeto de um sacerdócio, mas uma força de trabalho que precisa ser remunerada e respeitada de acordo com a atividade exercida. Marx (2010) aborda a força de trabalho como algo que precisa de destaque, e em se tratando no contexto educacional torna-se fundamental, pois:

A força de trabalho só se torna realidade com seu exercício, só se põe em ação no trabalho. Através da sua ação, o trabalho, despende-se determinada quantidade de músculos, de nervos, de cérebro etc., que se tem de renovar. Ao aumentar

esse dispêndio, torna-se necessário aumentar a remuneração. Depois de ter trabalhado hoje, é mister que o proprietário da força de trabalho possa repetir amanhã a mesma atividade, sob as mesmas condições de força e saúde. A soma dos meios de subsistência deve ser, portanto, suficiente para mantê-lo no nível de vida normal do trabalhador (MARX, 2010, p. 201).

É oportuno ressaltar que é na docência que o profissional exerce sua função como uma força de trabalho que possibilita a construção da identidade profissional e pessoal, proporcionado aos alunos também a construção das suas respectivas identidades. Ou seja, é nesse contato, a partir das experiências e trocas de conhecimentos entre os alunos e o docente que se constitui cada um (educador e educando) como sujeito do universo, capaz de respeitar a força de trabalho exercida que possibilita a humanização individual e coletiva requerida pela contemporaneidade.

Carregadoras de Sonhos, reflete na prática o que é ser professor no Brasil: “o filme me fez enxergar coisas que antes eu não tinha consciência: o meu valor, o tamanho da minha responsabilidade e a minha importância como professora” (fala da Prof^a Clea). Esse caráter analítico e ao mesmo tempo abrangente está presente em todo documentário, reportando as dificuldades e lacunas existentes na educação em áreas rurais não só em Sergipe, como em quase todo o país, a partir até mesmo das leis que pouco se aplicam ao cotidiano desses profissionais.

3.4 Educação básica nos Povoados: Boa Esperança, Santa Cruz e São Vicente (Município de Propriá) - Caracterização do Campo Empírico da Pesquisa

O município de Propriá, onde as escolas estão inseridas, como tantas outras cidades do Brasil, nasceu com os Jesuítas. No início do século, eles fundaram uma missão para catequese dos índios, situada no morro denominado “Urubu”.

Mais tarde, um pouco adiante surgiu um núcleo populacional denominado Urubu de Baixo, nome primitivo da cidade de Propriá, nos registros do Atlas Histórico Geográfico da Universidade Federal de Sergipe - UFS, e em 1821 foi encontrado com o nome de Santo Antônio de Propriá. Em 1876, Propriá foi elevada à categoria de cidade e, é uma das mais belas cidades do Estado de Sergipe. Situada ao norte do Estado, ao lado oriente, é banhada pelo rio São Francisco, e por isso é chamada “Ribeirinha”.

Seu Hino, cuja Letra e Melodia são de Otávio Menezes, retrata toda a sua história:

*Propriá oh estrela formosa
Alcândor de lascivos madrigais
De Sergipe, és filha a famosa*

*No cultivo de seus arrozais
O teu céu de manhãs cor de rosa
Faz de ti um eterno fanal
Te adoramos princesa famosa
Do amor e da paz catedral*

*Teu futuro feliz haverá de ser
Do passado ostentas a glória
Se teu clã é trabalho, cultura e saber
De laureis, cobrirá tua história*

*Se do sol, tens calor permanente
Do luar, tens beleza e poesia
Tuas noites confundem a gente
Quando é hora da Ave Maria
Se o teu São Francisco murmura
Sinfonia de sons magistrais
Teus barqueiros com alma e doçura
Vão cantando canções tropicais*

Possui uma área de 96,46 km², tem uma estrutura educacional da rede física de vinte e nove Unidades de Ensino, dentre as quais, duas são filantrópicas, seis são estaduais, dez são particulares e onze são municipais, sendo que seis localizam-se na chamada Zona Rural e cinco na Zona Urbana.

O quadro a seguir traz a Caracterização do Território do Município de Propriá onde estão localizadas as Escolas Rurais que configuram o *locus* da pesquisa, segundo informações extraídas do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

Quadro 6 - Caracterização do Território do Município de Propriá

Caracterização do território

Área 96,46 km ²	IDHM 2010 0,661	Faixa do IDHM Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699)	População (Censo 2010) 28.451 hab.
Densidade demográfica 295,01 hab/km ²	Ano de instalação 1801	Microrregião Propriá	Mesorregião Leste Sergipano

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil IBGE

O Município de Propriá é composto por seis povoados e todos comportam uma escola rural. Com a área de 96,46 km² de extensão, o qual possui um Índice de desenvolvimento humano - IDHM em torno de 0,661 dados de 2010, com uma faixa médio (IDHIM entre 0,600 e 0,699).

Sua população de acordo com o censo de 2010 está aproximadamente 28.451 habitantes, a densidade demográfica situa-se em 295,01 hab/km². A instalação do Município ocorreu em 1801, denominada de microrregião de Propriá com a mesorregião direcionada para o leste sergipano.

A seguir são apresentadas as três escolas que, para melhor entendimento far-se-á breve caracterização do ambiente escolar, no qual se empreendeu a pesquisa empírica. Foi feita uma busca ampla para caracterização do ambiente escolar onde constam três escolas, que são: Escola Municipal Costa e Silva (Povoado Boa Esperança, S/N); Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães (Povoado Santa Cruz, 737), e Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves (Povoado São Vicente S/N). As três escolas fornecerão cópias do Projeto Político e Pedagógico – PPP para subsidiar a pesquisa.

Cabe destacar que, não obstante a realidade exposta no filme Carregadoras de Sonhos, a realidade encontrada nessas unidades escolares situadas em áreas rurais de Propriá, tem outra configuração, em termos organizacionais e de condições materiais de trabalho docente, embora mantida a característica comum de turmas multisseriadas.

ESCOLA MUNICIPAL COSTA E SILVA

A primeira escola pesquisada foi a Escola Municipal Costa e Silva, que fica localizada no povoado Boa Esperança S/N, no município de Propriá, conforme segue a figura do mapa de localização e imagem da escola.

Figura 6: Mapa de Localização do Povoado Boa Esperança, sn – Propriá



Fonte: Google MAPS

O Povoado Boa Esperança s/n localizado no município de Propriá tem uma população estimada de aproximadamente em 594 pessoas, dado esse fornecido pelo Posto de Saúde do Povoado.

Foto 3 – Escola Municipal Costa e Silva



Fonte: Dados da Pesquisadora 2016.

A Escola Municipal Presidente Costa e Silva é composta por 5 salas de aula, 1 cozinha, 1 depósito, 1 diretoria/secretaria, 2 sanitários, 1 banheiro com chuveiro e 1 pátio com espaço curto que é semiaberto, sendo que no ano letivo de 2012 passou por uma reforma geral.

A referida unidade escolar, é composta por: equipe diretiva (coordenação e profes-

res) e de apoio (merendeiras, serviços gerais e vigilante); e oferece a Educação Básica nas respectivas modalidades de Ensino: Educação Infantil (4 a 5 anos de idade); Ensino Fundamental (1º ao 4º ano); Ensino Fundamental (4ª série) e Educação de Jovens e Adultos (1ª fase). Possui uma matrícula efetiva de 68 alunos, com uma jornada de 4 horas de trabalho efetivo em sala de aula, com um ano letivo de carga horária mínima de 920 horas, distribuídas ao longo de 200 dias letivos.

De acordo com o que reza o Projeto Político Pedagógico - PPP que tem como objetivo principal nortear o processo educativo que influencia decisivamente o ensino-aprendizagem de todos os discentes, tornando-os seres únicos através da integração de seus aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais. Sendo a educação um fenômeno social, esta se subordina à estrutura e à dinâmica das relações entre classes sociais, sejam elas na escola ou nos demais espaços sociais em que os cidadãos estão inseridos. Sendo assim, o objetivo do P.P.P. da escola é que visa contribuir para o processo de melhoria da qualidade de ensino e da equidade na educação através do envolvimento da comunidade escolar e comunidade local, possibilitando a superação das barreiras da aprendizagem e a participação social.

Diante do exposto o Objetivo Geral da escola é de garantir um ensino de qualidade aos discentes, envolvendo de forma direta nesse processo a comunidade escolar, pais, comunidade local e várias entidades públicas parceiras da escola, garantindo a construção de uma educação democrática, participativa e comprometida, assegurando aos alunos uma formação básica de qualidade.

De acordo com os Regimentos Escolares Internos destas Unidades de Ensino, baseados na proposta de Regimento das Unidades Escolares da Rede Municipal de Propriá-SE, estabelecem e fundamentam a educação escolar, e vale ressaltar: o dever do Município; o ensino será ministrado com base nos princípios de liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, gratuidade, garantia do padrão de qualidade, respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Neste sentido a construção deste projeto visa criar condições para gerar formas de organização de trabalho pedagógico. Organização essa, considerando as relações de trabalho no interior da escola, com atitudes solidárias, recíprocas e de participação coletiva. E para que essa organização se concretize, torna-se fundamental a participação efetiva de alunos, professores, pais e comunidade, tendo em vista a avaliação das necessidades para as adaptações e por isso deve centrar a educação fixando os quatro pilares básicos: aprender a conhecer; aprender a fazer,

Foto 4 – Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães



Fonte: Dados da Pesquisadora 2016.

A Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães, foi fundada em 1º de março de 1976 e criada pela Lei nº 83/92 de 13/11/1992 Artigo 6º, tendo sua localização nas áreas rurais. Tem uma área de terreno de 537.57 metros quadrados, e é composta por: 4 salas de aula, 1 cozinha, 1 depósito, 1 diretoria/secretaria, 2 sanitários, 1 sala para os professores ensinar/reforço, 1 pátio com espaço e semiaberto.

O Ensino Fundamental de nove anos foi implantado no ano de 2010, através do amparo legal que constituiu-se a legislação. Possui uma matrícula efetiva de 148 (cento e quarenta e oito alunos) sendo organizadas nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possui uma jornada diária de 4 horas de trabalho efetivo em sala de aula em cada turno, com uma carga horária mínima de 920 horas, distribuídas ao longo de 200 dias letivos.

A referida unidade escolar, é composta por: equipe diretiva (coordenação e professores) e de apoio (merendeiras, serviços gerais e vigilante); e oferece a Educação Básica às respectivas modalidades de Ensino: Educação Infantil (4 a 5 anos); Ensino Fundamental (1º ao 4º ano), Educação de Jovens e Adultos (1ª e 2ª fase).

De acordo com o que reza o Projeto Político Pedagógico - P.P.P., visa contribuir para

o processo de melhoria da qualidade de ensino e da equidade na educação através do envolvimento da comunidade escolar e comunidade local, possibilitando a superação das barreiras da aprendizagem e a participação social.

Os Regimentos Escolares Internos desta Unidade de Ensino, baseados na proposta de Regimento das Unidades Escolares da Rede Municipal de Propriá-SE, estabelecem e fundamentam a educação escolar, vale ressaltar: os deveres do Município; o ensino será ministrado com base nos princípios de liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, gratuidade, garantia do padrão de qualidade, respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Neste sentido o P.P.P. tem como fundamento os princípios da educação escolar e por finalidade a orientação de todas as atividades escolares com vistas à formação integral do aluno em consonância com o plano anual da escola. Organização essa, considerando as relações de trabalho no interior da escola, com atitudes solidárias, recíprocas e de participação coletiva.

No desenvolvimento das metas e ações no P.P.P. é de suma importância, de forma que os educandos, educadores, equipe gestora, e comunidade local interajam de forma dinâmica e que a aprendizagem dos alunos seja expressiva através de: poesias, danças, desenhos, gincanas diversas, campeonatos, músicas, teatro diversos, mostras científicas diversas, pesquisas diversas, questionários, exposições, debates diversos, aulas expositivas, trabalhos individuais e coletivos.

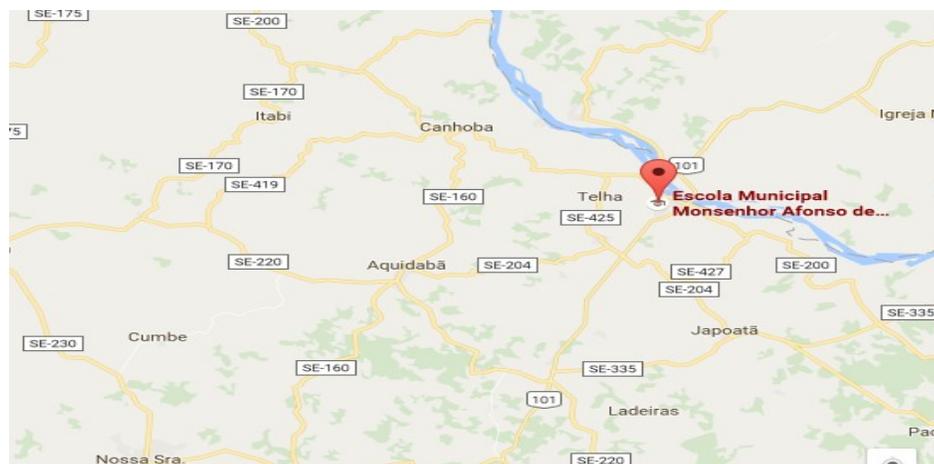
Diante do exposto foi observado que a direção juntamente com todos que fazem parte da escola (equipe diretiva e equipe de apoio), buscam a prática das propostas existentes no P.P.P. sempre priorizando os alunos, famílias e professores no processo de construção de conhecimento, possibilitando, de forma especial, o desenvolvimento do aluno para o mundo.

ESCOLA MUNICIPAL MONSENHOR AFONSO DE MEDEIROS CHAVES

A terceira escola escolhida foi a Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves, criada a partir de 01 de março de 1976, de acordo com o que preceitua o Artigo 5º da Lei Municipal nº 83/92, de 13 de novembro de 1992, localizada no Povoado São Vicente, s/n, na cidade de Propriá, estado de Sergipe. A qual se destaca como Escola Pública e Rural. O funcionamento ocorre no prédio cedido, que possui água e energia elétrica da rede pública, rede

de esgoto e coleta de lixo periódica. Conforme segue a imagem do mapa da localização da escola e a imagem.

Figura 8 – Mapa de Localização do Povoado São Vicente- Propriá e a Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves



Fonte: Google MAPS

O Povoado São Vicente s/n, localizado no município de Propriá tem uma população estimada de aproximadamente em 856 pessoas, dado esse fornecido pelo Posto de Saúde do Povoado.

Foto 5 – Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves



Fonte: Dados da Pesquisadora 2016.

A escola atende às modalidades da Educação Infantil, do Ensino Fundamental da 4ª à 8ª série e o Ensino Fundamental de 9 anos, o qual foi implantado em 2008. As Unidades possuem uma matrícula efetiva de 144 alunos. Sua estrutura está dividida em: sala de diretoria, de professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado, cozinha, sala de leitura, banheiro com chuveiro, refeitório e pátio descoberto. Contém 6 salas existentes, 2 equipamentos de TV, 2 aparelhos de DVD, 2 impressoras, 2 aparelhos de som, 2 computadores na escola. Oferece alimentação.

A Escola tem uma jornada diária com duração mínima de quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula. As referidas atividades são desenvolvidas, observando os seguintes horários: Matutino: 07h30min às 11h50min e Vespertino: 13h00min às 17h20min. Segue foto da escola.

Quanto aos aspectos físicos, a Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves utiliza os espaços físicos da Escola Agrícola Municipal Prefeito Geraldo Sampaio Maia. No que pese a existência de uma área livre e de boa extensão, esta é excelente. No que concerne este projeto surgiu do desejo de todos que fazem a escola, em contribuir para que seja elevado o desempenho do educadores, melhorar as práticas pedagógicas e o gerenciamento da escola, para que educandos e educadores tenham um futuro com mais oportunidades e se realizem na vida profissional e pessoal.

Nessa perspectiva melhorar qualidade de ensino desde a Educação Infantil até o ensino fundamental nas séries finais, isto é, ofertar para que o aluno, professor e comunidade percebam que estão sendo valorizados.

Desse modo, o P.P.P. dessa escola espera fortalecer a discussão e reflexão/ação sobre a função social da escola, visando às intervenções pedagógicas eficazes junto ao professor; oportunizando a comunidade a participar da gestão da escola como corresponsáveis pelos processos de ensino e aprendizagem dos filhos, interagindo na construção do conhecimento, ou seja, a escola como espaço pedagógico necessário à produção de saberes e efetivação da cidadania. Sendo como Objetivo Geral o de oferecer um ensino de qualidade envolvendo a comunidade escolar, pais e comunidade local nas reflexões de atividades educacionais na perspectiva de contribuir para a construção de uma educação democrática, participativa e comprometida, assegurando às crianças e adolescentes uma formação básica que lhes garanta o exercício dos seus direitos e consequentemente, de sua cidadania.

Quanto às metas da escola são: oferecer formação continuada para professores; desenvolver no decorrer do ano letivo projetos de leitura e escrita e diversas oficinas de matemática; promover para alunos e comunidade eventos de natureza cultural, esportiva e debates sobre variados temas; envolver nas ações pais e comunidade, com vistas a melhorar os níveis de aprendizagem. Em relação às ações do PPP estas possuem um encadeamento lógico, claro, objetivo, positivo e desafiador.

As atividades propostas no projeto são desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produção de diferentes significados e emoções, são desenvolvidos de forma que a comunidade escolar e local interajam, considerando-o como um movimento de geração de conhecimentos.

No que concerne à pesquisa, percebi o quanto a direção juntamente com todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem do aluno, estão inteirados e unem forças para alcançar os objetivos propostos no PPP.

4 OBSERVAÇÃO DE INDICADORES DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE/ALTERIDADE EM TRÊS ESCOLAS LOCALIZADAS NOS POVOADOS: BOA ESPERANÇA, SANTA CRUZ E SÃO VICENTE (PROPRIÁ-SE)

Esta seção analisa os dados coletados junto aos sujeitos pesquisados, de acordo com a trajetória teórico-metodológica já expressa. Para Gil (2009), a análise e interpretação dos dados constituem um processo “que nos estudos de caso se dá simultaneamente à sua coleta [...]. A análise se inicia com a primeira entrevista, a primeira observação e a primeira leitura de um documento” (p.122). Nessa perspectiva, analisamos e interpretamos os dados referentes ao trabalho docente a partir das primeiras observações realizadas em sala de aula e durante todo o processo da pesquisa, inclusive das entrevistas realizadas após as observações, de forma individual para cada professor das três escolas pesquisadas.

A princípio foram escolhidas três escolas localizadas em áreas rurais, situadas no município de Propriá do Estado de Sergipe, localizado no Baixo São Francisco, onde a população é de, aproximadamente, 600 habitantes por povoado citado. O número de alunos por escola nesses povoados, é, em média, 140, contemplando os três turnos (manhã, tarde e noite). No município de Propriá existem seis escolas rurais; as escolas escolhidas fazem parte de povoados que se formaram ao longo dos anos, em uma extensão territorial de aproximadamente 5 a 10 km do próprio município.

Para cada escola foram observados e entrevistados três professores que atuam na Educação Básica (pré-escola até o 5º ano), e por se tratar de escolas em áreas rurais, estes profissionais lecionam em turmas multisseriadas que abrangem mais de uma série na mesma sala de aula. Essas turmas comportam alunos classificados de acordo com a idade e série, conforme o permitido na legislação.

4.1 Observações das práticas docentes

Essa subseção, trata da organização dos dados da pesquisa, partindo primeiramente da análise das observações referentes à prática docente em sala de aula relacionada aos sujeitos da pesquisa (Professores: Ana, Lucia, Jane, Clara, Flor, Dulce, Sara, Joana e Pedro), que serão

identificados por nomes fictícios e não por códigos (P1, P2...) por tratar-se de uma pesquisa sobre a construção da identidade docente através da alteridade.

As observações foram realizadas em três escolas do Município de Própria: Escola Municipal Presidente Costa e Silva – localizada no Povoado Boa Esperança, Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães – localizada no Povoado Santa Cruz e Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves – localizada no Povoado São Vicente), enfatizando o tema em questão sobre a prática docente, a partir de uma abordagem relacionada à Construção da Identidade do Professor e da Alteridade nos processos de ensino e aprendizagem, no contexto de sala de aula.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada a técnica de observação em todo processo, não sendo possível eliminar totalmente a influência da presença do observador, o que deve ser considerado nas análises, uma vez que a observação demanda um tempo para ser realizada durante a permanência do pesquisador em sala de aula, para conseguir dados importantes sobre a pesquisa.

As observações ocorreram em salas de aula, durante três momentos para cada professor que realiza o trabalho docente. Os professores observados correspondem a 100% do corpo docente da Educação Básica daquelas escolas, séries iniciais (do Pré-Escolar até o 5ºano), concentrados nos turnos manhã e tarde, seguindo uma ordem em que os três primeiros professores observados (Ana, Lúcia e Jane) fazem parte da Escola Municipal Presidente Costa e Silva; o segundo grupo de professores (Clara, Flor e Dulce) faz parte da Escola Municipal Padre Agnaldo; e, por último, o terceiro grupo de professores (Sara, Joana e Pedro) que faz parte da Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves.

Os registros dos protocolos ocorreram enquanto os professores ministravam as aulas para os alunos no ambiente escolar. Era observada a postura dos professores como também as relações interpessoais em sala de aula e como ocorriam os processos de ensino e aprendizagem. A seguir passo a analisar os protocolos de observação referentes a cada professor. Estes protocolos são os registros das observações realizadas durante as práticas docentes em salas de aula. Todos os sujeitos permitiram as observações mediante TCLE em anexo.

4.1.1 Ana revelou-se uma excelente mediadora em sala de aula, com seus saberes docentes (profissionais)

A professora Ana está cursando a graduação em Pedagogia, tem o curso de Magistério, e faz formação continuada PNAIC . É professora da rede pública municipal da Escola Municipal Presidente Costa e Silva, iniciando as atividades como professora há 13 anos, sendo que na escola onde leciona já atua há 9 anos, em Classes Multisseriadas (1º, 2º e 3º anos) da Educação Básica, turno vespertino. A faixa etária dos seus 22 alunos varia de 7 a 9 anos de idade. As observações em sala de aula ocorreram em três momentos (08, 11 e 22 de novembro de 2016), nos horários das 8h às 9h. A condução da aula pela professora Ana revelou saberes relacionados quanto à questão da construção da identidade a partir da alteridade nos processos de ensino e aprendizagem partindo dos conceitos básicos como: ética, estética, trabalho, cultura, identidade, eu-outro e educação. Seguem os protocolos referentes às aulas da professora Ana.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA ANA NÚMERO: 01

Quadro 07: Protocolo de Observação em sala de aula / Professora Ana Nº01 Data: 8/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
8h	Apresentei-me à professora Ana e em seguida coloquei o propósito da minha visita, explicando que seria a primeira de três e que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade, a professora Ana apresentou-me à turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereceu-me um lugar para sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE
8:10	Após as apresentações a professora Ana, deu continuidade a aula, iniciou-se com a correção nos cadernos dos alunos dirigindo-se a cada um. Durante a observação a professora se comportou como mediadora dos processos de ensino e aprendizagem, estimulando os alunos. Esta postura foi notada a partir do seu comportamento ao auxiliar os alunos a responder ao exercício nos cadernos abrindo espaço para que os alunos desenvolvessem a atividade sem pressão, reconhecendo as dificuldades de alguns. A professora não força o ritmo de aprendizagem dos alunos, simplesmente respeita, suscitando neles o prazer em aprender. Observei que a professora Ana coloca-se sempre no lugar do outro (aluno).	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DO- CENTE
8:25	Após um tempo de aproximadamente 15 minutos a professora escreve no quadro a atividade a qual está sendo corrigida nos cader-	

	<p>nos dos alunos, e solicita que o aluno Alexandre dirija-se ao quadro para responder à questão que será corrigida para que todos acompanhem tirando as dúvidas.</p> <p>1ª) Questão: Transforme as frases interrogativas em frases negativas e afirmativas:</p> <p>Você joga bola? não, eu não joga bola.</p> <p>Você foi ao passeio? não eu não fui ao passeio.</p> <p>Nesse momento da aula o aluno Alexandre que estava respondendo à questão no quadro, demonstrou insegurança; a professora Ana percebeu que ele tinha um pouco de dificuldade comparado com os outros que já tinham respondido no caderno a atividade; então a professora tranquilizou-o dizendo que ele não tivesse pressa em responder, explicando para os demais alunos que ali era um momento de aprendizagem, e que todos além de ajudar o colega estariam repassando e fixando a aprendizagem sobre a referida atividade.</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE DOCENTE
8:45	<p>Enquanto a professora estava ao quadro com Alexandre, um outro aluno quis sair da sala, ela interrompeu a orientação que estava fazendo e chamou a atenção. Aluno Sérgio, aonde você pensa que vai? Volte para a sua carteira e continue observando a aula, porque o próximo vai ser você pra vir ao quadro. Entendeu? Nesse momento vi que mesmo chamando a atenção do aluno, na sua fala o timbre tinha um tom de brandura, ao perguntar primeiro se ele queria beber água ou ir ao banheiro. Sérgio voltou e sentou-se comportado dando um leve sorriso.</p> <p>Observei que a professora trabalha de forma compartilhada com todos os alunos, sempre atenta a tudo que está acontecendo em sala de aula estimulando e incentivando todos.</p>	TRABALHO DO- CENTE
8h50	<p>A professora retorna à atividade que estava sendo respondida com o aluno Alexandre, parabenizando e confirmando com os demais se todos entenderam e se corrigiram nos cadernos. Dando continuidade, a professora chama Sérgio (o aluno que ia saindo da sala de aula), para continuar a atividade no quadro a partir da sua orientação. Fala da professora Ana: Aluno Sérgio, agora responda à seguinte questão:</p> <p>O CARRO É DO PAI DO CHICO? O carro não é do pai do Chico.</p> <p>Nesse momento o Sérgio respondeu corretamente e em seguida a professora parabenizou-o pedindo que ele escolhesse um colega para ir responder no quadro a outra questão. Observei que o aluno ficou entusiasmado com o elogio e a forma como a professora delegou para ele a função de chamar um coleguinha. Vi o quanto a professora procura trabalhar com estímulo e respeito aos seus alunos, sempre orientando e dando espaço para que eles se desenvolvam.</p>	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
9h	<p>A professora Ana comunica que iria passar uma atividade no quadro, mas só iria explicar depois do intervalo e que primeiro todos tentassem responder no caderno. Nesse momento, a observadora pede licença à professora Ana, agradecendo e se retira.</p>	TRABALHO DO- CENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

**PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA ANA NÚMERO:
02**

Quatro 08: Protocolo de Observação em sala de aula/Professora Ana Nº02 Data: 11/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERI- DADE/ IDENTIDADE
8h05	Ao adentrar na sala, encontrei a professora sentada ao birô, com a presença de 3 alunos. Iniciou a aula às 8h05min comunicando aos alunos que estava tirando as dúvidas da atividade que fora passada para casa, e que a partir daquele momento ia escrever no quadro a atividade de casa para fazer a correção.	DOCENTE
8:10	<p>No momento que a professora Ana se dirigiu ao quadro, pediu aos alunos que prestassem atenção e que ao invés de conversarem, tentassem responder no caderno para que pudesse ser corrigido. Reconhecendo as dificuldades de alguns alunos, à proporção que ia escrevendo fazia à leitura pausadamente sobre o conteúdo abordado.</p> <p>Assunto: Medida de Tempo: Calendário/Quantos meses formam o primeiro semestre e o segundo semestre. A professora respeita o tempo e limite de aprendizagem de cada um dos alunos.</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
8:20	Após um tempo aproximadamente de 10 minutos escrevendo e explicando o que seria feito, a professora começa a desenvolver a atividade em sala de aula utilizando-se de um calendário e começa a perguntar: Quantos meses tem um ano? E os alunos respondem: 12 meses. Nesse momento observei que o aluno João estava com dificuldades, não respondeu e ficou observando a professora falar com os demais, foi aí que professora se dirigiu a ele e pacientemente começou a mostrar e a contar com ele os meses do calendário. Foi quando professora falou – entende professora porque precisamos fazer um trabalho individual, mas para isso é importante que o professor fique atento a tudo que está acontecendo em sala de aula. Em seguida retornou para o aluno pedindo que explicasse para ela tudo que fora ensinado. Observei que o aluno de forma entusiasmada respondeu o certo, e os demais alunos acompanhavam tudo atenciosamente.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
8:45	Dando continuidade ao assunto a professor seguiu perguntando: Quantos meses formam o primeiro e o segundo semestre?, logo depois - Quais são os meses do primeiro e do segundo semestre?. Observei que a professora trabalha de forma compartilhada com todos os alunos, sempre atenta a tudo que está acontecendo em sala de aula estimulando e incentivando todos. De repente uma aluna Lúcia pediu aju-	DOCENTE

	<p>da para responder à atividade que não estava conseguindo e a professora respondeu com amorosidade: “Vamos, você consegue, não pode ficar dizendo que é difícil, porque senão o seu cérebro (aqui na cabecinha/ato gesticulado) vai achar que você não consegue mesmo. É preciso acreditar em você mesmo, eu te ajudo”.</p> <p>Nesse momento vi o quanto a professora entende o seu papel enquanto intermediadora dos processos de ensino e aprendizagem.</p>	
8h55	<p>A professora retorna à atividade que estava sendo respondida com os alunos no quadro e conclui perguntando se todos conseguiram fazer, porém em seguida ela vai ao encontro de cada aluno para dar o visto da atividade concluída elogiando todos, porém o aluno José estava inquieto porque já tinha terminado e queria sair, a professora lhe chamou a atenção: – José sente-se que já estou chegando aí para dar o visto, deixe de agonia daqui a pouco você vai para o recreio, José ficou parado observando-a.</p>	ÉTICA/ESTÉTICA DO- CENTE
9h05	<p>A professora comunica que já estava terminando de passar o visto nos cadernos dos alunos, avisando que iria fazer uma atividade em grupo. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.</p>	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA ANA

NÚMERO: 03

Quatro 09: Protocolo de Observação em sala de aula/Professora Ana N°03 Data: 28/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERI- DADE/ IDENTIDADE
8h15	<p>Ao entrar em sala, encontrei a professora escrevendo no quadro. Apresentei-me à professora e pedi licença para entrar em sala de aula, ela disse que eu ficasse à vontade. Iniciou a aula às 8h15min comunicando aos alunos que naquele momento iam trabalhar as Atividades de Ciências: Tema – Estados físicos das matérias, mas que primeiro todos os alunos colocassem no birô os cadernos com as atividades de casa respondidas, para que ela desse o visto.</p>	DOCENTE

8:25	<p>A professora após analisar os cadernos começou a redistribuir para os alunos, pedindo que eles observassem se o dever estava igual com o que ela colocara no quadro. A professora reconhecendo as dificuldades de alguns alunos, à proporção que ia escrevendo ela ia fazendo uma leitura pausadamente sobre o conteúdo que estava sendo trabalhado.</p> <p>Assunto: Estado físico das matérias: sólidos, líquidos e gasosos. A professora demonstra preocupar-se com o processo de aprendizagem de cada aluno.</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
8:40	<p>Após um tempo de aproximadamente 15 minutos explicando e tirando dúvidas dos alunos sobre a atividade que estava sendo corrigida. A professora parabeniza os que acertavam as questões e motivava os que tinham errado pedindo que eles corrigissem os erros de forma bem tranquila e parabenizava a cada dúvida tirada.</p> <p>Fala da professora: “Muito bem agora está certo. É isso mesmo”.</p> <p>Nesse momento observei que a professora proporciona um ambiente de aprendizagem para todos, tanto os mais desenvolvidos, como os que têm dificuldades, dando oportunidade para que desenvolva.</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
8:55	<p>Dando continuidade ao assunto, a professora seguiu perguntando quem ainda não tinha concluído a correção da atividade. Avisando que só iria para o recreio o aluno que terminasse a atividade. Nesse momento observei que alguns alunos tentavam ajudar-se entre si. Foi aí que perguntei a professora se essa prática era comum. Fala da professora: “procuro trabalhar com eles o conceito de parceria em que uns ajudam os outros, é uma forma de resolver as rivalidades que às vezes existem entre os pais de alguns, e que terminando trazendo para a sala de aula”.</p> <p>Observei que os conceitos de ética, capacidade de se ver no lugar do outro está presente na ação docente, sempre preocupada com a formação dos discentes dentro e fora da sala de aula.</p>	DOCENTE/ ALTERIDADE/ ÉTICA
9h10	<p>A professora comunica que já estava terminando de passar o visto nos cadernos dos alunos, avisando que a próxima atividade seria em grupo. Nesse momento, a observadora pede licença à professora Ana, agradecendo e se retira.</p>	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

Nesses três registros das atividades docentes, percebi a relação democrática estabelecida entre os alunos e a professora. Pude observar que a docente desenvolveu os assuntos que estavam sendo abordados, com a participação organizada dos alunos que, quando tinham dúvida podiam se referir a ela livremente, para perguntar e sanar suas curiosidades.

Ao que parece, a professora utiliza-se da interatividade e respeito para poder ministrar o conteúdo para que todos possam ter condições de aprender, com liberdade de expressão dos alunos quanto ao tirar as dúvidas, fazendo perguntas e dando respostas sempre que solicitados.

Quero que eles entendam que o respeito ao outro é fundamental para que se possa desenvolver um trabalho em grupo, porém deixo eles livres e incentivo sempre que possível a participação em sala de aula, respeitando a forma de aprender de cada aluno na sua especificidade (Professora Ana).

Percebi que enquanto a professora escrevia a atividade no quadro a maioria dos alunos a acompanhava, embora por se tratar de um grupo variado de crianças com a idade de 7 a 9 anos, seja natural, as diversas manifestações de comportamento em sala de aula que fogem ao padrão.

Sua elocução e prática observadas revelaram domínio de saberes disciplinares e pedagógicos, embora ainda esteja cursando a formação pedagógica. Nesse momento observei que a postura da professora é de estar sempre atenta aos fatos que ocorrem com os alunos, dando oportunidade a todos na execução das atividades em sala de aula, contribuindo com a aprendizagem de todos. A forma como conduz o trabalho docente a identifica como profissional ético, quando se utiliza de conhecimentos técnicos que a faz diferente na sua atividade. Para Tardif (2009, p.63):

O mestre é o centro da atividade na classe. Ele é o sol do sistema pedagógico: as ações dos alunos giram em torno dele, que impõe o ritmo dos exercícios, das repetições, das tarefas, dos movimentos, etc. Em resumo, é o mestre que assume o programa principal ou dominante da ação na classe. Assim, sendo, a ordem das interações depende fundamentalmente de sua própria iniciativa e de sua capacidade de impor respeito às regras da organização que o contrata.

Durante a execução das atividades a professora elogiava e incentivava os alunos, demonstrando amorosidade para com todos, o tempo todo, respeitando sempre o ritmo de cada aluno ao aprender. Enquanto um aluno ficava respondendo às questões no quadro os demais acompanhavam a resolução das atividades. Não foi registrado agressividade entre os colegas que iam fazer as atividades no quadro, principalmente aqueles que demonstravam dificuldades; a professora destacou que trabalhar o acolhimento e respeito entre os alunos é fundamental para seu desenvolvimento ético na sociedade. Quando um não conseguia a professora junto com os demais ajudavam.

Trabalho com eles a questão do respeito entre os colegas, enquanto um esta respondendo no quadro, peço que os demais prestem atenção e que só conversem se for para ajudar o colega na resolução das atividades, as vezes é um pouco complicado devido a variação de idades, mas com jeito termino conseguindo (Professora Ana).

É importante destacar que, na observação da aula, a professora Ana exterioriza o tempo todo à preocupação com os alunos, não só em relação aos conteúdos, mas principalmente na formação de atitudes como cidadãos para o mundo. “Me preocupo muito com eles, quero que sejam homens de bem, e estejam preparados para viver nesse mundo tão difícil, por isso busco ajudá-los para que eles possam aprender a viver em sociedade” (PROFESSORA ANA).

Essa e outras atitudes da Prof^a Ana elucidam o seu trabalho docente, que é algo visível, amparado na sua ação reflexiva em sala de aula, quanto à orientação para com os alunos pautada na formação cidadão, e estes por sua vez, identificam-se de forma recíproca. De acordo com Schön (2000, p.97):

Quando instrutor e estudante coordenam a demonstração e a imitação, o dizer e o ouvir, cada componente do processo preenche espaços de significado inerentes ao outro. As demonstrações e autodescrições do instrutor, os esforços do estudante na performance e autodescrição, e as comparações de processo e produto fornecem material para a reflexão-na-ação recíproca.

Nos processos de ensino e aprendizagem, o professor desenvolve a ação docente como mediação a partir do planejamento do que será trabalhado em sala de aula, criando situação de aprendizagem; a intervenção propriamente dita no processo que está acontecendo, no qual os alunos, diante de uma situação proposta, realizam as atividades. É fundamental que haja um ambiente propício, e isto só será possível quando o professor tiver convicção do seu papel em sala de aula, visando ao aprendizado e ao desenvolvimento de todos (WEISZ, 2003).

Para Schön (2000), o trabalho da reflexão-na-ação quando é recíproco, inerente ao dizer e ao ouvir, ao demonstrar e ao imitar, contribui para o progresso da aprendizagem do aluno; o estudante começa a educar-se para o mundo formando-se um cidadão.

Quanto aos saberes mobilizados por parte da professora Ana durante as observações, foi registrados, predominante, os Saberes Docentes, embora a ética e estética e a questão da alteridade e identidade também estivessem presentes ao lidar com os conteúdos didático-científicos. Isto foi percebido nos momentos em que os alunos precisavam da compreensão, quando estes não conseguiam responder à questão no quadro e ela parava e solicitava que a turma

junto com ela ajudasse aos colegas que estavam apresentando dificuldades. Por diversas vezes observei que os alunos que eram ajudados ficavam contentes e conseguiam realizar a atividade. Fala a professora Ana: “entende por que precisamos fazer um trabalho individual, mas para isso é importante que o professor fique atento a tudo que está acontecendo em sala de aula, isto para mim, é ensinar”. Nesta perspectiva Tardif (2011, p.181), descreve que:

O ensino ocorre num contexto constituído de múltiplas interações, as quais exercem sobre os professores condicionamentos diversos. Tais condicionamentos não são problemas teóricos, como aqueles com os quais o cientista se depara, nem problemas técnicos, como aqueles encontrados pelo tecnólogo ou pelo técnico. Para o professor, esses condicionamentos surgem ligados a situações concretas que não são definidas de uma vez por todas e que exigem uma certa parcela de improvisação e de habilidade pessoal, assim como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis.

Para o autor, o dia a dia do professor é uma constância de fatores que o mobiliza para atuar de forma habilidosa (permeado de habilidades pessoal) que o ajudem a lidar com os conflitos existentes e as múltiplas interações em sala de aula, assim como agiu a professora Ana, quando percebeu a dificuldade do aluno, ela por sua vez não ignorou, e sim utilizou-se da habilidade pessoal para trabalhar as relações de cooperativismo e respeito ao outro entre os alunos em sala de aula, não só suscitando o desejo de querer aprender, bem como o de ensinar.

As questões referentes à cultura foram abordadas durante as atividades docentes, sendo mencionando o valor individual de cada aluno, e como se dirigir a estes no sentido de ensinar, respeitando seus limites destacando o papel da educação na formação humana. A professora Ana enfatizou que é fundamental trabalhar com os alunos o contexto da sua regionalidade, tratar dos saberes que estão relacionados à sua história de vida, possibilitando-lhes à construção da sua identidade como sujeito no mundo.

4.1.2 Professora Lúcia com os Saberes Docentes, trabalha o acolhimento e o respeito ao próximo

A professora Lúcia é graduada em Pedagogia e Pós-Graduada em Alfabetização, sua formação inicial é o Magistério. É professora da rede pública municipal há 37 anos, a qual atua nesse mesmo tempo na Escola Municipal Presidente Costa e Silva. Atualmente leciona na Turma Multisseriada (4º e 5º anos do Ensino Fundamental/vespertino); a faixa etária dos alunos varia de

10 a 11 anos de idade; a turma possui 21 alunos. As observações em sala de aula ocorreram em três momentos (08, 11 e 22 de novembro de 2016), nos horários das 9h às 10h, conforme seguem os protocolos de observação em sala de aula.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA LÚCIA NÚMERO: 01

Quadro 10: Protocolo de Observação em sala de aula/Professora Lúcia Nº01 Data: 8/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
9h	Ao chegar à sala de aula, encontrei a professora escrevendo no quadro. Pedi licença e apresentei-me à professora e em seguida coloquei o propósito da minha visita explicando que seria a primeira de três e que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade P2 apresentou-me à turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereceu um lugar para eu sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE
9:05	Após apresentação a professora P2, deu continuidade à aula, a qual estava escrevendo no quadro a atividade que seria trabalhada naquele momento que seria disciplina de Matemática, daí continuou escrevendo no quadro. Atividade de Matemática 1) Trabalhando com os números pares e ímpares. Escreva ao lado de cada número se o mesmo é par ou ímpar. a) 471 b)500 c)849 2) Escreva como se leem estes números. a) 7.249 b)9001 c)5040 d)222 3) Usando os algarismos 1,2,3,4,5, mas só uma vez cada um escreva: a) o maior número possível: _____ b) o menor número: _____ 4) Efetue e tire a prova: a) $9735 \times 25 =$ b) $63478 \times 34 =$ c) $958694 \times 22 =$ Após colocar a atividade no quadro, a professora sentou-se acompanhando o andamento da turma (comportamento) se todos estavam escrevendo e prestando atenção. Nesse momento alguns alunos perguntavam e tiravam dúvidas, e a professora orientava cuidadosamente cada um por se tratar de uma sala que tem duas séries (3º e 4ºanos) juntos.	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE

9:25	Após um tempo de aproximadamente 20 minutos a professora se dirige ao quadro para começar a responder e explicar as questões juntamente com os alunos. A princípio pede para que Roberto vá ao quadro e responda a primeira questão, nesse momento o aluno ficou envergonhado porque viu que eu estava em sala de aula, e a professora em seguida explicou que não precisava porque eu também estava estudando como eles, só que de forma diferente. Foi quando o Roberto ficou tranquilo e foi ao quadro responder a questão. Nesse momento a professora parabeniza por que ele acertou e em seguida pergunta à turma: “Quem acertou levante a mão, e quem errou é só corrigir”. A quantidade de acerto foi maior do que a do erro. A professora termina ajudando a todos sem precisar expor de forma negativa os alunos.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
8:35	Dando continuidade, a professora pede a Roberto que chame um colega para ir ao quadro responder a segunda questão. Nesse momento o aluno escolhido disse que não sabia se o que responderá no caderno estava certo. A professora respondeu que ele não se preocupasse já que estariam todos ali para aprender. Quando o aluno Sérgio começou a responder, a professora falou: “olha só! você acertou, porque você achou que estava errado? O menino respondeu – porque não gosto de Matemática, eu sempre erro. A professora começou a explicar que a partir daquele momento ele não pensasse assim, e começou a mostrar que estudar Matemática é muito bom. Em seguida o menino sorriu e a professora agradeceu a dedicação dele em ter ido ao quadro mesmo pensando que estava errado.	ALTERIDADE DOCENTE
8h55	Dando continuidade, outro aluno foi chamado para responder à questão no quadro. Eduardo disse gostar de Matemática e logo respondeu à questão com segurança acertando, a professora parabenizou e começou a responder a última questão e pediu para que todos os alunos prestassem a atenção. Os alunos João e Pedro estavam conversando alto e a professora parou a aula para chamar a atenção dirigindo para eles a questão que estava sendo respondida, e um dos alunos respondeu acertando, e um deles disse: – professora a gente estava conversando sobre essa questão, e em seguida pediu desculpas por a trabalhar a aula. Nessa hora a professora explicou para mim que, embora eles não tenham esse hábito de casa em pedir desculpas, ela procura trabalhar na escola e mostrar o quanto é importante reconhecer que errou e se desculpar para o outro, é uma forma de respeito ao outro.	ÉTICA/ESTÉTICA DO-CENTE
9h00	Após a conclusão da atividade a professora comunica o intervalo, avisando que os alunos saíssem da sala de forma organizada. Nesse momento, a observadora pede licença agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA LÚCIA NÚMERO: 02

Quadro 11: Protocolo de Observação em sala de aula/Professora Lúcia Nº02 Data: 11/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
9h	<p>Ao entrar na sala, encontrei a professora sentada ao birô. Apresentei-me e ela solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade em sala de aula. Iniciou a aula às 8h05min comunicando aos alunos que a atividade seria um ditado e que depois faria com todos a leitura individual. Fala da professora: “Prestem atenção! vou começar o ditado.</p> <p>O menino estudioso</p> <p>Pedrinho era um menino muito estudioso, gostava de estudar. Ele estudava sozinho, na escola e com os coleguinhas</p> <p>Um dia seu irmão pediu ajuda para fazer o dever de casa, e ele ajudou. Pedrinho fez tudo certinho e sua mãe ficou feliz.</p> <p>Depois do ditado a professora copiou no quadro o texto e pediu que todos os alunos comessem a fazer a correção das palavras do texto pelo quadro, aqueles que terminavam ela pedia que apresentassem para ela dar o visto.</p> <p>Nesse momento os alunos ficaram atentos a tudo que estava acontecendo em sala de aula, uns tentavam corrigir o caderno pelo quadro e outros tiravam dúvidas entre eles se ajudando.</p>	DOCENTE
9:35	<p>No momento que a professora se dirigiu ao quadro, pediu aos alunos que prestassem atenção que ela iria chamar alguns alunos para ir até o quadro fazer a leitura, aqueles que não conseguissem ela ia ajudar. Foi quando um disse: “Professora! deixe eu ir, quero fazer a leitura pra ver se aprendi”, nesse momento a turma sorriu, porque o aluno Antônio é bem extrovertido. A professora deixou e em seguida pediu que ele escolhesse um colega para ir fazer a leitura também, e chamou Davi que fez uma leitura de forma tímida mais certa, e a professora parabenizou.</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
9:55	<p>Dando continuidade ao assunto, a professora seguiu com a leitura, nesse momento, interrompe a aula e chama atenção do aluno Rodrigo que saiu e entrou correndo da sala de aula. Fala da professora “Rodrigo, você já fez o ditado, mostre-me? E se já fez, agora venha ao quadro fazer a leitura”. Observei que a professora fica atenta a tudo que está acontecendo. Rodrigo se dirigiu a professora e mostrou-lhe o caderno, e em seguida fez a leitura bem explicado. Depois comentou: – professora eu só saí correndo pra ir ao banheiro, nesse momento os demais colegas sorriram. A professora disse: “tudo bem, mas da próxima vez avise.”</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
10:00	A professora comunica que já estava terminando a atividade	

	e que eles se preparassem para o intervalo. Nesse momento, a observadora pede licença agradecendo e se retira.	DOCENTE
--	--	---------

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA LÚCIA NÚMERO: 03

Quadro 12: Protocolo de Observação em sala de aula/Professora Lúcia Nº03 Data: 22/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
9h	<p>Ao entrar na sala, encontrei a professora questionando que tinham deixado um livro em cima de uma mesa que estava no canto da sala de aula. Apresentei-me e ela solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade em sala de aula. Iniciou a aula às 9h05min comunicando aos alunos que a atividade seria sobre o assunto de Ciências.</p> <p>Fala da professora: “Prestem atenção vou começa fazer a atividade sobre Ciências no quadro, por favor copiem porque quando eu terminar irei responder com vocês. Certo?”</p> <p>Atividade de Ciências</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Respondam:</p> <p>1) De que forma o coração leva o sangue para todas as partes do corpo?</p> <p>2) Há três tipos de vasos sanguíneos, quais são eles? Cite-os?</p> <p>3) O sangue sai do coração através de quem?</p> <p>5) Qual é a função dos Capilares?</p> <p>j) O sangue volta dos Capilares para o coração através de quem?</p> </div>	DOCENTE
9:25	<p>Durante o momento em que a professora escrevia no quadro, (houve um momento que) ela precisou apagar uma parte, para que pudesse dar continuidade a outra. Foi quando ela perguntou a aluna Jamile: – Jamile, possa apagar? Responde Jamile: – ainda não professora, mas já estou acabando aguarde só um momentinho. E a professora responde: – Não se preocupe eu aguardo, mas você está enxergando direito e conseguindo fazer o certo? – Sim, professora, resposta de Jamile.</p> <p>Nesse momento percebi o quanto a professora se preocupa com seus alunos, pois o tempo inteiro responde às dúvidas e às dificuldades de forma acolhedora e respeitosa para com todos.</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
9:30	<p>Fala da professora: – Pessoal! Agora já que terminamos vamos agora responder. Primeiro vou chamar aqui ao quadro um de vocês pra responder cada questão, e vou explicar se está certo ou errado.</p>	

	Dando continuidade ao assunto a professora seguiu com a correção e explicação da atividade no quadro, observando se o aluno que foi responder no quadro tinha feito e o porque . Observei durante esse processo que a professora fica atenta a tudo que está acontecendo.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
10:00	A professora Lúcia comunica que já estava terminando a atividade e que eles se preparassem para o intervalo. Nesse momento, a observadora pede licença, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

A condução das aulas pela professora Lúcia demonstrou conhecimentos relacionados aos saberes docentes que norteiam à sua prática durante o exercício da profissão. Tardif (2011, p.11) destaca que: “o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional”. Igualmente, Oliveira (2013, p.42) concorda quando afirma que: “os saberes experienciais são imprescindíveis na prática docente levando-se em consideração que o principal papel do professor é o de ser educador”. Nessa direção, também corrobora o que menciona Freire (1987, p.58): “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Assim, fica evidente que as experiências são fundamentais para que o docente construa um universo de conhecimentos a partir de novos saberes. Nessa perspectiva, observou-se que a professora Lúcia é uma docente atuante e procura manter a harmonia da turma durante o desenvolvimento dos assuntos trabalhados com os alunos, utilizando-se dos seus saberes e experiências acumulados durante os anos de docência, visando à aprendizagem de todos. Isto é perceptível, principalmente, quando os alunos tinham dúvidas e podiam perguntar livremente a fim de satisfazer suas curiosidades.

A interação em sala, entre os alunos foi notada e a forma como a professora dirige suas atividades, dando condições de um ambiente acolhedor respeitando as diferenças a fim de proporcionar a aprendizagem para todos, através da liberdade de expressão dos alunos quanto ao perguntar sobre as atividades desenvolvidas, já que se trata de uma turma multisseriada, a qual possui diferenças nas séries e idades, tornando um ambiente rico em conteúdos que podem ser desenvolvidos pelo profissional que ali está, estabelecendo o respeito entre uns e outros, preparando-os como cidadãos: homens – seres de relações no mundo.

Em se tratando da capacidade do professor ter que desenvolver várias atividades, as quais sobrecarrega o seu cotidiano, cabe-lhe a consciência do seu papel na formação do sujeito. Pimenta e Anastasiou (2005, p. 227) argumentam que:

Na ação do professor, o ensinar reduz-se a expor os conteúdos nas aulas [...], ao aluno, resta ouvir com atenção. O professor competente é aquele capaz de expor e explicar um conteúdo com clareza e propriedade e manter o aluno atento. Assim, um bom professor é o que consegue fazer uma boa palestra, cabendo ao aluno ouvir, anotar com atenção.

Corroborando com as autoras, a ação do professor é fundamental no processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e psicossocial do aluno, porém tem sido um desafio na contemporaneidade e, em especial, para esses professores que desenvolvem atividades em turmas multisseriadas, pela carga de atribuições que lhe é atribuída ao desenvolver diversas atividades, além do seu papel principal de mediador dos processos de ensino e de aprendizagem, tendo que por em prática diversos saberes, principalmente os experienciais que, segundo Oliveira (2013, p.41) “ [...] resultam das diferentes experiências dos professores e das práticas docentes, que vão sendo acumulados ao longo de suas vidas”.

Durante a observação vi que a professora se dirigia a cada aluno para tirar as dúvidas e explicar as questões; observei bom relacionamento entre professor e os alunos. Quando a professora pedia para que eles prestassem atenção, logo a sala inteira correspondia de forma interativa.

A professora Lúcia, ao ministrar as aulas detém a atenção dos alunos. Após as explicações dos conteúdos dá um tempo para que eles respondam, e atende individualmente àqueles que apresentam dificuldades, orientando-os. Percebi um trabalho docente comprometido com o fazer pedagógico, sendo este um ponto positivo para os processos de ensino e aprendizagem, propiciando o bem estar do educando, oportunizando-lhes enxergar algo mais:

Compreender a perspectiva pela qual a criança enxerga o conteúdo é algo que, em muitos casos só é possível se o professor se colocar numa posição de observador cuidadoso daquilo que o aluno diz ou faz em relação ao que está sendo ensinado. [...] nesses casos é importante que desenvolva uma sensibilidade e uma escuta para a reflexão que as crianças fazem (WEIS, 2003, p.43).

Corroborando com a autora, o que move os alunos a fim de acreditar que precisam aprender determinado conteúdo, é existir uma lógica sobre a importância daquele conteúdo, demonstrada pelo professor, a partir do acolhimento e orientação coerente, durante os processos de ensino e aprendizagem.

Ao observar as aulas da professora Lúcia, foi possível identificar uma linguagem de fácil entendimento, o respeito à diversidade, inclusive das séries que se encontram juntas na mesma sala de aula. Os alunos participam ativamente, fato este observado quando me deparei com a professora em uma das suas aulas fazendo um texto no quadro, logo em seguida todos os alunos participaram com a leitura oral, tendo que ir até a frente (em direção ao quadro verde) da sala fazer a leitura para todos os presentes.

Nesse contexto, a professora Lúcia exercia seu papel na prática docente em sala de aula que, conforme define Oliveira (2013, p.35): “está associada ao ensinar, ao transmitir e facilitar a produção de conhecimentos e saberes”. Durante a observação a professora frisa o porquê da sua prática docente quando o assunto é leitura e escrita de texto:

Procuro trabalhar a leitura a partir da escrita, pois percebo que eles fixam mais, até por que estão lendo um texto que construímos. A cada dia vejo o quanto eles se desenvolvem na escrita e na leitura. Aqui tem alunos que não conseguia falar um ai, hoje escrevem e ler bem (PROFESSORA LÚCIA).

A professora Lúcia se dedica para que seu alunos aprendam, buscando várias formas de ajudá-los a construir um saber de qualidade, não só a partir dos seus próprios saberes experienciais quanto dos saberes curriculares que, segundo Tardif (2011, p.38) “correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos”. Conforme o autor citado esses aspectos são fundamentais na prática docente.

Considerando que cada aluno possui interesses, motivações e uma relação diferenciada com o professor, observei que a demanda docente deve ser proporcional a cada um desses alunos, e foi possível entender o porquê da professora Lúcia tratar de forma diferenciada cada um deles. Conforme sua fala durante a atividade que estava escrevendo no quadro:

Preciso ficar atenta a tudo que acontece, e dar um tratamento diferenciado, porque o fato dessa turma ser de classe multisseriada, exige essa atenção por minha parte, por que assim como tem os mais desenvolvidos, também tem

aqueles que estão no processo, e eu não posso igualar, até por que são séries diferentes e idades, e o conteúdo deve abranger a todos na medida do possível, hoje por exemplo estamos vendo uma assunto que posso trabalhar com as duas séries, é só eu ficar atenta a demanda de cada um (PROFESSORA LÚCIA).

De acordo com a fala da professora Lúcia, entende-se que o trabalho docente não se faz apenas com o professor; o aluno também faz parte desse processo a partir da sua atividade em sala de aula. Para Charlot (2013, p.143) “a atividade do aluno na sala de aula e fora dela é tão importante quanto a sua categoria social ou sexual para se entender o que está acontecendo na escola”. Para ele é como se pudesse fazer com que o aluno ocupasse uma posição no mundo a partir do estar presente em sala de aula. Também predominaram em sua prática os saberes docentes, assim como ocorreu com a prof^a Ana; a alteridade e identidade também emergem em algumas situações, em detrimento da questão da ética e da estética, ainda pouco trabalhada.

4.1.3 Professora Jane desenvolve a Alteridade e a Construção da Identidade na sua Prática docente

A professora Jane, graduada em Pedagogia, e Pós-graduada em Alfabetização, sua formação inicial é Magistério a qual já leciona há 33 anos, sendo o mesmo tempo de trabalho na escola atual onde exerce atividade docente, ou seja, iniciou a função de professora da rede pública municipal na Escola Presidente Costa e Silva.

No momento está lecionando no período da manhã, na turma Multisseriada (Pré-escolar/ Creche/Educação Infantil Primeira Etapa da Educação Básica – Ensino Fundamental das Séries Iniciais), a faixa etária dos alunos varia de 3, 4 e 5 anos, a sala de aula é composta por 24 alunos. A observação da aula foi realizada, no período compreendido das 10h às 11h dos dias 08, 11 e 22/11/2016, conforme seguem os protocolos de observação das aulas.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA JANE NÚMERO: 01

Quadro 13: Protocolo de Observação em sala de aula/Prof^a Jane N°01 Data: 08/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
10h	Ao chegar à sala de aula, encontrei a professora escrevendo no quadro. Pedi licença e apresentei-me a professora e em	

	seguida coloquei o propósito da minha visita explicando que seria a primeira de três visitas que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade a professora Jane apresentou-me a turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereceu um lugar para eu sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE
10:05	Após a apresentação a professora, deu continuidade à aula, escrevendo no quadro a atividade que seria trabalhada naquele momento após o intervalo. Os alunos por serem crianças ainda estavam eufóricos das brincadeiras que estavam realizando no espaço externo da sala de aula. A professora tentou chamar a atenção, fazendo uma brincadeira de roda dentro da sala, todos acompanharam e ficaram atentos quando a professora me apresentou. Nesse momento os alunos ficaram observando e fazendo perguntas tipo: como é seu nome? Quem é você? Você vai estudar com a gente? A professora Jane, interrompe as perguntas e pede para que eles sentem na roda para começar a atividade. Vou contar a estória da <u>Ana a menina bonita que gostava de passear</u> . Houve um momento de silêncio para ouvir a professora, mas mesmo assim alguns alunos ainda continuavam olhando para mim de forma curiosa.	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
10:25	Após um tempo de aproximadamente 20 minutos em que a professora estava a contar estória, começou a distribuir folha de papel A4 e lápis de cor para que eles desenhassem o que mais chamou atenção deles na estória. Nesse momento todos os alunos se dedicaram a desenhar, uns chamavam a professora para mostrar o desenho como: aluno Mateus: – “professora tá bonito, eu fiz a Aninha”, outro aluno Saulo “professora vê se tá bom, aqui é o balanço que ela gosta de balançar”, o aluno Tiago se dirige a professora dançando e diz que fez Aninha dançando já que ela gosta de passear. A professora se dirige aos alunos sempre respondendo que é isso mesmo e parabeniza a forma como eles estão desenhando. Nesse momento a professora percebe e chama a atenção de três alunos : Lúcio, Pedro e Rodrigo que estavam correndo de um lado para o outro da sala de aula. Fala de Jane: “ Vocês três sentem aqui comigo e peguem o papel para desenhar, chamando a atenção deles de forma amorosa, os três alunos vão ao encontro da professora sorridentes e obedecem, logo em seguida começam a participar da roda de desenho. De repente os três respondem que não sabem desenhar, foi quando a professora se dirigiu aos demais colegas que estavam próximos e pediu que eles ajudassem junto com ela os alunos a fazer a atividade, e todos de forma sorridentes concordaram com a professora em ajudar, e todos juntos começaram a desenhar , um orientando o outro.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO AÇÃO DOCENTE

	Nesse momento presenciei o ambiente harmonioso que a professora promove a partir da sua ação docente.	
10h45	Dando continuidade, a professora pediu que todos os alunos se levantassem e se dirigissem às suas carteiras porque ela iria escrever no quadro a atividade seguinte. A professora Jane começa a escrever: escreva a primeira letra do seu desenho exemplo: se desenhou Aninha, qual é a primeira letra da palavra do desenho? nesse momentos todos os alunos responderam: <u>A de Aninha</u> . Aos poucos a professora foi chamando outros alunos. Até que o aluno Rodrigo disse: Tia já vai tocar, meu ônibus já chegou, posso escrever a minha lettrinha? Em seguida a professora Jane perguntou: Qual a sua lettrinha? A6 respondeu: J porque desenhei o <u> jardim</u> onde Ana gosta de brincar.	DOCENTE
11h	Após a conclusão da atividade a professora Jane comunica que todos façam uma fila indiana e avisa que o ônibus e alguns pais chegaram para pegar os alunos. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA JANE NÚMERO: 02

Quadro 14: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Jane Nº02 Data: 11/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
10h	<p>Ao entrar à sala, a professora estava escrevendo no quadro. Iniciou a aula às 10h comunicando aos alunos que iria trabalhar as letras vogais. Fala da professora: – Pessoal ! Preste atenção. Primeiro vou escrever no quadro as letras vogais e depois juntos vamos formar as palavrinhas.</p> <p>Atividade de Português</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Letras Vogais A E I O U - Maiúsculas a e i o u - Minúsculas Vamos completar as palavrinhas: <u>A</u>n e l <u>A</u>ve <u>A</u>rvore <u>E</u>scova <u>A</u>vião <u>A</u>nimais <u>A</u>belha <u>E</u>lefante</p> </div> <p>Em seguida a professora pede para que eles terminem de escrever no caderno, para que depois juntos iam responder às questões completando as palavras.</p>	DOCENTE
10h25	Em seguida, aguardou os alunos escreverem no caderno a atividade, e começou a responder e explicar no quadro, solicitando que todos prestem atenção ao que estava sendo feito.	ALTERIDADE NA RELA-

	De repente começa a chamar atenção do aluno Miguel. Fala da professora: – Miguel! Preste atenção, porque a gente só aprende a partir do momento que presta atenção ao que esta sendo feito. Vem cá, sente aqui agora pertinho. Vamos eu te ajudo e seus colegas também. Nesse momento o aluno se interessou e logo começou a prestar atenção ao que a professora ensinava.	ÇÃO DOCENTE																		
10h40	Nesse momento percebi que a intervenção da professora funcionou porque não só Miguel voltou atenção pra a atividade como também os demais. Logo em seguida da resolução dessa atividade a professora avisou que iria apagar o quadro pra fazer outra. Agora vamos contar de 1 até 5 e vamos escrever ao lado das frases. Certo! (fala da professora) Atividade <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td>Mariana conta um</td> <td>Como escreve um</td> <td><u>1</u></td> </tr> <tr> <td>Joana conta dois</td> <td>Como escreve dois</td> <td><u>2</u></td> </tr> <tr> <td>Miguel conta três</td> <td>Como escreve três</td> <td><u>3</u></td> </tr> <tr> <td>Paula conta quatro</td> <td>Como escreve quatro</td> <td><u>4</u></td> </tr> <tr> <td>Pedro conta cinco</td> <td>Como escreve cinco</td> <td><u>5</u></td> </tr> <tr> <td colspan="3">Façam de 1 até 10, um por um. <u>1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10</u></td> </tr> </table>	Mariana conta um	Como escreve um	<u>1</u>	Joana conta dois	Como escreve dois	<u>2</u>	Miguel conta três	Como escreve três	<u>3</u>	Paula conta quatro	Como escreve quatro	<u>4</u>	Pedro conta cinco	Como escreve cinco	<u>5</u>	Façam de 1 até 10, um por um. <u>1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10</u>			ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
Mariana conta um	Como escreve um	<u>1</u>																		
Joana conta dois	Como escreve dois	<u>2</u>																		
Miguel conta três	Como escreve três	<u>3</u>																		
Paula conta quatro	Como escreve quatro	<u>4</u>																		
Pedro conta cinco	Como escreve cinco	<u>5</u>																		
Façam de 1 até 10, um por um. <u>1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10</u>																				
10h50	Após o momento da resolução das atividades no quadro, a professora comunica aos alunos que iria conferir as respostas de cada um no caderno.	DOCENTE																		
11h	Professora Jane avisa que a aula já estava terminando pedindo que eles se preparassem porque o ônibus tinha chegado e os pais de alguns alunos já estavam esperando, solicitou que fizessem a fila indiana e que pegassem as pastas de forma arrumada para ir embora. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE																		

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA JANE NÚMERO: 03

Quadro 15: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Jane N°03 Data: 22/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
10h	Ao entrar na sala, encontrei a professora Jane sentada com os alunos em roda no espaço amplo que a sala de aula tem reservado para as brincadeiras. Iniciou a aula às 10h05 comunicando aos alunos que a atividade seria uma leitura	DOCENTE

	<p>lúdica perguntando, o que é que tem na floresta. Fala da Professora: – Vocês vão falar o que tem na floresta perto da casa de vocês certo? Todos nesse momento queriam falar de uma só vez. A professora amorosamente começa explicar. – Calma pessoal um de cada vez. O aluno Eduardo diz: cobra; Ana fala: vaca; José macaco; Ciro coelho; Sonia passarinho; Carlos borboleta.</p> <p>Em seguida a professora pede para que eles além de falar os animais que conhecem, eles imaginassem os que existem na floresta, já que eles viram na televisão e no livro didático. Nesse momento os alunos ficaram atentos a tudo que estava acontecendo em sala de aula, uns falavam já vi onça, cobra, leão, girafa, elefante, porém todos demonstraram amadurecimento por se tratar de que eram os bichos que conheciam pela televisão.</p>	
10h25	<p>Em seguida após a roda de conversa com os alunos a professora pede que todos se levantem e vá cada um ao seu lugar. Nesse momento a professora pede que juntem em dois, e em seguida entrega papel A4 e lápis de cor, e pede para que eles desenhem o animal que eles mais gostam. Fala da professora: Vocês agora vão desenhar dois animais: o que você conhece, e depois desenhe o animal que você gosta e viu na floresta da televisão ou do livro. Os alunos demonstraram entusiasmo e dedicação.</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
10h40	<p>Nesse momento percebi que enquanto a maioria estava centrada na atividade, dois dos alunos estavam brincando com o quebra-cabeça de animais, a professora pediu que eles parassem e guardassem o jogo e fossem fazer a atividade com os demais colegas. Os alunos João e Eduardo ouviram e assim fizeram. Em seguida a professora elogiou os alunos incentivando sua participação com os demais.</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
10h50	<p>Após o momento dos desenhos a professora comunica que cada dupla de aluno irá falar o bicho que desenhou, e depois juntos com a professora irá identificar as amiguinhas vogais. Exemplo: quem desenhou o LEÃO, as letras do nome do bicho leão são: <u>A</u> <u>E</u> <u>O</u>. Os alunos participaram e os que não deu tempo a professora prometeu que na próxima aula iria retomar o assunto, e que eles guardassem os desenhos para a próxima aula.</p>	DOCENTE ALTERIDADE
11h	<p>Professora Jane comunica que já estava terminando a atividade e que eles se preparassem porque o ônibus tinha chegado e os pais de alguns alunos já estavam esperando. Solicitou que fizessem a fila indiana e que pegassem as pastas de forma arrumada para ir embora. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.</p>	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

Durante as observações e os registros dos protocolos realizados na condução das aulas pela professora Jane, inferimos que a mesma tem conhecimentos relacionados à construção da Identidade, Alteridade e Educação, partindo dos conceitos básicos como: ética, estética, cultura, Identidade, eu-outro e educação. Esses pressupostos básicos sustentam sua compreensão desses conceitos, o que lhe possibilita desenvolver a alteridade juntamente com as identidades dos alunos e a sua como profissional. Estes aspectos foram analisados durante as observações ocorridas nas aulas ministradas pela professora. Vi que a docente é atuante e procura manter a harmonia da sala de aula e a relação afetiva durante o desenvolvimento dos assuntos abordados. Acolhe e tira dúvidas quando os alunos precisam e perguntam livremente a fim de atender suas curiosidades.

Assim, independentemente do conteúdo que está sendo trabalhado e da faixa etária dos seus alunos, que possuem “um corpo”, rico de emoções e vivem em um mundo material e social, são incentivados à busca do aprender. É importante que o professor ouça seus alunos, respeitando suas opiniões, para que juntos possam interagir e construir uma aprendizagem em conjunto (ANTUNES, 2002).

A relação professor-aluno é bem definida: os alunos encontram um ambiente acolhedor e propício de orientações durante os trabalhos feitos em sala de aula, implicando uma ação docente que priorize o desenvolvimento da criança no mundo como eterno aprendiz. Observei durante minhas visitas que a professora procura suscitar nos alunos o desejo de aprender, priorizando as relações sociais a fim de crescerem juntos, uns com os outros, e que a singularidade do aluno é considerada de modo que primeiro ele se perceba como ser humano único que, junto ao outro, tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores. Segundo Charlot (2000, p.53):

Aprender para construir-se, em um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção do mundo [...], aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros. Esse sistema se elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelos outros, esse movimento longo, complexo, nunca completamente acabado, que é chamado educação.

Segundo Charlot (2000) “[...] a educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda, é o processo o qual a criança nasce inacabada e se constrói enquanto ser humano, social e singular” (p.54). Esta afirmativa ocorreu também na observação em sala de aula, uma vez que três alunos estavam agitados e com dificuldades em desenvolver a atividade que se tratava de desenhar. Nesse contexto, a professora pediu que os coleguinhas que estavam próximos a eles o ajudassem, e calorosamente os colegas ajudaram com o auxílio da professora, para que todos começassem a ter contato com os conceitos que envolvem partilha, generosidade, apoio ao outro, mostrando que construímos e aprendemos juntos durante as relações que estabelecemos no decorrer da vida (Alteridade e Construção da Identidade).

Procuro sempre que possível mostrar a eles o quanto é fundamental o convívio social, em que um ajuda o outro, procuro desenvolver atividades em grupo justamente para reforçar o conceito de que ninguém nasce, vive, cresce e principalmente aprende só” (FALA DA PROFESSORA JANE).

A professora Jane através do seu trabalho docente faz uma conexão com a cultura de vida de cada criança, respeitando o seu universo social, a partir do afeto e do compromisso em executar as atividades em sala de aula, a fim de possibilitar aos alunos essa convivência. Isto é visível através do comportamento dos alunos, e da forma como a professora dirige as suas aulas, dando condições de um ambiente acolhedor às diferenças a fim de proporcionar a aprendizagem de todos, através da liberdade de expressão, cooperação e generosidade. Tendo em vista esse contexto, Gandin (2001, p.91), descreve que:

Não se pode mudar a realidade com a rapidez com que se concebe uma mudança. São ações continuadas e sucessivamente realizadas que vão construindo, no tempo, a mudança maior. Assim, uma prática escolar democrática e participativa se estabelece a partir de ações e de estratégias simples, mas orgânicas com direção bem clara.

Nessa perspectiva de Gandin (2001) observei que a professora entende a relação entre eu-outro (professor-aluno) que se constrói a partir de interações sociais e democráticas em que o professor respeita a história de vida do aluno, observando cuidadosamente seu comportamento, orientando-o rumo à transformação via educação.

Durante as observações a professora Jane, em seu trabalho, entrelaçava sua formação pedagógica com a experiência de vida construída no seu cotidiano, já de aproximadamente 35 anos, o que facilita a sua prática docente considerando os aspectos de ordem cultural dos alunos, possibilitando uma educação básica de qualidade, principalmente no que diz respeito à esfera da Educação Infantil que alcança a pré-escola com a idade de 4 a 5 anos.

A educação infantil é a formação básica do ser humano, onde o conhecimento que está sendo construído irá repercutir por toda vida. Assim, assinala a Lei LDB 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), ao referir-se à Educação Básica “ Art. 22. A Educação Básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Consoante a legislação citada, observei que a professora Jane procura trabalhar com seus alunos prevendo o aspecto da aprendizagem por toda vida; exemplo disso é quando ela fica atenta a tudo que ocorre durante suas aulas e até mesmo no intervalo/recreio (ouvindo e observando as queixas por parte das crianças do que está acontecendo); através dessas informações ela trabalha em sala de aula conceitos referentes à construção da identidade e da alteridade nas relações com os outros, evidenciando a capacidade de se ver no lugar do outro continuamente.

Com relação à concepção de ensino e de aprendizagem na Educação Básica, a professora se dedica ao orientar cada aluno na sua especificidade, acompanhando o desenvolvimento de cada um, o que foi visível quando os alunos apresentam dificuldades no decorrer dos processos de ensino e aprendizagem. Assim descreve a professora:

Trato cada um de forma diferente e única, para aqueles que apresentam dificuldades na hora de aprender, procuro estimular, incentivo os demais ajudarem, para aqueles que já sabem parablenizou e peço que ajudem aos demais, para os tímidos busco de forma lúdica inserir no contexto da sala de aula. Por isso que fico acompanhando minuciosamente as mudanças existentes no comportamento das crianças, sejam no sentido de aprender, emocional e social (PROFESSORA JANE).

A professora Jane ainda descreve: “reconheço o quanto o meu trabalho é fundamental na construção da minha identidade, pois desde o momento que percebi que gosto de ser professora, sou uma pessoa feliz”. A partir da sua fala entendi que o indivíduo se constitui

também a partir do olhar do outro, e que a formação do professor possibilita esses conhecimentos, por ter acesso às informações através dos currículos que ajudam pelas disciplinas estudadas mediante o curso de formação escolhido. Nessa perspectiva Nóvoa (1999, p. 147) descreve que:

O percurso do profissional de cada professor é o resultado da ação conjugada de três processos de desenvolvimento: processo de crescimento individual, em termos de capacidades, personalidade e capacidade pessoal de interação com o meio; processo de aquisição e aperfeiçoamento de competências de eficácia no ensino e de organização do processo de ensino-aprendizagem; e processo de socialização profissional, em termos normativos ou de adaptação ao grupo profissional a que pertence e à escola onde trabalha, e interactivos, pela reciprocidade de influências que estabelece entre si próprio e o meio em que desenvolve o seu múnus).

Ficou evidente que essa profissional busca a melhoria da sua identidade docente; a professora Jane confirma que participa de formação continuada, priorizando a qualidade do seu trabalho docente, desenvolvendo suas atividades de forma dinâmica e contextualizada de acordo com o conteúdo trabalhado em sala de aula.

Quando vou trabalhar um conteúdo procuro o máximo ver como eles vão entender aquele assunto, não adianta de nada se for trabalhar de uma única forma, pois eu tenho crianças mais espertas e outras ainda em desenvolvimento, por isso tenho que trabalhar de uma forma que vise à aprendizagem de todos (PROFESSORA JANE).

A partir deste enfoque Antunes (2012, p.98) ressalta que:

Um bom educador infantil é, antes de tudo, um excelente profissional. Ser afetivo, carinhoso, atento, alegre e que adora trabalhar com crianças são atributos desejáveis, mas não podem esconder a essência do profissionalismo e, portanto, do pleno domínio de saberes inerentes ao trabalho que faz.

Para Antunes (2012) ser professor na Educação Básica (pré-escolar), requer que o profissional obtenha além das qualidades citadas, também conhecimentos de pressupostos teóricos, os quais irão ajudar no cotidiano da sua prática docente; é importante ainda considerar os saberes que seus alunos trazem para a escola, fazendo uma ponte com o que está sendo trabalhado em sala de aula e o que é real na vida deles, possibilitando seu desenvolvimento como sujeito no mundo, capaz de avaliar o desenvolvimento de cada aluno, respeitando a singularidade de cada um e explorando suas diferentes linguagens.

4.1.4 Professora Clara promove a participação dos alunos como foco do seu trabalho docente

A professora Clara, graduada em Pedagogia, e Pós-graduada em Alfabetização, sua formação inicial é Magistério a qual já leciona há 18 anos, sendo o mesmo tempo de trabalho na escola atual onde exerce atividade docente, ou seja, iniciou a função de professora da rede pública municipal na Escola Municipal Padre Agnaldo, no município de Propriá.

No momento leciona no período da tarde, na turma Multisseriada (4º e 5º anos), cuja faixa etária dos alunos varia de 10 a 12 anos de idade; a sala de aula é composta por 19 alunos. As observações das aulas foram realizadas, no período compreendido entre os dias 08, 10 e 28/11/2016, no horário das 14h às 15h, conforme seguem os respectivos protocolos.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA CLARA NÚMERO: 01

Quadro 16: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Clara Nº01 Data: 08/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
14h	Ao chegar à sala de aula, encontrei a professora escrevendo no quadro. Pedi licença e apresentei-me, em seguida coloquei o propósito da minha visita explicando que seria a primeira de três, e que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade, a professora apresentou-me à turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida me ofereceu um lugar para sentar colocando-se à disposição.	DOCENTE
14:05	Após a apresentação a professora deu continuidade à aula escrevendo no quadro a atividade que seria trabalhada naquele momento a “LEITURA”, pediu que os alunos prestassem atenção e que começassem a escrever no caderno o texto que ela iria colocar no quadro. Texto: Benício é um menino de 8 anos muito mimado. Ultimamente, tem perdido seus amigos da vizinhança e da escola. É que ele não consegue brincar sem brigar. Quando joga bola não aceita perder, é sempre e o primeiro da fila. Não divide seus brinquedos com os colegas e quan-	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE

	<p>do vai lanchar nem oferece a seus colegas.</p> <p>As crianças organizaram um piquenique no bosque da cidade e não convidaram Benício. Agora ele está triste, emburrado, e não fala com ninguém.</p> <p>A professora assim que terminou de escrever deu um tempo de 15 minutos a mais para que os alunos terminassem.</p>	
14:25	<p>Terminado o tempo, a professora começou a chamar os alunos pra o quadro a fim de fazer a leitura para todos. Nesse momento vi que um dos alunos pede para fazer a leitura, outros ficam quietos, é ai então que ela chama o aluno Roberto que foi entusiasmado, fez a leitura muito bem explicada e todos aplaudiram. Diz a professora ao se dirigir para mim: – é um aluno que gosto muito. Pense como ele gosta de estudar, isso me deixa feliz.</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
14h45	<p>Dando continuidade, a professora pediu que o aluno Ribeiro fosse até o quadro, este por sua vez se dirigiu ao quadro porém de forma bem tímida, embora tivesse feito todo o texto no caderno demonstrou ter dificuldades para falar em público. A professora começou a estimulá-lo incentivando dizendo: – Ribeiro você é inteligente e dedicado não precisa ficar com vergonha, vamos eu te ajudo. Na escrita ele é excelente, mas na leitura sente dificuldades, mas ele consegue.</p>	DOCENTE
15h	<p>Em seguida o aluno Fernando pediu para ir ao quadro porque ele gosta de fazer leitura, leu todo o texto bem explicado, e saiu sorridente, a professora parabenizou. Em seguida o aluno Alves que foi chamado por Rodrigo foi sorrindo para o quadro e disse: professora se eu não falar direito a senhora me ajuda? A professora sorriu balançando a cabeça e disse: “é claro, eu estou aqui para isso, vocês precisam aprender, e não se preocupem porque até eu estou aqui para aprender. Nesse momento, a observadora pede licença à professora agradecendo e se retira.</p>	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA CLARA NÚMERO: 02

Quadro 17: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Clara Nº02 Data: 10/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
14h	Ao entrar na sala de aula, encontrei a professora sentada ao birô, escrevendo o ditado para os alunos, com as seguintes	

	<p>frases: Não moro no morro. Com um murro, o menino caiu do muro. Um carro custou muito caro. O correio estava fechado para reforma. Quebrei o serrote do meu pai. A escola é bonita.</p> <p>A seguir a professora pediu que formassem em duplas. E explicou que iria fazer uma atividade em que um colega ajudaria o outro corrigindo o ditado. Nessa atividade ninguém pode ficar só. A professora deu aproximadamente 20 minutos para que os alunos concluíssem a atividade.</p>	DOCENTE
14h25	Após a correção do ditado em dupla, a professora foi até o quadro e copiou todo o texto para que os alunos corrigissem o ditado, para que estes tivessem a noção de quantas palavras tinham acertado e errado. Observei que os alunos gostam de trabalhar em grupo, demonstrando entusiasmo e dedicação.	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
14h40	Nesse momento percebi que os alunos estavam centrados na atividade, dois dos alunos estavam querendo brigar foi quando a professora interveio falando: isso não pode acontecer, vocês estão aqui para aprender a conhecer pessoas e fazer amizades e não para brigar, vou trocar a dupla de vocês. Nessa hora os alunos ficaram desconfiados e encabulados com receio de que a professora contasse algo para os pais.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
14h50	Após o momento da correção da atividade, a professora avisou que não haveria mais aula naquela semana e que retornariam só na quarta feira do dia 16/11/16. Foi quando um aluno disse : “nossa! Tudo isso. E os demais riram”.	DOCENTE
15h	A professora comunica que já estava terminando a atividade e que eles se preparassem para fazer a próxima atividade que seria a resolução de operações matemáticas, divisão, adição e multiplicação. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA CLARA NÚMERO: 03

Quadro 18: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Clara Nº03 Data: 28/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
14h	Ao chegar à sala de aula, encontrei a professora sentada ao birô, estava acompanhando a leitura do aluno João. Quando	

	<p>ele terminou parabenizou e pediu que sentasse. Em seguida ela me explicou que naquele momento estava fazendo com que os alunos lessem individualmente, e que todos os alunos tinham que participar, indo para frente ao lado da professora para fazer a leitura do texto em tom alto para que todos ouvissem. Em seguida falou da importância: “Gosto de trabalhar esse tipo de leitura porque ajuda acompanhar se eles realmente estão aprendendo, como também trabalho a dicção, a postura em sala de aula, a linguagem, a pronúncia das palavras”.</p> <p>Ela entregava o livro ao aluno e em seguida este tinha que ler.</p> <p>Observei que aquele que apresentava dificuldade a professora buscava ajudar intervindo e pronunciando junto com o aluno. Também vi que a leitura se referia a textos diferentes, ou seja, um texto para os alunos do 4º ano e outro para os alunos do 5º.</p> <p>Quando o aluno João sentou, a professora mostrou-me os textos que ela estava trabalhando, e explicou que: “pelo fato de termos duas séries juntas (sala multisseriada), trabalho com alguns materiais diferentes, no caso da leitura hoje eu vou trabalhar o texto do: O menino e o Lobo para os alunos do 5º, e A Canoa para os do 4ºano, porque será feita e a leitura de acordo com a série que ocupa e o desenvolvimento.</p> <p>Trabalho também de forma que fico reverzando, um aluno do 5º, depois um do 4º. “Essa é uma forma de atenção a todos nos processos de ensino e aprendizagem”.</p> <p><u>Texto para Leitura dos alunos do 5º ano</u></p> <div data-bbox="423 1234 1128 1839" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>O Menino e o Lobo</p> <p>Um menino estava cuidando das ovelhas no alto de um monte.</p> <p>Quando começou a gritar:</p> <p>_ O LOBO! LOBO! SOCORRO!</p> <p>Imaginando que o menino e suas ovelhas estavam sendo atacadas por um lobo, os camponeses que moravam na vila subiram o monte para ajuda-los, mas viram que era mentira, o menino queria apenas se divertir.</p> <p>O pastorzinho repetiu essa brincadeira no dia seguinte e no outro também; por isso, os camponeses não acreditavam mais nele.</p> <p>Certo dia, os camponeses ouviram o menino gritar:</p> <p>_ LOBO! LOBO! SOCORRO!</p> <p>Ninguém foi ajudá-lo, pois todos imaginavam que ele estava falando a mesma mentira de sempre, mas desta vez era verdade e o Lobo matou todas as ovelhas.</p> <p style="text-align: right;">(Fábula de Esopo por Adson Vasconcelos)</p> </div> <p><u>Texto para Leitura dos alunos do 4º ano</u></p> <div data-bbox="423 1906 1128 1936" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>A Canoa</p> </div>	<p>DOCENTE EXPERIÊNCIA</p>
--	---	--------------------------------

	<p>A canoa virou Quem deixou-a virar? Foi por causa da Aninha que não soube remar. Se eu fosse um peixinho e pudesse nadar Eu tirava a Maria lá do fundo do mar!</p>	
14h25	<p>Em seguida após a apresentação de Carlos e toda explicação sobre as atividades que professora estava desenvolvendo, ela chama a aluna Sônia para o quadro do 4º ano. Aluna apresenta-se tímida e logo a professora já vai falando que ela não se preocupe porque ela estava ali para ajudar.</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
14h28	<p>Nesse momento observei que os alunos estavam centrados na atividade, dois dos alunos estavam querendo brincar foi quando a professor interveio falando: “prestem atenção, vamos respeitar os colegas que estão assistindo, por que os próximos serão vocês”. Nessa hora os alunos ficaram desconfiados e quietos.</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
14h35	<p>Após apresentação de Sônia a professora chama o aluno Mateus (4º ano). Quando o aluno começou fazendo a leitura do texto, demonstrou dificuldades. No entanto a professora pacientemente chamou-o para bem perto dela no birô e começou junto com ele a pronunciar as palavras. Fala da professora: – “Mateus é um menino esforçado, escreve muito bem só tem algumas dificuldades quando é para pronunciar as palavras”.</p>	DOCENTE/ ALTERIDADE
14h45	<p>Em seguida chama a aluna Maria (5ºano). Maria parece ser confiante e desinibida, começa a fazer a leitura fluentemente e a professora parabeniza elogiando. Ao término da leitura a professora explica que Maria era bem tímida, não gostava de se comunicar e tinha dificuldade nas pronúncias das palavras. Fala da professora: “Por isso que eu gosto de trabalhar com leitura em sala de aula, sempre pedindo para que eles lesem em voz alta para vencer seus medos e poder se desenvolver. Porque lhe confesso, eu sofri muito na faculdade, eu não gostava de ler nada, eu tinha medo, vergonha de ir para frente da sala apresentar qualquer tipo de trabalho acadêmico seja simples ou complexo, e isso eu devo a minha infância onde a professora não trabalhava isso, porque a gente só podia falar o que eles queriam. Por isso que hoje eu peso que eles leiam a fim de se desenvolverem cada vez mais”.</p>	DOCENTE EXPERIÊNCIAS CURRICULARES
15h	<p>Nesse momento, a observadora pede licença à P1, agradecendo e se retira.</p>	

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

Fazendo uma análise sobre o trabalho docente a partir da observação ocorrida em sala de aula, vi o quanto a professora Clara procura otimizar o processo de aprendizagem dos alunos

de forma dinâmica e contextualizada, justamente por se tratar de uma turma multisseriada onde os alunos já possuem um entendimento maior por conta da idade (variam entre 10 a 12 anos de idade), e que estão na escola desde os primeiros anos iniciais.

Os saberes mobilizados são os docentes, acompanhados da Alteridade e Identidade, nas quais focalizam seu trabalho. É visível a participação dos alunos, denotando interesse em compreender os assuntos trabalhados pela professora. Para Tardif (2011, p.13) “ensinar é agir com outros seres humanos; é saber agir com outros seres humanos que sabem que lhes ensino; é saber que ensino a outros seres humanos que sabem que sou professor”.

Nesse contexto vivenciei na prática a forma acolhedora que a prof^a Clara usa para obter a aprendizagem dos alunos, na perspectiva de formação de pessoas e futuros profissionais. Mesmo assim, alguns (uma minoria) não demonstram entusiasmo, pois pretendem seguir a profissão dos pais de continuar trabalhando na roça/campo, sendo os estudos prescindíveis.

Faço de tudo para que eles entendam o quanto é importante estudar, pois só com os estudos eles poderão alcançar uma condição de vida melhor e desenvolver no mundo. Para isso procuro estudar para encontrar a melhor maneira de ensinar e fazer com que eles aprendam (PROFESSORA CLARA).

A reflexão sobre essa professora é enriquecedora porque demonstra a possibilidade de relacionar conteúdos e valores no cotidiano escolar, contribuindo para melhorar seu trabalho docente através dos saberes adquiridos ao longo da sua docência e existência. Para Pimenta e Anastasiou (2005, p.208) “nas aulas, para além do “o quê” e do “como”, deve-se ensinar também “a pensar”, [...] configurando o ensino como atividade do professor e aluno”. Nessa perspectiva as autoras acrescentam que:

O ensino e aprendizagem constituem unidade dialética no processo, caracterizada pelo papel condutor do professor e pela auto-atividade do aluno, em que o ensino existe para provocar a aprendizagem mediante tarefas contínuas dos sujeitos do processo. Este une, assim, o aluno à matéria, e ambos, alunos e conteúdos, ficam frente a frente mediados pela ação do professor, que produz e dirige as atividades e as ações necessárias (PIMENTA E ANASTASIOU, 2005, p.208).

Nesse sentido fala-se de uma transparência nos processos de ensino e de aprendizagem, o que facilita a construção das identidades pessoais e profissionais. A relação professor aluno é imprescindível à construção do conhecimento. Nesse contexto Pimenta e

Anastasiou (2005, p.209) citam que: “No nível individual e social, a ideia de conhecer assemelha-se à de enredar [...], o aluno tem de ativamente refletir (no sentido dobrar-se de apropriar-se do quadro teórico objetivado pelo professor e pelo currículo no processo de ensino”.

É desse modo que o aluno apropria-se do objeto de aprendizagem, a partir da orientação e intervenção do professor, que faz uso de recursos advindos dos saberes acumulados durante o percurso do trabalho docente, fornecendo meios para superação das dificuldades na relação pedagógica. Para Tardif (2011, p.68) “o desenvolvimento do saber profissional é associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e fases de construção”. Diante do exposto destaca-se que a professora Clara, demonstrou os saberes da formação profissional, experienciais na educação básica, deixando evidente a necessidade da formação continuada, na busca constante da ação – reflexão – ação no saber pedagógico.

4.1.5 Professora Flor e a construção da identidade docente, a partir da alteridade nas relações interpessoais em sala de aula

A professora Flor, graduada em Pedagogia, e Pós-graduada em Alfabetização, sua formação inicial é Magistério e já leciona há 32 anos, sendo o mesmo tempo de trabalho na escola atual onde exerce atividade docente; iniciou a função de professora na rede pública municipal na Escola Municipal Padre Agnaldo; reside no Povoado Santa Cruz, no município de Propriá.

No momento estava lecionando à tarde, na turma Multisseriada (1º e 2º anos); a faixa etária dos alunos varia de 7 a 9 anos de idade; a sala de aula é composta por 16 alunos. As observações foram realizadas, nos dias 08, 10 e 28/11/2016, no horário das 15h às 16h, conforme protocolos de observação.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA FLOR NÚMERO: 01

Quadro 19: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Flor Nº01 Data: 08/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
15h	Ao chegar à sala de aula, encontrei a professora escrevendo ao quadro. Pedi licença e apresentei-me, em seguida coloquei o propósito da minha visita explicando que seria a pri-	

	meira de três visitas que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade, apresentou-me a turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereceu-me um lugar, colocando-se à disposição.	DOCENTE												
15:05	<p>A professora deu continuidade a aula escrevendo no quadro a atividade que seria trabalhada naquele momento. Era um exercício para que os alunos escrevessem primeiro no caderno, e depois resolver as questões em grupos. Nesse momento antes de escrever no quadro a professora começou a formar os grupos por série, misturando os alunos que sabem mais com os que sentem dificuldades, a fim de uns ajudar aos outros.</p> <p>Atividade do dia</p> <p>1)Escreva em cada coluna três nomes do que se pede:</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>PESSOAS</th> <th>CIDADES</th> <th>FRUTAS</th> <th>ANIMAIS</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p>2)Separe as sílabas das palavras. minhoca= velhinha= campo= sorvete= folha= cidade=</p> <p>3)Forme frase com as palavras. criança: sorvete:</p>	PESSOAS	CIDADES	FRUTAS	ANIMAIS									ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
PESSOAS	CIDADES	FRUTAS	ANIMAIS											
15:15	Após escrever a atividade no quadro a professora começou a explicar aos alunos, fazendo primeiro a leitura, em seguida deu um tempo de aproximadamente 15 minutos para que os alunos copiassem, porém estava atenta o tempo todo indo em cada mesa (observando os alunos por série) para ver como eles estavam desenvolvendo a atividade.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO												
15h45	Dando continuidade, a professora após um tempo, começou a responder às questões juntamente com os alunos. Vamos começar!: falou a professora. Nesse momento o Aluno A de 6 anos pediu para responder o nome de três pessoas que ele conhece, Pedro, Joana e Ana (são os pais e a irmã). Um outro aluno B se levantou e pediu para falar os nomes das três cidades. Nesse momento todos participavam juntos, quando a professora falou: “Agora eu vou também ajudar e vocês me acompanham certo! Todos responderam em uma só voz: Certo!. Tia”.	DOCENTE/ ALTERIDADE												
15h55	De repente... às crianças começaram a gritar de forma feliz e correndo em direção da porta da sala de aula, mas não saíram, a professora falou que aquela euforia dos alunos era por conta do “carro de bala”, trata de um senhor da Cooper-tal (empresa de ônibus) que todas as tardes passa na escola para deixar pipocas, balas e outros doces, e os alunos já conhecem. Diz a professora: “eles correm para a porta gritando e dando adeus é em forma de agradecimento, torna-se uma festa, mas logo se acalmam e voltam para os seus lugares.	DOCENTE												

16h	Dando continuidade, a professora termina de responder às últimas questões com os alunos e solicita que eles façam uma fila indiana para que possam ir para o recreio. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE
-----	--	---------

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA FLOR NÚMERO: 02

Quadro 20: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Flor Nº02 Data: 10/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
15h	<p>Ao entrar na sala de aula, encontrei a professora acompanhando os alunos que estavam trabalhando em grupos, com figuras. Em seguida a professora explicou que a aula seria a partir de recortes e colagens de figuras de acordo com as palavrinhas que constam na folha de atividade, e começou a explicar. Fala da professora: “Hoje eu entreguei a cada aluno uma atividade constando palavras que estão faltando as sílabas, para completar é preciso que eles procurem em outra folha que entreguei e que consta a figura, recorte e cole no espaço vazio. Nessa atividade leva mais tempo, porque eles precisam observar direito a sílaba que falta e se tem haver com a figura e o resto do nome da palavra, também tem a questão do recortar das figuras, o colar (pegar a cola com dedo e espalhar no papel), enfim é um processo demorado, mas em contra partida eles adoram, porque interagem uns com os outros, brincam e principalmente aprendem de forma lúdica ...é uma festa. Vale apenas fazer esse trabalho, mim realizo vendo o desenvolvimento deles.</p> <p>Um dos exemplos da atividade: Complete a palavrinha com a figura da sílaba que falta. _____ RAÇÃO </p>	DOCENTE EXPERIÊNCIAIS CURRICULARES
15h40	<p>Nesse momento percebi que os alunos estavam centrados na atividade, todos solicitavam a professora o tempo todo, perguntando para saber se estava fazendo certo. Era só felicidade. De repente. O aluno C, pergunta. Professora e quando tocar para ir ao recreio, vai deixar as coisas assim. De imediato a professora responde acalmando todos os alunos. Não se preocupem hoje a gente só guarda os materiais quando concluir a atividade, vocês irão brincar, lanche e ao retornar estarei aqui esperando vocês para que juntos pos-</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE DOCENTE TRABALHO DOCENTE CULTURA EDUCAÇÃO

	samos terminar. Certo! Não se preocupem podem ir para o recreio brincar, eu vou ficar aqui . Percebi nos olhares a tranquilidade dos alunos, pois estavam entusiasmados e não queriam deixar de terminar a atividade, além disso a professora explicou que quando faz esse tipo de atividade, os alunos quando terminam arrumam tudo, deixam tudo do jeito que encontrou. Diz a professora: é uma forma de orientá-los a ter cuidado com os objetos que utilizam para fazer suas atividades.	
16h	A professora comunica que já estava terminando o primeiro horário da aula que eles se preparassem para fazer a fila indiana para se dirigirem ao recreio. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA FLOR NÚMERO: 03

Quadro 21: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Flor Nº03 Data: 28/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE
15h	Ao chegar à sala de aula, encontrei a professora acompanhando os alunos que terminavam de escrever nos cadernos a atividade que ela colocara no quadro. Em seguida ofereceu um lugar para eu sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE
15h05	<p>Nesse momento entrei na sala os alunos falaram: Oi! Ela... vai estudar com a gente é? e começaram a sorrir.</p> <p>Primeiro a professora começou a colocar no quadro os textos que iria fazer a leitura à frente do quadro ao lado dela.</p> <p>Fala da professora: “Meninos! Escrevam, porque daqui a pouco vou escolher alguns para fazer a leitura aqui na frente. Certo?”.</p> <p>Texto para leitura dos alunos do 1º ano</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>A fada</p> <p>A fada é boa. A fada cuida de Fábio. Fábio afia a faca. Fábio é afobado. _ Cuidado, Fábio! _ A faca é afiada!</p> </div> <p>Texto pra leitura dos alunos 2º ano</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>O carro enguiçado</p> </div>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE e

	<p>Laila e seu amiguinho vão para roça de carro. O pai do menino guia com cuidado, mas o carro enguiça no meio do caminho. Todos saem e começam a empurrar. Logo em seguida o motor funciona. Rom.... Rom.... Rom.... Segue, então, para a casa da vovó.</p> <p>Após escrever o texto no quadro, a professora pede para que quatro dos alunos escolhidos façam a leitura um por um (2 do 1º ano e 2 do 2ºano), e anuncia que os demais vão fazer a leitura depois. Durante esse momento observei que a professora acompanha cuidadosamente as falas do alunos, e quando observa que tem dificuldade ela intervém ajudando.</p>	
15h30	<p>Após a atividade da leitura a professora começou a explicar aos alunos outra atividade que seria feita. Colocando no quadro.</p> <p>Atividade do quadro para ser trabalhada naquela tarde.</p> <p>Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães. Série Multisseriado 1º e 2º ano Data: 28/11/2016</p> <p>1)Desenhe a brincadeira e o jogo de que você mais gosta. 2)Escreva o nome de dois brinquedos que você mais gosta. 3)Marque as brincadeiras que você já realizou e circule as que você gostaria de realizar. () brincadeira de roda () esconde – esconde () boca de forno () passa – anel () pega – pega () cabo de guerra () mãe da rua () quente ou frio () barra – manteiga</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
15h35	<p>Dando continuidade, a professora após um tempo, deixou os alunos escreverem e aguardou para que eles terminassem, mas os que já tinham feito, começaram a responder com o auxílio dela.</p> <p>Vamos começar!: falou a professora. Nesse momento o Aluno José chamou a professora para tirar uma dúvida e ela se prontificou serenamente ajudando-o com as atividades. E isso se repetiu por diversas vezes com os demais alunos.</p>	DOCENTE
15h55	<p>Houve um momento em que a professora enquanto ajudava a um outro aluno a fazer a atividade, ela parou um momento e na maior felicidade, mencionou: “professora Kátia, sabe Gabriel, o aluno daquele dia que estava descobrindo as le-</p>	DOCENTE ALTERIDADE

	tras e as sílabas, e que toda hora ficava soletrando? Pois, hoje está na maior felicidade, pois já sabem ler. Fiz uma atividade no quadro, e não é que ele leu, foi tão lindo.	
16h	Dando continuidade, vi a felicidade da professora em observar os resultados positivos do seu trabalho. Nesse momento, a observadora pede licença à professora P2, agradecendo e se retira.	CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ALTERIDADE EU -OUTRO (PROFESSOR - ALUNO)

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

A professora Flor concilia o desenvolvimento dos saberes com a prática da alteridade e sua identidade profissional. Revelou-se uma profissional dedicada e entusiasmada com o ofício de “ser professor”, expondo os desafios e perspectivas ao atuar nas escolas localizadas em áreas rurais, em meio às demandas apresentadas no cotidiano de educação, mostrando que, mesmo durante aos altos e baixos da profissão, ainda existe uma fonte de realização, ao se sentir plena ao ver o resultado de seu trabalho, na figura do sucesso dos alunos que orientou durante sua jornada de trabalho.

Amo o que faço, sei que se fosse para começar tudo de novo, eu gostaria de ser mais uma vez professora. Adoro minha profissão, não sei e nem quero fazer outra coisa. A sala de aula é meu remédio, por mais que eu esteja triste, cansada, angustiada, é aqui na sala de aula que eu me curo. Amo muito fazer o que faço pelo outro, nesse caso meus alunos. Só em ver as carinhas deles quando aprendem alguma coisa, eu me realizo. Agradeço a Deus por fazer o que faço (PROFESSORA FLOR).

A professora Flor com 32 anos de profissão, ao falar do seu trabalho, seus olhos brilham, muda a entonação da voz o que denota amor pelo que faz, permeado de um grau de lucidez quanto aos deveres e direitos adquiridos no exercício da profissão, ainda que na prática a educação e as escolas localizadas nas áreas rurais sofram com os descasos existentes por parte do poder público.

Conforme Tardif (2009, p.17) “longe de ser uma ocupação secundária ou periférica em relação à hegemonia do trabalho material, o trabalho docente constitui uma das chaves para a compreensão das transformações atuais das sociedades do trabalho”. Esta tese se apoia justamente na capacidade do professor se constituir como sujeito ativo do processo educacional, pontuando que se faz necessária a capacidade do professor primeiro se ver para que em seguida consiga perceber o outro, nesse caso o aluno.

Durante as visitas observei que a professora Flor esteve o tempo todo atenta a tudo que ocorria em sala de aula, demonstrando afeto para com seus alunos e uma postura firme diante deles, com palavras de apoio e incentivo seguidas de acolhimento permeado de compreensão, ori-

entação e intervenção, sempre que necessário. Esses atos são marcas da sua identidade profissional como sujeito no mundo que se vê responsável pela identidade de outros (alunos).

No pensamento de Freire (1983) o homem compreende sua realidade, enfrentando os desafios e procurando solucioná-los, visando à transformação a partir do seu trabalho. Dessa compreensão o homem se identifica com sua ação fazendo-se homem-história. Corroborando este pensamento Hall (2005) destaca que o processo de identificação torna-se provisório e flexível, sendo definida historicamente. Isto faz com que o indivíduo se permita existir num contexto social de forma ativa como transformador, inclusive nos processos de ensino e aprendizagem.

A questão da alteridade nas relações interpessoais em sala de aula, fez-se presente durante toda investigação; os alunos tinham liberdade de se expressar, serem ouvidos e respeitados nas suas especificidades, suscitando neles a vontade de ir à escola.

Essa forma de trabalhar da professora Flor conota um ponto que considero primordial na educação em escolas das áreas rurais: o fato da evasão ser quase 0% nas três escolas estudadas durante a pesquisa.

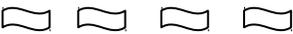
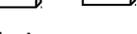
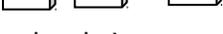
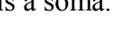
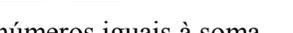
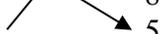
4.1.6 Professora Dulce e os processos de ensino e aprendizagem a partir da construção de vida dos alunos das áreas rurais

A professora Dulce possui graduação em Pedagogia e Pós-graduação em Alfabetização; sua formação inicial é Magistério, já leciona há 30 anos, sendo o mesmo tempo de trabalho na escola atual onde exerce atividade docente, ou seja, iniciou a função de professora da rede pública municipal na Escola Municipal Padre Agnaldo, é residente do Povoado Santa Cruz no município de Propriá.

No momento leciona no período da tarde, na turma Multisseriada (Pré-escolar-Educação Infantil), atendendo à faixa etária dos alunos que alcança crianças de 3, 4 e 5 anos de idade; a sala de aula é composta por 19 alunos. A observação da aula foi realizada, no período compreendido nos dias 08, 10 e 28/11/2016, no horário das 16h às 17h, conforme protocolos que seguem.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA DULCE NÚMERO: 01

Quadro 22: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Dulce Nº01 Data: 08/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE
16h	Ao chegar à sala de aula, pedi licença e apresentei-me, em seguida coloquei o propósito da minha visita explicando que seria a primeira de três visitas que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado em educação cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade, a professora apresentou-me a turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereceu um lugar para eu sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE
16:05	<p>Após apresentação a professora deu continuidade a aula a qual estava escrevendo no quadro a atividade que seria trabalhada naquele momento. Conforme segue:</p> <p>Atividade de Matemática</p> <p>1)Circule de acordo com a ordem indicada:</p> <p>[2º]     </p> <p>[4º]     </p> <p>[5º]     </p> <p>2)Ligue os números iguais à soma.</p> <p>4 + 4 =  6</p> <p>2 + 1 =  7</p> <p>3 + 2 =  3</p> <p>5 + 2 =  8</p> <p>3 + 3 =  5</p> <p>Enquanto a professora fazia a atividade no quadro os alunos acompanhavam atentos fazendo cada um no seu caderno. Em seguida a professora deu um tempo de 15 minutos para que eles terminassem de copiar.</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
16:25	Terminado o tempo, a professora começou a chamar os alunos para o quadro a fim de fazer as resoluções das questões juntamente com ela e os demais colegas, para que todos participassem. Durante as resoluções das questões observei que a aluna Lúcia estava respondendo todas as questões, e a professora estimulava o tempo todo para que ela ajudasse também os que estavam sentindo dificuldades. Fala da professora: Gosto de trabalhar dessa forma é uma maneira de trabalhar a interação entre eles.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
16h45	Durante o momento da resolução da atividade no quadro, observei que um dos alunos gêmeos que iniciava as aulas naquele dia, encontrava-se chorando, enquanto que um dos irmãos estava consolando, e dizia: “ não chore não, já vamos pra casa. Viu!”, de repente ele parou de chorar”. A professora toda hora conversava com eles consolando e dando atividades para que eles	ALTERIDADE

	fizessem juntos com os outros coleguinhas.	
17h	Durante o momento de observação em sala de aula, vi que eles ficaram curiosos, querendo saber quem eu era, se ia estudar com eles. Após a professora responder às questões e acompanhar se as atividades estavam sendo respondidas indo a cada aluno para dar o visto. Nesse momento, a observadora pede licença, agradecendo e se retira.	DOCENTE ALTERIDA- DE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA DULCE NÚMERO: 02

Quadro 23: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Dulce Nº02 Data: 10/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES/ ALTERIDADE/ IDENTIDADE
16h	<p>Ao entrar na sala de aula, encontrei a professora escrevendo atividade de Português, solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade em sala de aula.</p> <p>Iniciou a aula após o intervalo às 16h05min comunicando aos alunos que a atividade seria um questionário composto de três questões, e que todos copiassem enquanto ela estava copiando no quadro.</p> <p>Atividade de Português</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>1)Qual a primeira letra da palavra <u>boneca</u>? [] a [] m [] b</p> <p>2)Observe a figura e complete a palavra.</p> <div style="text-align: center;">  Pi __ ca </div> <p>3)Qual a sílaba que falta para completar a palavra.</p> <p style="text-align: center;">__ ma __ po __ lu</p> </div>	DOCENTE
16h20	<p>Em seguida após escrever a atividade no quadro a professora começou a acompanhar os alunos individualmente para ver como eles estavam se desenvolvendo.</p> <p>Observei que os alunos gostam de trabalhar em grupo. Os alunos demonstraram entusiasmo e dedicação durante toda a atividade, enquanto a professora acompanhava uns, os outros tentavam fazer em grupo e depois chamavam a professora para conferir e corrigir.</p> <p>Embora seja uma turma com crianças de 4 a 5 anos, demonstram ser inteligentes e organizados. Em conversa com a professora ela disse que: “quando inicia o ano procuro trabalhar com eles a vontade de aprender, trabalhamos de forma que eles entendam que aprender faz bem e é muito bom,</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE

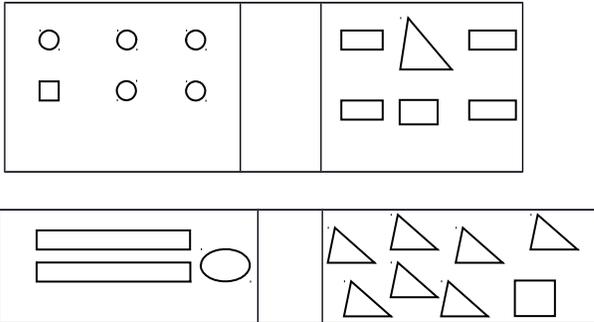
	por isso que procuro levar as atividades com leveza, deixando eles livres para participar, trabalhando com brincadeiras e de forma lúdica.	
16h40	Nesse momento vi que os alunos que estavam sentados próximos e centrados na atividades logo começaram a sorrir olhando para gente.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
16h40	Enquanto a professora se dirigia para tirar as dúvidas de uns alunos que estavam sentados nas carteiras da frente, vi que tinha dois irmãos gêmeos recém-chegados na sala de aula, e que um deles chorava muito, foi quando o outro que não chorava consolava o outro dizendo que “não chore não, daqui a pouco, vamos embora”. Nesse momento a professora se dirigiu a eles e chamou para ficar com ela. Vi que a relação de afeto e respeito é muito presente, durante todo o processos de ensino e de aprendizagem.	DOCENTE
17h	A professora comunica que já estava terminando a atividade e que eles se preparassem para fazer a próxima atividade que seria a resolução de operações matemáticas, divisão, adição e multiplicação. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA DULCE NÚMERO: 03

Quadro 24: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Dulce Nº03 Data: 28/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE
16h	Ao chegar à sala de aula, encontrei a professora terminando de escrever atividade de Matemática no quadro e ela solicitou que eu sentasse e ficasse a vontade em sala de aula. Neste dia estavam animados. Dei Boa tarde! E todos responderam em uma só voz: Boa tarde! Vi as carinhas de felicidades por estarem ali, estudando, brincando e interagindo entre eles. Quando encaminhei para sentar uma boa parte da turma logo me seguiu, e a professora começou chamar à atenção. Meninos! voltem para os seus lugares para copiar a atividade. E logo atenderam, mas rindo e perguntando: Tia! Você vai estudar com a gente? Uns falavam...eu vi a senhora ali na outra sala.	DOCENTE

16h10	<p>Em seguida a professora começou escrever no quadro a atividade de Matemática.</p> <p>Atividade de Matemática</p> <p>1)Pinte a figura diferente de cada grupo</p>  <p>2)Resolva as adições:</p> <p>3+3= __ 4+4= __ 8+2= __ 9+1= __</p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
16h30	<p>Nesse momento a professora começou a se dirigir para cada um, passando o visto, para ver quem já tinha terminado de escrever e já ia começar a responder a atividade.</p> <p>De repente...Os gêmeos Rian e Rui (5 anos), vieram ao meu encontro falar que já estavam fazendo as letrinhas.</p> <p>Obs: os irmãos gêmeos só tem aproximadamente um mês de aula, e segundo a professora um deles (Rian), só fazia chorar, ambos não conheciam as letras do alfabeto, absolutamente nada. Fala da professora: “tive que começar do zero com eles, não sabiam nem pegar no lápis”.</p> <p>Nesse momentos eles se dirigiram ao birô para pegar o caderno para me mostrar o dever pronto sorrindo e dizendo: “Oi! Tia. também já estou fazendo o dever, oi!”.</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
16h50	<p>Vários alunos começaram mostrar para mim, as atividades prontas no caderno.</p> <p>Foi quando a professora começou a chamar para responder no quadro.</p> <p>Quase todos queriam ir ao quadro fazer, mas foi quando a professora colocou uma ordem.</p> <p>Durante essa atividade, a diretora pede licença e avisa que durante a semana a partir de terça feira até sexta feira, não haveria aula por que vai ter um Curso/Capacitação dos professores da prefeitura e que as aulas só retornariam na próxima semana. Os alunos começaram a gritar, mas depois falaram só na próxima, poxa!</p>	DOCENTE CURRICULAR
17h	Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Confirma-se a presença predominante dos saberes docentes em sala de aula, especialmente os curriculares, disciplinares, profissionais e experienciais. Durante as observações nessa escola, evidenciou-se que a afetividade está presente na prática docente, possibilitando criar um ambiente confiável e estável para proceder às atividades com os alunos. A Prof^a Dulce manifestou equilíbrio nos seus esforços pelo domínio e aplicação dos saberes, vivência da alteridade e construção contínua da identidade.

Dessa maneira, cabe ao professor auxiliar o aluno no seu desenvolvimento psicoemocional. Dessa compreensão, o professor auxiliará os alunos a coordenarem suas representações de modo a dar sentido ao saber escolar, embora só alcancem um resultado positivo a partir de uma prática reflexiva, permeada da capacidade do professor se ver no lugar do outro (aluno) durante os processos de ensino e aprendizagem.

Um ensino prático reflexivo deve estabelecer suas próprias tradições, não apenas aquelas associadas a formatos, meios, ferramentas, materiais e tipos de projetos, mas também aquelas que incorporam expectativas para as interações entre instrutor e estudante (SCHÖN, 2000, p.227).

A reflexão docente nos processos de ensino e aprendizagem, possibilita ao professor rever sua prática no decorrer da sua vida profissional. Assim, será possível entender e compreender de forma dinâmica como estabelece uma relação harmônica entre professor-aluno, eu-outro.

A prática observada e descrita pela professora é resultado de sua história de vida, a partir da sua formação e dos saberes acumulados ao longo do percurso profissional, perfazendo um caminho que leva à sua afirmação como professor na sociedade contemporânea. Neste sentido trata-se da constatação do papel do professor, destacando sua atuação como mediador e orientador na construção do conhecimento dos alunos.

Ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho constituído de interações humanas. As interações com os alunos não representam, portanto, um aspecto secundário ou periférico do trabalho dos professores: elas constituem o núcleo e, por essa razão, determinam, ao nosso ver, a própria natureza dos procedimentos (TARDIF, 2011, p. 118).

Também, de acordo com Freire (1983), os processos de ensino e de aprendizagem na educação contemporânea, são assinalados pela reflexão sobre si mesmo, observando o resultado da sua trajetória no mundo. Nesta perspectiva, Freire reconhece que:

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1983,p. 28).

Sob sua ótica, calcada em Marx e Gramsci, a educação, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem, sujeito de sua própria educação e não objeto dela, sendo que por outro lado, a busca deve traduzir-se em ser mais: é uma busca de si mesmo.

Na condução do trabalho da professora Dulce, foi possível observar, especialmente em sua linguagem, os diversos saberes, em particular os da formação profissional. Para Freire (1983, p.29) “[...] todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação”. A professora, no exercício da sua atividade, buscava interagir com seus alunos, o tempo necessário, o que está refletido na forma como o professor desenvolve a sua prática docente, identifica-se como profissional devido a contínua construção da sua identidade.

4.1.7 Sara demonstra que a alteridade na relação professor – aluno é fundamental, e que a formação de professores contribui para a qualidade do ensino

A professora Sara, graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Psicopedagogia; sua formação inicial de nível médio é Magistério; leciona há 17 anos, sendo que na escola atual (Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves) exerce a atividade docente há 12 anos; residente na área urbana da cidade Propriá.

Lecionava no período da tarde, na turma de Multisseriada (Pré-escolar - Infantil da Educação Básica); a faixa etária dos alunos varia de 4 a 5 anos de idade; a sala de aula é composta por 13 alunos. A observação da aula foi realizada, no período de 22 e 23/11 e 05/12/2016, no horário das 13h às 14h, conforme protocolos a seguir.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA SARA NÚMERO: 01

Quadro 25: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Sara Nº01 Data: 22/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE
13h	Apresentei-me à professora e em seguida coloquei o propósito da minha visita, explicando que seria a primeira de três e que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade, Sara apresentou-me à turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereceu-me um lugar para sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE
13h05	Após as apresentações a professora Sara, deu continuidade a aula, solicitando os livros didáticos aos alunos dirigindo-se a cada um para dar o visto. Durante a observação, a professora se comportou como entidade mediadora dos processos de ensino e aprendizagem, estimulando os alunos; esta postura foi notada a partir do seu comportamento ao corrigir e dar o visto nas atividades que foram passadas no dia anterior (o dever de casa).	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DO-CENTE
13h15	Após um tempo de aproximadamente 10 minutos a professora começou a escrever no quadro uma nova atividade. Pessoal! Hoje, nós vamos aprender uma letrinha nova. Vamos trabalhar a letrinha L . Atividade de Português <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 5px 0;">LA - LE - LI - LO - LU <u>Laranja</u> <u>Limão</u> A fruta preferida de Lucas é a: <u>Laranja</u> Pinte a que Lucas gosta. Pera - Laranja - Maçã Procure a palavra Laranja e circule: Bola - Flor - Laranja - Casa Faça três palavrinhas com a letra L. Nesse momento a P1 fala: “Prestem atenção! Vou fazer no quadro e você copiam. Certo? L = LUVA LÁPIS LUA</div>	ALTERIDADE IDENTIDADE DOCENTE
13h35	Enquanto a professora estava ao quadro com Antônio, um outro aluno quis sair da sala, ela parou a orientação que estava fazendo e chamou a atenção. Aluno Roberto aonde você pensa que vai? Volte	

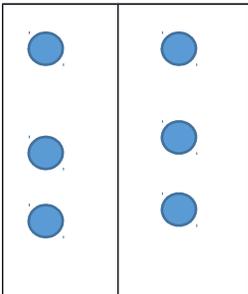
	<p>para a sua carteira e continue prestando atenção a aula, porque o próximo vai ser você pra vir ao quadro. Entendeu? Nesse momento vi que mesmo chamando a atenção do aluno, na sua fala o timbre tinha um tom de brandura, ao perguntar primeiro se ele queria beber água ou ir ao banheiro. O aluno A1 voltou e sentou-se comportado dando um leve sorriso.</p> <p>Observei que a professora trabalha de forma compartilhada com todos os alunos, sempre atenta a tudo que está acontecendo em sala de aula estimulando e incentivando todos.</p> <p>Ainda nesse momento observei que os alunos ficam atentos a tudo que está acontecendo.</p>	DOCENTE ALTERIDADE
13h50	<p>Voltando para a atividade, a professora continua explicando no quadro, mas ao mesmo tempo se dirigindo a cada aluno, para observar se eles estão sem dificuldade.</p> <p>Um dos meninos Lucas pergunta se pode fazer outras palavrinhas com a letra L, já que ele tinha feito as primeiras que a professora tinha orientado. Foi quando a professora pediu para ver o caderno; quando o aluno Eduardo foi levar o caderno ela viu que realmente ele já tinha feito, parabenizou-o e estimulou a ele fazer as palavrinhas que ele queria. Perguntando: Quais as palavrinhas você quer fazer com a letra L? Ele respondeu: “ Lata (de refrigerante) Lavar (de lavar as mãos) e Livro.</p> <p>A professora parabenizou e o aluno ficou muito entusiasmado, quando terminou foi perguntar se podia ajudar os coleguinhas fazer o dever. A professora disse: Pode sim.</p> <p>Nesse momento percebi o quanto a professora desenvolve suas atividades docentes de forma ética, em que a construção da sua identidade docente está presente em cada ação, permitindo que seus alunos se desenvolvam enquanto pessoas e futuros profissionais, preparando-os para o mundo.</p>	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
14h	<p>A professora comunica que iria passar uma atividade no quadro, mas só iria explicar depois do intervalo e que primeiro todos tentassem responder no caderno. Nesse momento, a observadora pede licença à P1, agradecendo e se retira.</p>	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA SARA NÚMERO: 02

Quadro 26: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Sara Nº02 Data: 23/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE DE IDENTIDADE
13h	<p>Ao adentrar sala, encontrei a professora sentada ao birô, com alguns alunos em volta dela. Apresentei-me, pedi licença e dei Boa tarde, e ela solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade em sala de aula. Iniciou a aula, solicitando</p>	DOCENTE

	<p>que todos colocassem sobre o birô os cadernos (livro didático de exercícios). Como já é de costume todos os dias, a primeira coisa que ela pede antes de iniciar as aulas, pra dar o visto das atividades passadas no dia anterior, pra ver se todos fizeram corretamente.</p> <p>Quando me dirigia para sentar alguns alunos vieram ao meu encontro para mostrar o brinquedo, outros pra mostrar o caderno e outros a para perguntar se eu ia estudar junto com eles.</p>	
13:10	<p>Em seguida escreveu no quadro um exemplo sobre atividade que iria distribuir no papel A4.</p> <p>Fala da professora: Hoje vamos trabalhar com números. Certo! Pessoal. Os alunos respondem. Certo!</p> <p>Primeiro desenhou no quadro uma peça de dominó. E pergunta: “o que foi que eu desenhei?”</p> <p>De imediato José responde: dominó. Certo, muito bem José, você tem um em casa? Logo o aluno responde: – Tenho e brinco com meu pai, mãe e irmãos.</p> <p>Logo em seguida ela começa a fazer o cálculo das bolinhas que constam na peça do dominó: Ex:</p> <div data-bbox="425 1108 673 1402" style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 10px 0;">  </div> <p style="text-align: center;"> $\underline{\quad} + \underline{\quad} = 6$ </p> <p>Em seguida entregou a cada um, uma atividade contendo várias figuras de dominó com algumas operações de somar como segue o modelo acima.</p> <p>Também entregou a mim uma atividade, perceberam e começaram a perguntar se eu também ia fazer o dever com eles, em seguida dois alunos se aproximaram de mim e começaram a pedir ajuda. Perguntei à professora se eu podia e ela disse que sim.</p> <p>Observei que os dois alunos são dedicados e já conhecem</p>	<p>ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE</p>

	muito bem os números e já sabem contar.	
13:30	<p>Após um tempo de aproximadamente 20 minutos, deu-se continuidade. Enquanto os dois alunos que estavam respondendo à atividade comigo, observei que os demais faziam com a professora ou em duplas e trio. Achei bastante interessante como o trabalho docente é fundamental, pois já nessa idade já tem a compreensão de trabalho em grupo a professora falou que desde o início do ano letivo já nos primeiros dias faz atividades com eles em grupo, justamente para começar a trabalhar a interação em sala de aula, o cooperativismo, mostrando o quanto é importante um ajudar o outro. Não trabalho com eles de forma individual: disse a professora.</p> <p>Observei que o aluno de forma entusiasmado retornou à explicação com a resposta certa, e os demais alunos acompanhavam tudo atenciosamente.</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
13:45	Dando continuidade ao assunto, a professora seguiu perguntando, observei que enquanto uns faziam em grupos, observei que tinham mais dificuldade e faziam com a professora individualmente.	DOCENTE
13h55	A professora comunica que até chegar a hora do intervalo as atividades seriam só de cálculos. E eles responderam: Oba! E ficaram rindo fazendo a atividade de dominó.	ÉTICA/ESTÉTICA DO- CENTE
14h	<p>A professora continuava a dar assistência individual e observar. Quando de repente olha para um aluno que estava sentado a pensar, e pergunta: José porque está pensando ao invés de fazer a atividade? Professora, já terminei de hoje... e sorriu, falando: Já somei as bolinhas de cada dominó e já pinte as figurinhas que estão aqui de lado do dominó. Em seguida a professora pede a ele. Você pode ajudar então seus colegas? E ele todo feliz respondeu: sim.</p> <p>Observei nessa atitude, procura trabalhar entre os alunos o espírito de cooperação e generosidade ao pedir que o aluno ajude aos demais, a fim de não ficar ocioso Nesse momento, a observadora pede licença à P1, agradecendo e se retira.</p>	DOCENTE ALTERIDADE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA SARA NÚMERO: 03

Quadro 27: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Sara Nº03 Data: 05/12/2016

	SABERES ALTERIDA-
--	--------------------------

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	DE IDENTIDADE
13h	Ao entrar na sala, encontrei a professora sentada ao seu birô, com alguns alunos em volta dela. pedi licença e dei boa tarde, e ela solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade em sala de aula. Iniciou a aula avisando que iam estudar palavras novas. Quando me dirigia para sentar, alguns alunos vieram ao meu encontro perguntando se naquele dia eu ia estudar com eles.	DOCENTE
13:10	Em seguida a professora começou a escrever no quadro as palavras no singular e no plural. LATA = LATAS / BOLA = BOLAS / FLOR = FLORES Observei que os alunos ficam atentos e gostam de participar.	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
13:30	Após um tempo de aproximadamente 20 minutos, dando continuidade enquanto os alunos escreviam no caderno as palavras, observei que alguns faziam com a professora ou em duplas e trio. Achei bastante interessante como o trabalho docente é fundamental, pois já nessa idade já tem a compreensão de trabalho em grupo	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
13:45	Dando continuidade ao assunto, a professora começou a distribuir figuras de acordo com as palavras escritas e trabalhadas em sala de aula. Segundo a professora é uma forma de fixar o que fora aprendido, já que ela percebeu que pintar é uma das coisas que as crianças mais gostam de fazer.	DOCENTE
13h55	A professora comunica que se não der tempo, quando terminar o recreio, eles iam poder continuar pintando as figuras de acordo com as palavras.	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
14h	A professora continuava a dar assistência individual. Observei que a professora procura trabalhar entre os alunos o espírito de cooperação e generosidade ao pedir que se ajudem uns aos outros. Nesse momento, a observadora pede licença, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

Essas observações ratificam a especificidade do trabalho docente que reside nos saberes, ao mesmo tempo em que elucidam que a alteridade impõe-se na relação professor – aluno – conhecimento. A Prof^a Sara demonstra dedicação ao outro e a si mesma como profissional. Os alunos nitidamente procuram seguir sua exemplaridade.

Durante a observação em sala de aula da professora Sara, pude identificar um bom relacionamento entre professora e alunos, pautado no respeito, atenção, carinho, tendo como base a afetividade advinda por parte da professora para com os alunos, onde todos se referiam à docente de forma carinhosa e confiante como: “Tia...veja se meu dever está certo”, “Tia...hoje tem lan-

che”, “Tia...olhe meu sapato novo”. Foram várias formas de carinho sobre o estado atual dos alunos na forma de compartilhar com a professora o que estava ocorrendo com eles, demonstrando o quanto a professora Sara já faz parte do universo afetivo de cada aluno.

A capacidade de se ver no outro é fundamental, pois para que isso ocorra é preciso que exista afeto entre professor-aluno, principalmente do professor, porque é ele que vai conduzir as relações interpessoais estabelecidas em sala de aula entre ele e o aluno, é ele que vai intermediar os processos de ensino e de aprendizagem. Por isso que sei o quanto é importante o afeto nas relações em sala de aula. Observo que quanto mais dou atenção e trato com carinho meus alunos, mais vejo que eles aprendem. São crianças carentes que necessitam de amor, observe como eles chegam na sala de aula mostrando uma roupa que ganhou, um caderno que recebeu do pai, irmão....em fim, eles precisam ser amados para que possam ser se desenvolver como pessoas no mundo (FALA DA PROFESSORA SARA).

A melhoria do ensino e aprendizagem do aluno é fruto dessas relações humanas no ambiente da sala de aula e fora dela. A partir desse entendimento, a empatia do discente em relação ao docente, influencia a relação professor-aluno nesse processo, de modo a superar dificuldades na construção do conhecimento, da identidade e nas relações interpessoais entre colegas em sala de aula e na instituição, proporcionando seu desenvolvimento de ordem emocional e cognitiva, individual e social, é que esta pesquisa busca responder.

Notamos que além do profissional da educação está ligado ao exercer sua função pedagógica, dele se espera a compreensão do emocional do outro e cuidado com as interações escolares. O vínculo afetivo possibilita que o educador suscite no educando a consciência do seu papel em sala de aula e, conseqüentemente, contribuindo na busca do conhecimento como fonte de realização pessoal e social e não algo obrigatório como “*status*” que deverá galgar frente à sociedade. Para Nery (2003,p.18):

Os vínculos que estabelecemos nos despertam para a experiência emocional neles contida. É essa experiência que lhe dá autenticidade e o aquecimento para a sua efetivação. Sempre percebi que a afetividade pode elucidar as motivações e o sentido do desempenho dos nossos diversos papéis. Acredito que, além do aprendizado dos papéis, o aprendizado emocional nos vínculos ajudará a nos compreendermos e a liberar nossos potenciais criativos.

A afetividade é o motor da conduta humana; direciona-nos bem como nos motiva para o desempenho de um papel num contexto e num momento (NERY, 2003). O aprendizado

emocional propicia a singularidade e a peculiaridade dos papéis que a pessoa desempenha, tornando-se, assim, um dos fundamentos do desenvolvimento dos papéis e de suas características, que contribuirá para o desenvolvimento cognitivo e emocional, tanto do professor quanto do aluno.

Este processo por vez, suscita no aluno a motivação que ele precisa para construir conhecimentos, oportunizando-lhe assumir seu papel como aluno, não de forma passiva, mas democrática e participativa, não sendo necessário tolher a sua criatividade. Em se tratando do afeto nas relações, pedagogicamente, entendemos que ele está presente em qualquer contexto que o aluno venha a enfrentar durante a sua estadia no ambiente escolar, priorizando sua integridade física e, principalmente, mental.

Na abordagem que trata a questão das relações estabelecidas durante a vida do trabalhador da educação, tudo está relacionado a partir da compreensão das interações cotidianas entre professor e aluno,

A educação repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma imensa concha vazia. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: ao contrário, elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo de trabalho escolar e, principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos (TARDIF, 2009, p.23).

A partir de uma visão dialética, Tardif (2009), busca fazer uma correlação com o processo da construção da identidade profissional com o trabalho em termos sociológicos, ou seja, mostrando que o processo do trabalho transforma não só a natureza externa mas a própria natureza interna do homem (relação sujeito – objeto), destaca as condições de trabalho, enfatizando sua capacidade de modificar a identidade do trabalhador, mostrando que o ser humano torna-se aquilo que ele faz a partir das relações sociais e afetivas estabelecidas no ambiente escolar.

4.1.8 Joana e o desafio da construção da identidade docente nas escolas localizadas nas áreas rurais: desafios e perspectivas

A professora Joana é graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Educação Infantil e Gestão Escolar; sua formação inicial no nível médio é o Magistério; já leciona há 35 anos, sendo

que na escola atual (Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves) exerce a atividade docente há 6 anos; também é residente na área urbana da cidade Propriá.

Leciona no período da tarde, na turma do 1º ano do Ensino Fundamental das séries iniciais da Educação Básica, atendendo à faixa etária dos alunos que varia de 6 e 7 anos de idade; a sala de aula é composta por 19 alunos. A observação da aula foi realizada, no período compreendido entre os dias 22, 23/11 e 05/12/2016, conforme protocolos de observação.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA JOANA NÚMERO: 01

Quadro 28: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Joana Nº01 Data: 22/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE
14h	Apresentei-me à professora Joana e em seguida coloquei o propósito da minha visita, explicando que seria a primeira de três e que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade, apresentei-me à turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereci um lugar para sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE
14h05	Após a apresentação, a professora Joana explicou que a atividade daquela tarde seria a confecção de um dominó de palavras e figuras. Quando cheguei à sala os alunos estavam separados por grupos e que cada grupo era responsável por algumas peças do dominó, as palavras monossílabas estavam com os de 6 anos e as palavras dissílabas e trissílabas com os maiores de 7 anos que já sabiam mais, a professora também mesclou os grupos com os que sabiam mais com os que sabiam menos, a fim de um ajudar o outro. Exemplo da atividade de Português: C a s a 	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
14h45	Após um tempo de aproximadamente 30 minutos a professora além de ajudar no corte das figuras, mas só quando era necessário, ela procurava estimular os alunos quando ficavam irritados na hora	ALTERIDADE

	que cortava as figuras e não conseguiam fazer a colagem certa no quadradinho do dominó, ou quando se atrapalhavam quando ia colar a figura e percebiam que era outro nome.	IDENTIDADE DOCENTE
14h45	Nesse momento o aluno Rodrigo quis sair da sala, ela interrompeu a orientação que dava a um grupo e perguntou o que ele queria, ele disse que iria ao banheiro, ela liberou e pediu que não demorasse. Em questão de 5 minutos ele retornou por se tratar do banheiro ficar próximo à sala de aula, o aluno agradeceu e ela também. Essa ação parece simples, mas vi o quanto a professora respeita os seus alunos e eles também, ao cumprir com a palavra que só iria ao banheiro e logo voltava, e deu continuidade a atividade que estava fazendo de forma entusiasmado.	DOCENTE ALTERIDADE
14h50	Os alunos continuaram a fazer o dominó em grupo, uns ajudando os outros e tirando as dúvidas com a professora. Ao mesmo tempo que recortavam, colavam e pintavam iam descobrindo as palavras através das figuras.	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
15h	Nesse momento, a observadora pede licença à P1, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA JOANA NÚMERO: 02

Quadro 29: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Joana N°02 Data: 23/11/2016

14h	Ao entrar na sala, encontrei a professora sentada ao seu birô. Pedi licença e dei boa tarde, ela solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade. Iniciou a aula avisando que iam estudar os números de 1 até 20.	DOCENTE
14:10	Em seguida a professora começou a escrever no quadro os números e pedia para que os alunos além de escrever no caderno acompanhassem falando. Exemplo: 1 um 2 dois 3 três 4 quatro Observei que os alunos ficam atentos e gostam de participar.	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
14:30	Após um tempo de aproximadamente 20 minutos, dando continuidade enquanto os alunos escreviam no caderno e acompanhavam falando, observei que alguns faziam com outros colegas, tirando dúvidas ou ajudando uns aos outros. O trabalho docente é fundamental, pois já nessa idade já tem a compreensão de trabalho em grupo	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
14:45	Dando continuidade ao assunto, a professora começou a distribuir figuras de acordo com os números que foram trabalhados. Segundo a professora é uma forma de fixar o conteúdo, porque os alunos gostam de pintar as figuras.	DOCENTE

14h55	A professora avisa que ao terminar o intervalo, vai continuar a atividade.	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
15h	Observei que professora dar assistência individual, e trabalhar o espírito de cooperação e generosidade ao pedir aos alunos que ajudem uns aos outros. Nesse momento, a observadora pede licença, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSORA JOANA NÚMERO: 03

Quadro 30: Protocolo de Observação em sala de aula/Profª Joana Nº03 Data: 05/12/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE
14h	Ao entrar na sala, encontrei a professora Joana escrevendo no quadro a atividade que ia ser trabalhada. Hoje, vamos contar histórias e escrever o texto da nossa estorinha, certo?	DOCENTE
14:10	Em seguida a professora começou a contar a história e pediu que eles prestassem atenção, porque depois ela ia fazer perguntas sobre a história, para depois começar a desenhar. Nessa atividade observei que a professora trabalhou linguagem.	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
14:30	Após um tempo de aproximadamente 20 minutos, comentando a história, a professora entregou a cada aluno uma folha de papel A4 e lápis de cor, para que eles desenhassem o que entenderam da estorinha, para que depois juntos conversassem sobre os desenhos. Observei que os alunos de forma entusiasmada desenharam, e um perguntando ao outro o que foi desenhado.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
14:45	Dando continuidade ao assunto, a professora seguiu perguntando e observando se eles estavam conseguindo fazer relação com o desenho e a história contada.	DOCENTE
14h55	A professora comunica que até chegar a hora do intervalo as atividades seriam só os desenhos e que depois cada um pintasse o seu.	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
15h	A professora Joana continuava a dar assistência individual. Nesse momento, a observadora pede licença à professora, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

A professora Joana, com seu trabalho docente, ratifica o predomínio da construção de saberes, seguida do desenvolvimento da alteridade e da identidade. Manifesta ainda sensibilidade

especial para a ética e estética nas relações em sala de aula.

Adoro fazer o que faço, amo ser professora, desde o início quando comecei. Não consigo me ver fazendo outra coisa, para me estar em sala de aula é um remédio. Quando estou doente vou trabalhar mesmo assim, e quando chego na sala de aula e vejo eles(alunos), tudo passa. Me reconheço neles, naquilo que faço, que é o ensinar (FALA DA PROFESSORA JOANA).

A partir de uma visão dialética, Tardif (2009), busca fazer uma correlação do processo da construção da identidade profissional com o trabalho em termos sociológicos, ou seja, mostrando que o processo do trabalho transforma não só a natureza externa, mas a própria natureza interna do homem (relação sujeito – objeto), destaca as condições de trabalho: “o trabalho modifica profundamente a identidade do trabalhador: o ser humano torna-se aquilo que ele faz” (p. 28-29).

Ens (2011), em seu artigo cita que é evidente, ao longo dos anos as profissões passam por transformações; Tardif (2009), vai mostrar que o trabalho docente na atualidade, fala das três concepções que se fizeram presentes nessa trajetória desde sua origem, interpenetrando-se como: vocação, ofício e profissão, que elucidam as dimensões fundamentais desse trabalho, que está relacionado ao trabalho do professor.

Sabemos que o cotidiano do professor se faz presente a partir das relações que se estabelecem no âmbito escolar. Para Tardif (2009), a educação repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos, sem as quais a escola seria apenas “uma imensa concha vazia”. Elas criam raízes e se estruturam no âmbito do processo de trabalho escolar, especialmente no caso dos professores com os alunos em sala de aula. Observei que a professora estabelece relações interpessoais em sala de aula como pressuposto básico para a construção da sua identidade.

Nessa perspectiva Hall (2005) distingue três concepções de identidade que permeiam o homem: o sujeito do iluminismo, que é o indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão; o sujeito sociológico, presente no mundo moderno e que não é independente, uma vez que se forma pela relação que estabelece com os outros; e o sujeito pós-moderno, o qual não possui identidade fixa.

As mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, aceleradas desde o século XX, trazem consequências na identidade do sujeito, inclusive do professor e dos alunos; implica ações

docentes de contextualização no cotidiano de sala de aula, mostrando que a construção da identidade se processa na relação com o outro, a qual requer um olhar específico para a alteridade na relação pedagógica. O ser humano também tende a modificar sua identidade, passando a ser visto mais como um ser “definido” no meio das novas estruturas de sociedade, as quais estabelecem sua identidade por meio das relações que constrói e que em se tratando da educação refere-se como sujeito central na contemporaneidade (HALL, 2005).

Em se tratando da educação nas escolas localizadas nas áreas rurais, percebe-se a necessidade de o professor fazer-se presente, desde a sua própria postura, quanto à valorização das identidades dos seus alunos, pois estes se identificaram com a identidade docente, levando em consideração a relação que se estabelece no âmbito escolar.

Procuro trabalhar a história de vida do meu aluno em sala de aula, incentivando, respeitando e mostrando para eles o valor que cada um tem. Porém é um desafio constante devido a cultura local, onde as próprias crianças desejam ir estudar na cidade, porque pensam que a escola rural não é boa e não tem muito que ensinar, procuro constantemente desfazer esse mito, intensificando o meu trabalho junto a eles, dando como exemplo a minha prática: “eu estudei na escola da área rural e consegui me formar, passar no concurso público, e hoje estou ensinando para você”. Com essa fala procuro mostrar a eles que eles não são inferiores aos demais só porque moram na cidade (FALA DA PROFESSORA JOANA).

É visível pela observação realizada que a docência da professora Joana é fruto de sua história de vida, principalmente da sua formação acadêmica que tem subsidiado seu trabalho em sala de aula, dando possibilidades de se ver como professora no processo educacional, na condição de sujeito ativo nas relações interpessoais no ambiente escolar, contribuindo para a construção de sua identidade e da identidade de seus alunos a partir das relações estabelecidas nas escolas de Educação Básica localizadas nas áreas rurais.

4.1.9 Pedro revelou-se um bom professor em sala de aula, com seus saberes profissionais

O professor Pedro está cursando a graduação Licenciatura em Geografia, sua formação inicial no nível médio é Magistério; leciona há 15 anos, sendo que na escola atual (Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves) exerce atividade docente há 2 meses, recém-chegado à escola; é residente na área urbana da cidade Propriá.

No momento das observações leciona no período da tarde, na turma do 1º ano do Ensino Fundamental das séries iniciais da Educação Básica; a faixa etária dos seus alunos é 7 a 8

anos de idade; sala de aula é composta por 21 alunos. A observação da aula foi realizada, no período compreendido entre os dias 22, 23/11/2016 e 05/12/2016, no horário das 15h às 16h, conforme protocolos a seguir.

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSOR PEDRO NÚMERO: 01

Quadro 31: Protocolo de Observação em sala de aula/Prof^o Pedro Nº01 Data: 22/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE																																				
15h	Apresentei-me ao professor Pedro e em seguida coloquei o propósito da minha visita, explicando que seria a primeira de três e que iria acompanhar a aula como observadora. Falei da proposta do trabalho de pesquisa da dissertação de mestrado cujo tema é: Alteridade na Construção da Identidade Docente: um estudo de caso. Dando continuidade, o professor Pedro apresentou-me a turma explicando que eu ficaria alguns instantes para acompanhá-los durante a aula. Em seguida ofereceu-me um lugar para sentar, colocando-se à disposição.	DOCENTE																																				
15h05	<p>Após a apresentação o professor , deu continuidade a aula. O professor estava escrevendo no quadro a atividade de Matemática que seria trabalhada com os alunos.</p> <p>Atividade de Matemática</p> <table border="1" data-bbox="427 1251 1224 1724"> <tr> <td colspan="3">Noções de : Dobro, Dezena e Dúzia</td> </tr> <tr> <td colspan="3">1)Resolva o dobro (2X) o mesmo valor.</td> </tr> <tr> <td>5+5= 10</td> <td>7+7= 14</td> <td>2+2= 4</td> </tr> <tr> <td>4+4= 8</td> <td>8+8= 16</td> <td>6+6= 12</td> </tr> <tr> <td>9+9= 18</td> <td>10+10=20</td> <td>3+3= 6</td> </tr> <tr> <td colspan="3">1 dezena tem o valor de 10 unidades</td> </tr> <tr> <td colspan="3">1 dúzia tem o valor de 12 unidades</td> </tr> <tr> <td colspan="3">meia dúzia tem o valor de 6 unidades</td> </tr> <tr> <td colspan="3">duas dúzia tem o valor de 24 unidades</td> </tr> <tr> <td colspan="3">Cada cubinho vale 10. Quanto vale 8 cubinhos: 80</td> </tr> <tr> <td colspan="3">Cada cubinho vale 10.Quanto vale 6 cubinhos: 60</td> </tr> <tr> <td colspan="3">Cada cubinho vale 10.Quanto vale 5 cubinhos: 50</td> </tr> </table>	Noções de : Dobro, Dezena e Dúzia			1)Resolva o dobro (2X) o mesmo valor.			5+5= 10	7+7= 14	2+2= 4	4+4= 8	8+8= 16	6+6= 12	9+9= 18	10+10=20	3+3= 6	1 dezena tem o valor de 10 unidades			1 dúzia tem o valor de 12 unidades			meia dúzia tem o valor de 6 unidades			duas dúzia tem o valor de 24 unidades			Cada cubinho vale 10. Quanto vale 8 cubinhos: 80			Cada cubinho vale 10.Quanto vale 6 cubinhos: 60			Cada cubinho vale 10.Quanto vale 5 cubinhos: 50			ALTERIDADE NA RELAÇÃO DO-CENTE
Noções de : Dobro, Dezena e Dúzia																																						
1)Resolva o dobro (2X) o mesmo valor.																																						
5+5= 10	7+7= 14	2+2= 4																																				
4+4= 8	8+8= 16	6+6= 12																																				
9+9= 18	10+10=20	3+3= 6																																				
1 dezena tem o valor de 10 unidades																																						
1 dúzia tem o valor de 12 unidades																																						
meia dúzia tem o valor de 6 unidades																																						
duas dúzia tem o valor de 24 unidades																																						
Cada cubinho vale 10. Quanto vale 8 cubinhos: 80																																						
Cada cubinho vale 10.Quanto vale 6 cubinhos: 60																																						
Cada cubinho vale 10.Quanto vale 5 cubinhos: 50																																						
15h15	<p>Após um tempo de aproximadamente 10 minutos quando o professor terminou de escrever no quadro a atividade, logo começou a resolver no quadro chamando os alunos para participar da atividade.</p> <p>Pessoal! Hoje, vamos trabalhar dobro, dezena e dúzia. Agora vou</p>	ALTERIDADE IDENTIDADE DOCENTE																																				

	<p>chamar um de vocês, e os demais vão acompanhando e respondendo no caderno. Certo! Todos em uma só voz responderam. Certo!.</p> <p>José, venha resposta: o dobro de 5, de 4 e 9 é?... Ana, o dobro de 7, 8 e 10 é? Maria, o dobro de 2, 6 e 3 é? Lúcia, 1 dezena tem o valor de?</p> <p>Durante a resolução das questões os alunos se encaminhavam ao quadro com entusiasmo, sempre agitados . O professor tentava manter o equilíbrio da sala de forma serena. Houve um momento que ele relata: “Sabe professora, procuro trabalhar de forma dinâmica com ele para que eles prestem atenção e todos participem, por isso que só resolvo as questões o tempo todo com eles vindo até o quadro. Por conta da idade é essa energia o tempo todo”.</p>	
15h35	<p>Nesse momento dois alunos estavam querendo brigar, pacientemente o professor foi até eles , chamou a atenção mudou um de lugar e disse que chamaria os pais para conversar, nessa hora percebi que ambos ficaram quietos e começaram a participar da aula juntamente com os demais.</p> <p>Enquanto o professor estava ao quadro com aluna Maria, um outro aluno quis sair da sala, ele interrompeu a orientação que estava dando e chamou a atenção.</p> <p>Antônio aonde você pensa que vai? Volte para a sua carteira e continue prestando atenção a aula, porque o próximo vai ser você pra vim ao quadro. Entendeu? Nesse momento vi que mesmo chamando a atenção do aluno, na sua fala o timbre tinha um tom de brandura, ao perguntar primeiro se ele queria beber água ou ir ao banheiro. O aluno voltou e sentou-se comportado dando um leve sorriso.</p> <p>Observei que o professor trabalha de forma compartilhada com todos os alunos, sempre atento a tudo que está acontecendo em sala de aula estimulando e incentivando todos.</p> <p>Ainda nesse momento observei que os alunos ficam atentos a tudo que está acontecendo.</p>	DOCENTE
15h50	<p>Voltando para a atividade, o professor continuou explicando no quadro, mas ao mesmo tempo se dirigindo a cada aluno, para ver se eles estavam conseguindo fazer a atividade.</p> <p>Um dos alunos perguntou: posso fazer outras questões? o professor respondeu: Pode, mas faz sua correção à medida que eu vou respondendo.</p> <p>Nesse momento percebi que o professor desenvolve suas atividades de forma ética, em que a construção da sua identidade docente está presente em cada ação. Permitindo que seus alunos se desenvolvam enquanto pessoas e futuros profissionais, preparando-os para o mundo.</p>	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
16h	<p>O professor comunica que iria passar uma atividade no quadro, mas só iria explicar depois do intervalo e que primeiro todos tentassem responder no caderno. Nesse momento, a observadora pede licença, agradecendo e se retira.</p>	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSOR PEDRO NÚMERO: 02

Quadro 32: Protocolo de Observação em sala de aula/Profº Pedro Nº02 Data: 23/11/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE DE IDENTIDADE
15h	<p>Ao entrar na sala, encontrei o professor escrevendo no quadro a atividade de Português.</p> <p>Apresentei-me ao professor dando boa tarde! E todos os alunos em uma só voz responderam também, ele solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade em sala de aula.</p> <p>Deu continuidade a aula escrevendo a atividade de Português.</p>	DOCENTE
15h05	<p>Agora vamos trabalhar com Português</p> <p>Atividade de Português</p> <p>1)Encontros consonantais:</p> <p>br = <u>cobra</u> <u>brasa</u> cr = <u>cravo</u> <u>micro</u> dr = <u>pedra</u> <u>droga</u> fr = <u>fraco</u> <u>fruta</u> gr = <u>graça</u> <u>gravata</u> pr = <u>prego</u> <u>prova</u> tr = <u>trigo</u> <u>trator</u></p> <p><u>brega</u> <u>briga</u> <u>creme</u> <u>criança</u> <u>Pedrinho</u> <u>madruga</u> <u>frito</u> <u>freguês</u> <u>grude</u> <u>grilo</u></p> <p>Letras Vogais: a e i o u Letras Consoantes: b c d f g h j l m n p q r s t v x w y z</p> <p>Formem palavras com: Pri <u>ma</u> Pra <u>to</u> Tru <u>fa</u> Tro <u>va</u></p>	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE

15h15	Após um tempo de aproximadamente 10 minutos, dando continuidade enquanto os alunos copiavam no caderno, o professor disse: “Vou dar mais um tempo de 10 minutos para vocês terminarem e em seguida vamos responder todos juntos, Certo? Todos responderam em uma só voz . Certo. Observei que enquanto os alunos iam copiando o professor, circulava pela sala indo ao encontro de cada um para ver como eles estavam desenvolvendo as atividades, sempre de forma serena, sem grito e nem rigor, mas presente o tempo todo.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
15h25	Passados os 10 minutos o professor começou a responder no quadro às questões da atividade juntamente com os alunos. Dando continuidade, à proporção que ele respondia explicava cada questão e durante todo o processo de resolução chamava sempre um aluno ao quadro para responder o exercício.	DOCENTE
15h55	Depois ele apagou tudo do quadro e começou do zero como: primeiro ele colocava uma parte da palavra e completava com a sílaba que faltava, fazendo com que os alunos fizessem relação com o que estava sendo feito no quadro comparando com o que já constava no caderno. Observei que durante a aula o professor busca estimular o tempo todo, fazendo com que o aluno além de participar possa interagir com os colegas e o próprio professor. Quando o professor percebia que tinha algum aluno conversando ele parava e chamava o aluno ao quadro.	ÉTICA/ESTÉTICA DO-CENTE
16h	Houve um momento em que o professor interrompeu a aula e disse: “José já que você está conversando tanto, venha responder essa questão. De imediato o menino se dirigiu ao quadro e fez mais de uma questão respondendo e explicando juntamente com o professor. Observei que o professor procura ser dinâmico fazendo com que a aula tenha movimento. Nesse momento, a observadora pede licença, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA PROFESSOR PEDRO NÚMERO: 03

Quadro 33: Protocolo de Observação em sala de aula/Profº Pedro Nº03 Data: 05/12/2016

HORÁRIO	OCORRÊNCIAS	SABERES ALTERIDADE IDENTIDADE
15h	Ao entrar na sala, encontrei o professor escrevendo no quadro a atividade de Ciências. Apresentei-me ao professor dando boa tarde! E todos os alunos em uma só voz responderam também, ele solicitou que eu sentasse e ficasse à vontade em sala de aula.	DOCENTE

15h05	Agora vamos trabalhar com Ciências Atividade de Ciências Escreva quatro nome de bichos: GATO, BALEIA, MACACO E VACA Fale e desenhe cada bicho, explicando o que gosta e o que não gosta nele.	ALTERIDADE NA RELAÇÃO DOCENTE
15h15	Após um tempo de aproximadamente 10 minutos, dando continuidade enquanto os alunos copiavam no caderno, o professor disse: “Vou dar mais um tempo de 10 minutos para vocês terminarem e em seguida vamos responder todos juntos, Certo? Todos responderam em uma só voz: Certo! Observei que enquanto os alunos iam copiando o professor, circulava pela sala indo ao encontro de cada um para ver como eles estavam desenvolvendo as atividades, sempre de forma serena, sem grito e nem rigor, mas presente o tempo todo.	ALTERIDADE IDENTIDADE X OUTRO
15h25	Passados os 10 minutos o professor começou a responder no quadro Às questões da atividade juntamente com os alunos. Dando continuidade à proporção que ele respondia explicava cada questão e durante todo o processo de resolução chamava ficava atento para ver se os alunos tinham conseguido fazer no caderno a atividade.	DOCENTE
15h55	Em seguida o professor deu um tempo para que eles desenhassem os animais, distribuindo folha A4 e lápis de cor.	ÉTICA/ESTÉTICA DOCENTE
16h	Nesse momento, a observadora pede licença, agradecendo e se retira.	DOCENTE

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora 2016

O professor Pedro ao ministrar suas aulas para os alunos do 1º ano, é chamado de “Tio”, consegue estabelecer uma relação em sala de aula partindo do respeito de um para com os outros, o que é fundamental a partir de um olhar da alteridade nas relações pedagógicas.

Tratando-se de profissão, atualmente ainda inerente à figura da “mulher” professora, de comportamento meloso e ponderado ao se dirigir aos alunos, vi que o mesmo acontece com o professor. O Prof. Pedro sabe chamar atenção, sem agredir os alunos e incentiva-os a estudar, mostrando o quanto é importante a busca do conhecimento. Conforme cita Tardiff (2009, p.21) “Qual o lugar da docência entre essas transformações? Lembremo-nos que a docência é uma das mais antigas ocupações modernas, tão antiga quanto à medicina e o direito”.

Nessa perspectiva o trabalho docente independe do gênero do ser “homem” ou “mulher” que atua no mercado de trabalho. O trabalho docente foca, exclusivamente, um trabalho sobre o outro. Tardif (2009, p.33) destaca que “quanto ao trabalho sobre e com os seres humanos, esse leva antes de tudo a relações entre pessoas, com todas as sutilezas que caracterizam as relações humanas”.

As observações realizadas durante as aulas do professor Pedro, possibilitaram ampliar o olhar sobre as questões relacionadas à Alteridade e à Construção da Identidade Docente a partir das relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar, onde o docente demonstrou um comportamento ético, reconhecendo a subjetividade dos alunos, respeitando-os na sua singularidade, compreendendo a capacidade cognitiva individual de cada um, estimulando ações de bom comportamento e boa convivência entre os alunos, influenciando a construção da cidadania e a capacidade de estar no mundo. Esteticamente falando, o professor apresentou-se de forma serena nas suas relações em sala de aula, uma referência para os alunos quanto ao respeito recíproco.

Foi constatado que o professor compreende a alteridade na educação, reconhecendo as diferenças no processo de aprendizagem entre os alunos, e os aspectos que envolvem a educação, na forma metodológica de ensinar, chamando o aluno para interagir durante as aulas de forma que houvesse um processo produtivo e integrador, onde o conhecimento do docente e discente se relacionam para o crescimento de todos.

Quanto à identidade docente, evidenciou o comprometimento do docente com o aprendizado dos alunos, mostrando que o professor não é apenas uma fonte de conhecimento, mas que também está em processo de aprendizado e que aprende com os alunos, construindo uma nova relação.

Encerramos essa seção com a convicção de que o trabalho docente, em sua especificidade, é de natureza subjetiva e alcança interações humanas, saberes, alteridade, identidade, ética e estética que permeiam as relações sociais no ambiente escolar, influenciando a transformação humana e a humanização da sociedade.

5 NARRATIVAS DOCENTES: SINAIS DE IDENTIDADE/ALTERIDADE NAS ENTREVISTAS

Nesta seção analisamos as narrativas obtidas junto a cada um dos nove professores via entrevistas. Aqui se fizeram presentes, em todo momento, as categorias estudadas na pesquisa, que dizem respeito à identidade, alteridade e educação (políticas públicas), tendo como provocação uma pergunta sobre a opção pelo magistério.

A entrevista chega a ser considerada como método empregado para explorar mais amplamente uma questão ou trazer à tona novos temas e/ou categorias que estão relacionados à pesquisa. Trata-se de uma situação de comunicação verbal num determinado grupo de duas ou mais pessoas voluntariamente integradas num relacionamento progressivo. Para Gil (2009, p.109) “é uma forma de interação social. Mas especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coleta dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Ainda Gil (2009) e Lakatos (2003) corroboram descrevendo a entrevista como:

um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária. Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social (p.195-196).

Na pesquisa que funda esta dissertação a entrevista foi fundamental para ensejar a apropriação das informações pertinentes e significativas sobre o campo estudado, obtendo através dela dados que possibilitaram a análise e interpretação do objeto pesquisado, de forma flexível, considerando a história de vida e as representações dos entrevistados. Durante as entrevistas foi utilizado o gravador, mediante o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos abordados. Utilizamos um roteiro semiestruturado (Apêndice A), considerando aspectos da formação docente; opção pela profissão; interação professor – aluno - conhecimento; aprendizagem dos alunos; interações aluno – aluno e com a comunidade local; ética em sala de aula; trabalho docente e sua relação com a identidade (pessoal e profissional), alteridade e políticas públicas.

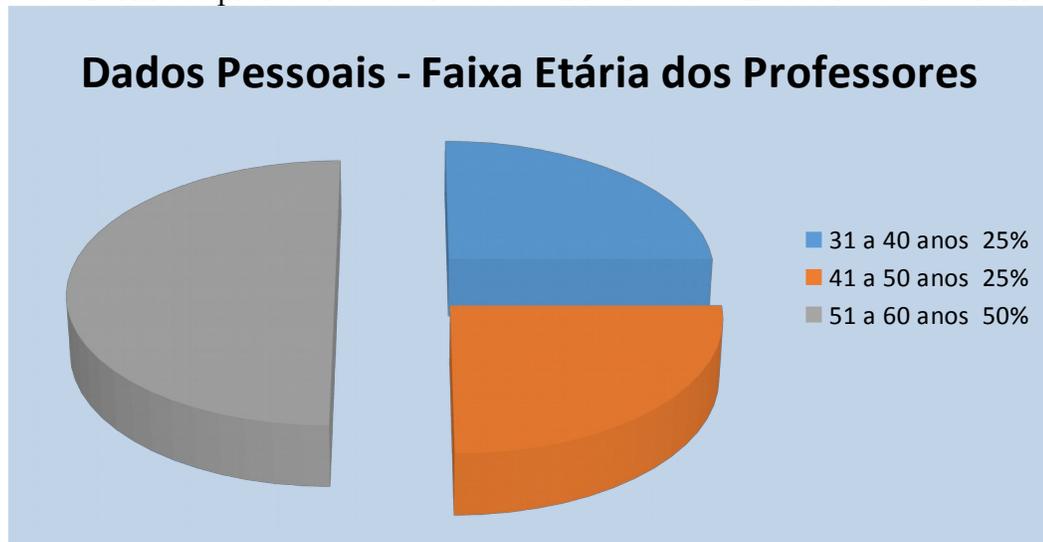
A amostra foi composta por nove professores, dos quais sete com formação acadêmica em Pedagogia e especialização (três em Alfabetização, três em Educação Infantil e

uma em Psicopedagogia), uma professora concluindo a graduação em Pedagogia e um professor concluindo a graduação em Licenciatura em Geografia. Todos eles integram a rede municipal de ensino do município de Propriá. O maior percentual de docentes entrevistados é do sexo feminino (90%) e, somente um (10%) do sexo masculino, o que reflete a situação do magistério em Sergipe, inclusive em Propriá.

Os Gráficos, a seguir demonstram o perfil dos professores entrevistados e observados durante a pesquisa, quanto às variáveis: Sexo, Faixa Etária, Tempo de Formado, Formação Acadêmica, Tempo de Docência na Educação Básica, Tempo que Leciona na Escola Atual e Residência (Urbana ou Rural).

Com relação à idade dos docentes entrevistados o Gráfico 3 apresenta as Faixas Etárias constatadas.

Gráfico 3 – Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Pessoais – Faixa Etária



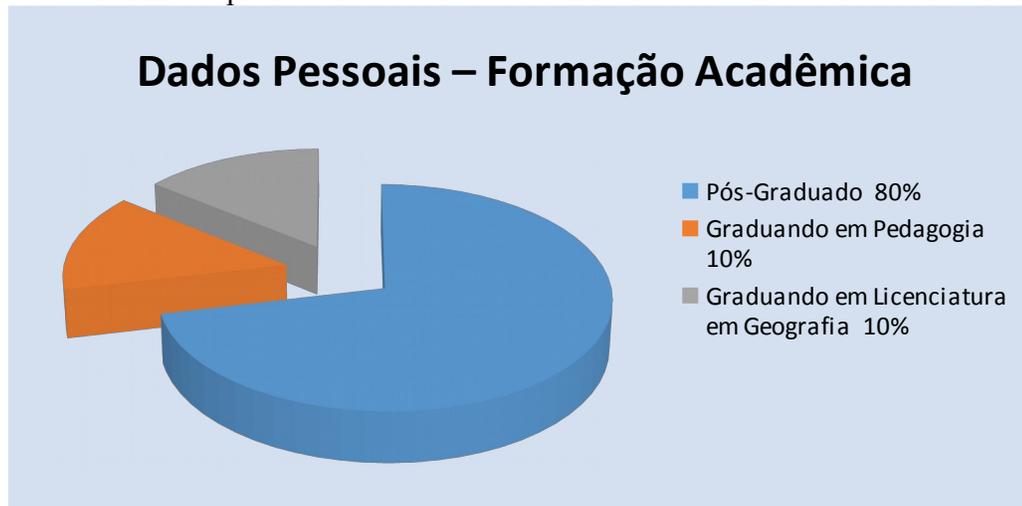
Fonte: Dados coletados pela autora

Como se observa, 50% desses professores estão na faixa etária dos 51 a 60 anos de idade. Os demais ficam entre 41 a 50 anos (25%) e igual percentual na faixa com idade entre 31 a 40 anos. Trata-se de um corpo docente com maturidade e experiência, ativo e comprometido com o exercício da profissão do “ser professor”. Para Nóvoa (1999, p. 17) “o processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho”.

Quanto ao tempo de formado, daqueles que já detêm a educação superior, 60% situam-se entre 6 a 10 anos de formados, enquanto os demais têm 11 a 20 anos.

No tocante à titulação dos professores da Educação Básica, voluntários na pesquisa, atuantes do pré-escolar ao 4º ano do Ensino Fundamental, o Gráfico 4 revela a predominância (80%) da Pós-Graduação *lato sensu* (cuja base inicial é o Curso de Pedagogia), especificando as demais titulações.

Gráfico 4 - Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Pessoais – Formação



Fonte: Dados coletados pela autora

Nas entrevistas, esses professores declararam como motivos do seu avanço acadêmico na busca contínua de melhoria do nível de escolaridade: primeiro, aprofundar conhecimentos específicos da área de Pedagogia e, em segundo lugar, melhorar a renda salarial, acompanhando a exigência e demais dispositivos da legislação: Lei de nº 9.394 de 20 dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB) que reza a obrigatoriedade do curso em Pedagogia para os docentes que atuam na Educação Básica:

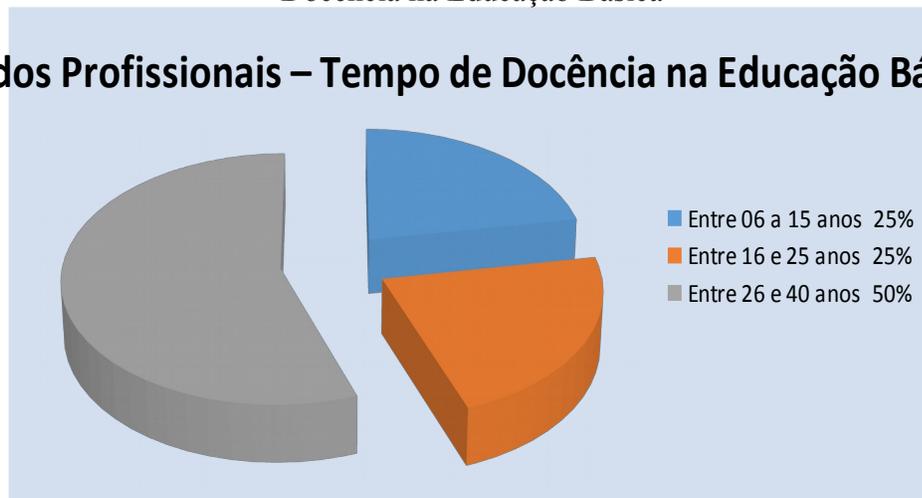
Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

Igualmente amparam-se nessa LDB os que cursam licenciaturas, uma vez que todos que detinham apenas a formação para o Magistério no nível médio, para permanecerem como professores da Educação Básica, devem alcançar o patamar da educação superior (MEC/BRASIL LDB de nº 9.394 de 20 dezembro de 1996). Quanto ao Tempo de Docência, o Gráfico 5 apresenta o perfil:

Gráfico 5 – Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Profissionais – Tempo de Docência na Educação Básica

Dados Profissionais – Tempo de Docência na Educação Básica



Fonte: Dados coletados pela autora

Verifica-se que o período predominante de experiência foi entre 26 e 40 anos (50%) no magistério, o que reforça nossa análise de tratar-se de professores maduros e experientes. Não se registrou nenhum caso com experiência superior a cinco anos. Em se tratando do tempo que lecionam na escola em que ensinam atualmente, o Gráfico 6 é ilustrativo.

Gráfico 6 – Perfil dos professores observados e entrevistados – Dados Profissionais – Tempo que Leciona Nessa Escola

Dados Profissionais – Tempo que Leciona Nessa Escola



Fonte: Dados coletados pela autora

O tempo que predominou foi de 16 a 35 anos lecionando na escola atual (55,6%), apenas um desses professores é novato na unidade escolar. Na observação constatamos o compromisso docente. Chamou a atenção o fato de que a maioria acompanha a respectiva escola desde o início das suas atividades, quando havia apenas duas salas de aulas. Acrescenta-se a esse dado a origem residencial dos professores, pois todos são fixados no município de Propriá, 70% na área urbana e 30% nas áreas rurais.

1

5.1 Opção: ser professor?

Os professores entrevistados possuem características semelhantes no que se refere à opção profissional; a maioria enfatiza que seguiu a profissão de professor por uma escolha própria, por identificar-se com “o ser professor” desde criança, e que, muitos, também foram incentivados pelos familiares, conforme seguem relatos:

Desde criança sempre quis ser professora, eu sou apaixonada pela sala de aula, eu tinha paixão em ser professora, me dediquei sempre a isso, tinha três irmãos que aprenderam a ler e escrever em casa comigo. Na época não tinha pré-escola, eu ensinava a eles. Me lembro, que eu tinha 6 anos quando a professora disse que só ganharia a cartilha aquele quem souber ler o nome da cartilha, me lembro como hoje, quando ela pediu pra eu ler, e li o nome corretamente, e quando ela disse: a cartilha é sua. Nesse dia chorei tanto de felicidade que minha mãe começou a rir e falar: está vendo aí, você vai ser professora. E hoje me sinto realizada (PROFESSORA LÚCIA).

Por que gosto muito. Desde criança quis ser professora, até brincava com meus irmãos e vizinhos, eles eram pequenos e eu brincava de ensinar (PROFESSORA JANE).

Por que eu sempre gostava de brincar de professora quando criança. Depois quando comecei a trabalhar em uma escola (trabalhava como servente), aí fui estudar à noite e escolhi Pedagógico/Magistério depois fiz a faculdade de Pedagogia. Hoje sou realizada e me identifico com o que faço (PROFESSORA CLARA).

Porque eu gosto de ensinar, desde criança eu já desejava ser professora, aí foi quando minha irmã foi ganhar neném, naquela época podia uma irmã substituir a outra, aí fiquei e gostei, depois o prefeito deixou eu continuar ensinando até hoje (PROFESSORA DULCE).

Quando fui fazer a faculdade, foi opção de minha mãe ela disse: seja professora por que é um curso/faculdade de pobre. Mas acabei me apaixonando, me identificando com o que faço (PROFESSORA CLARA).

Desde o início eu sempre quis ser professora. Sabe, aquelas brincadeiras de criança, eu brincava de ensinar as minhas bonecas. Sempre achei bonito. Hoje sou realizada (PROFESSORA DULCE).

Quando terminei o 2º grau fiz Contabilidade, mas não consegui emprego, daí minha esposa que é professora, disse: Faça o pedagógico, e eu disse será que dá pra mim? Dá sim, você é uma pessoa paciente, aí fui fazer mais por experiência. Depois gostei e fique até hoje (PROFESSOR PEDRO).

Verificamos que apesar da posição majoritária indicar que a opção é devida à identificação desde criança e/ou ao incentivo da família, dois dos nove professores disseram nunca terem pensado em ser professor e que tudo ocorreu por circunstância maior. Esses dois docentes esclareceram que, mesmo assim, após ter contato com a profissão, identificaram-se progressivamente com esse tipo de labor; não quiseram deixar o magistério, e demonstraram estar realizados. É visível a empolgação nas suas falas:

Por falta de opção. Primeiro fiz o Técnico em Administração, porque não era intuito ser professora, aí quando terminei fiquei sem o que fazer, porque não tinha faculdade, porque tinha que ir todos os dias para Pnedo ou para Aracaju, como não tinha condições. Daí fiz o magistério e foi quando apareceu as oportunidades, comecei a trabalhar e estou até hoje. Mas depois fui fazer faculdade de letras e não me identifiquei, só depois decidi fazer Pedagogia e já estou no quarto período. Hoje amo o que faço, me identifico com o que faço (PROFESSORA LÚCIA).

No início não foi uma escolha, nem pensava em ser professora, foi através de uma prima minha que trabalhava nessa escola. Naquela época não tinha concurso, e foi quando ela precisou ir para Propriá e pediu para que eu ficasse no seu lugar, aí aceitei, mas não no intuito de ficar como professora, mas depois fiquei um ano e ela não voltou mais e fui me apegando, depois fui me aperfeiçoar fiz o magistério, em seguida à pró-formação e logo depois a faculdade, passei a amar e estou até hoje e já são 32 anos (PROFESSORA FLOR).

Tendo em vista essas narrativas, verificamos sinais que apontam que, no decorrer do percurso profissional, juntamente com as expectativas pessoais, familiares e oportunidades que emergem, o professor vai assimilando as experiências externas e internas, construindo sua identidade docente, o “eu” profissional, expressão muito citadas pelos professores. “hoje, me identifico com o que faço, sou realizado”. Nóvoa (1999, p.178) descreve que:

Quando se opta pela profissão; a tensão que acompanha as primeiras experiências profissionais, os sentimentos que então se vivem e como contribuem para modelar a identidade profissional, o desenvolvimento de

diferentes linhas estruturantes do progressivo amadurecimento profissional evidenciadas nas relações com os alunos, com os colegas, com o conhecimento e com a própria profissão.

Corroborando com o autor, a totalidade do eu no sentido de identidade, ocorre também pela capacidade do indivíduo se ver nos mais diversos aspectos da vida, e o profissional é um deles, onde o indivíduo se vê enquanto “eu” no meio social, através das relações estabelecidas a partir da atividade docente. (LÉVINAS, 2016).

Ainda tratando da identidade docente, Nóvoa (1999, p. 16) descreve que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

Concomitante ao autor, a identidade profissional se constrói no cotidiano da profissão, ponto esse destacado na nossa pesquisa através das narrativas dos entrevistados.

2

5.2 Interação professor – aluno – conhecimento e metodologia

Em se tratando da interação e a metodologia utilizadas, a partir das narrativas dos professores, evidenciaram que todos procuram ter bom relacionamento com os alunos, justificando que sem uma relação harmoniosa é impossível haver aprendizagem e um ambiente favorável para trabalhar qualquer que seja a metodologia utilizada em sala de aula. Conforme seguem os relatos:

Eu vejo meus alunos, muito interessados no meu trabalho no meu engajamento com eles. Eu utilizo até jornal da Energisa livros, gibis para leitura, não sou muito de usar fichas de anotações, eu sou mais do concreto, utilizo o quadro. Gosto de ver eles fazendo em sala de aula, porque eu quero ver se eles aprenderam, e quando vejo algo diferente, peço para que o aluno faça de novo na minha frente, procuro acompanhar de perto cada evolução deles, isto é uma forma de interagir com eles, e minha metodologia é trabalhar de forma concreta em sala de aula (PROFESSORA ANA).

Eu procuro conversar muito com ele. Por que uma criança que não tem interesse em aprender eu não vou conseguir que ela aprenda, não adianta. Eu mostro que ele é capaz e pode melhorar muito, acreditando neles, deixo à vontade e peço que eles tentem, mas acompanhando e mostrando que é capaz e eles podem, incentivando o tempo todo. Uso diversos métodos, o tradicional, o de Piaget procuro mesclar de um tudo um pouco, estou trabalhando agora uma metodologia

que estou descobrindo na formação do SYNAPSI que é aplicada pelo IPTI. A minha metodologia é tentar fazer com que eles se desenvolvam o máximo possível e evoluam. Para ver que algum aluno se identifiquem e que possa aprender, porque não pode ser só um método, e quando eles se descobrem se desenvolvem e crescem. Por isso que vejo positivo a nossa interação (PROFESSORA LÚCIA).

Vejo que é muito importante a interação do professor com os alunos, assim eles aprendem mais. Na minha metodologia de trabalho procuro trabalhar de várias formas, como você viu, trabalho com jogos, desenhos, brincadeiras e depois interajo com eles no quadro o conteúdo trabalho através dos meios que utilizei, procuro observar o desempenho deles no dia a dia (PROFESSORA JANE).

Tenho uns alunos que são bem interessados interagem mais, porém tem outros que não, são mais introvertidos. Eu tenho que fazer com que eles se interessem e eu procuro fazer isso em sala de aula porque em casa eles não têm o apoio dos pais. Também tenho aqueles que são inteligentes e aí término tendo que interagir pedindo o apoio deles para com aqueles que têm dificuldade. A metodologia que utilizo é mais dinâmica a fim de que todos trabalhem juntos (PROFESSORA CLARA).

A maioria dos alunos interagem e participam das aulas, na formação que eu fiz no PENAIC aprendi a trabalhar com diversos jogos, também trabalho com livros, brincadeiras, colagem, figuras e trabalhos em grupo em sala de aula. Trabalho na individualidade, aí vejo que eles aprendem. Exemplo disso é Gabriel que está aprendendo as palavrinhas e fica o tempo todo assoletrando aí eu deixo ele à vontade, porque ele interage com os demais. Quando eu vejo eles lendo fico feliz, é o resultado do meu trabalho (PROFESSORA FLOR).

Eles interagem bem comigo e entre os colegas, quanto a minha metodologia eu utilizo de tudo, jogos, brincadeiras, leituras para que eles possam se comunicar e aprender juntos (PROFESSORA DULCE).

Eu tenho uma interação boa com eles, são participativos e gostam muito de conversar e perguntar, interagem até demais, com isso busco formas de trabalhar como: desenhos, dinâmicas, brincadeiras, jogos, estorinhas e principalmente a pintura, porque eu percebo que é um jeito que eu consigo prender atenção deles, eles gostam e aprendem rápido, por exemplo, eu peço pra que eles pinte a laranja com a cor laranja aí eles fazem no maior prazer e isso chama a atenção deles, tem que ter sempre uns desenhinhos, a recompensa deles para poder pintar, eles amam, vejo que eles se desenvolvem, também uso bastante o livro didático porque ele é muito bom. Como o livro chegou atrasado aí estou tentando adiantar, faço dever de casa nele todos os dias, quero terminar livro ainda esse ano (PROFESSORA SARA).

Vejo que é importante existir uma interação entre o professor e aluno, porque quando o professor se comunica com o aluno facilita na aprendizagem. A metodologia que utilizo é de várias formas como: jogos, brincadeiras, recortes, contar estórias, em fim vários meios que ajude o meu aluno aprender e interagir em sala de aula (PROFESSORA JOANA).

Como eu trabalho com crianças de 7 e 8 anos, eu tendo colocar eles para trabalhar em grupos, procuro juntar 3, 4 alunos, até pra acompanhar eles e pra evitar bagunça até por que com criança, não pode deixar solto de qualquer jeito. E pra interagir entre eles coloco um que é mais forte com outro que é fraco, pra que um ajude o outro. Com isso, vejo que eles interagem bem comigo e com os colegas (PROFESSOR PEDRO).

Em se tratando da interação e metodologia trabalhada em sala de aula, observei que diante das narrativas durante as entrevistas com os professores, foram unânimes em afirmar que a interação e a metodologia, uma vez bem trabalhada em sala de aula, promove a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do aluno não só em sala de aula, como também prepara para o mundo. Sendo assim, Antunes (2002, p.48) corrobora ao citar que:

A escola precisa ser o ambiente onde o professor age como mentor da criança ao orientá-la em “abrir” toda sua destreza e amplitude de movimentos. O aluno necessita liberar sua força, sua destreza, sua agilidade, sua postura, seu equilíbrio. [...] Além disso, é preciso que a escola ensine a criança a aprender, pensar, refletir, pesquisar, estudar, auto-avaliar-se e, em nenhum momento, perca a oportunidade de torná-la conhecedora de si mesma, autora de suas próprias metas e meios, um indivíduo que saiba conviver, interagir e relacionar-se com os outros.

Ainda concomitante ao autor, a escola precisa ser um espaço de criação visando o desenvolvimento do aluno na sua totalidade, onde o professor é o intermediador dos processos de ensino e aprendizagem, possibilitando o seu desenvolvimento através da interação juntamente com uma metodologia adequada para cada aluno, respeitando sua singularidade no ato de aprender.

5.3 Aprendizagem docente desde o início de profissão

Nesse quesito a partir das narrativas dos professores a maioria respondeu que em alguns momentos aprendeu com os alunos, principalmente com a comunidade local, em que a maioria relata que tem apoio por parte das famílias dos alunos, no exercício da docência, embora na fala de alguns professores sentem dificuldades com a comunidade local (falta de apoio dos pais), conforme seguem relatos:

Tenho aprendido muito, aprendo com eles, tem coisas que eles não dizem em casa mas comigo desabafa, tem aqueles que são agressivos daí converso com eles, é importante essa interação. Quanto à comunidade os pais ajudam muito e aprendo com eles (PROFESSORA CLARA).

Tenho, com meus alunos, e a comunidade ela interage, ela participa e a gente aprende, exemplo no tempo de folclore tem um senhor antigo, vem contar estó-

ria e tem coisas que eu nem sabia e aprendo com eles, e a gente aprendem juntos, os pais nos apoiam (PROFESSORA FLOR).

Tenho e muito, às vezes eles dizem alguma coisa que eu fico encantada, até na hora que estou passando o conteúdo e eles percebem que está errado, falando tia a senhora errou, está faltando uma letra. E a comunidade também tem ensinado e muito, principalmente com o apoio dos pais (PROFESSORA DULCE).

Tenho aprendido muito com meus alunos no cotidiano. Aqui então, pense numa comunidade maravilhosa, você faz uma reunião de pais vem em massa. Eu duvido mandar um recado pra uma mãe de aluno pra ela não vim. Coisas que na cidade não acontecem. É raro no livro o dever de casa não voltar sem estar feito, e sempre foi assim. Desde que estou aqui eu nunca tive dificuldades com pai de alunos... nós temos bom contato com os pais e o retorno é de imediato (PROFESSORA SARA).

Com certeza. A gente sempre tem algo a aprende e com eles principalmente no dia a dia. Quanto à comunidade tenho tido o apoio dos pais e eles sempre me ensinam como lidar com seus filhos (PROFESSORA DULCE).

A cada dia agente aprende um pouquinho, professor é um eterno aprendiz. A gente aprende com eles também, assim como a gente ensina o que sabe, o que a gente pode, o que aprendeu na faculdade na vida, termina também aprendendo sempre um pouco com eles também e a comunidade através de apoio dos pais (PROFESSOR PEDRO).

Conforme os relatos dos professores durante a entrevista, foi observado que na maioria das vezes eles tem aprendido com os alunos e com a comunidade, principalmente no quesito de como lidar, ou até mesmo como educar os filhos. Identifiquei que a maioria dos professores nos relatos expunha que a maioria dos alunos são filhos, netos e sobrinhos, de outros alunos que já passaram por eles, por isso a confiabilidade de delegar a forma de educar para o professor, conforme relata a Professora Sara.

Embora a maioria descreveu que tem aprendido com os alunos, três professores confirmam ter aprendido com os alunos, mas pouco com a sociedade, no que diz respeito ao apoio, e o compartilhar a aprendizagem dos filhos. Conforme segue relatos:

Muito, com meus alunos, com a comunidade não, só pra você ter ideia de todos alunos somente três mães estão presentes em tudo. E tenho uma diretora fora de série, ela respeita muito o professor, mas a comunidade não, os pais não estão nem ai com a escola (PROFESSORA ANA).

Tenho aprendido muito com meus alunos, muitas coisas aqui tem haver com o comportamento das pessoas, e ai a gente começa a perceber as diferenças, percebi que quando o professor trabalha com a rédia muito curta, sem conversar eles ficam revoltados, porque quando você fica só repreendendo eles ficam revoltados. Tem que ter, mas é preciso dar limites, ou seja, não basta ser inflexivo, é

preciso conversar, dar espaço para que eles se expressem, é preciso respeitar o aluno, dando atividades para que eles se desenvolvam. Demonstrando que o professor é quem coordena mantendo o equilíbrio. Tem que está dando apoio. Quanto à comunidade procuro sempre conversar mas é um pouco difícil (PROFESSORA LÚCIA).

Sim, sempre estou aprendendo com eles, principalmente quando penso que algum deles não entendeu, aí de repente eles mostram que entendeu tudo. Com isso, procuro entender o tempo de cada um, observando que cada um é diferente. A comunidade já não tanto (PROFESSORA JANE).

Essa falta de aprendizagem com a comunidade, traduzida em apoio, segundo os professores tem dificultado os trabalhos pedagógicos, pois estão relacionados diretamente com o contexto do apoio, quanto à aprendizagem dos filhos, à orientação educação, influenciando assim no processos de ensino e de aprendizagem.

5.4 Relação afetiva entre o eu-outro (professor e aluno), ensino e aprendizagem

Nas narrativas dos professores sobre a relação afetiva entre professor e aluno, cada professor a partir do seu ponto de vista enfatizou a importância desta nos processos de ensino e de aprendizagem, externando o quanto é fundamental que ocorra uma relação recíproca entre o intermediador do processo, elucidando o contexto relacionado aos vínculos que estabelecemos no decorrer da vida. Para compreender a questão da afetividade no mundo contemporâneo é preciso entender que os vínculos advêm dos papéis sociais que estabelecemos em determinado momento da vida. Para Nery (2003, p. 18):

Os vínculos que estabelecemos nos despertam para a experiência emocional neles contida. É essa experiência que lhes dá autenticidade e o aquecimento para a sua efetivação. Sempre percebi que a afetividade pode lucidar as motivações e o sentido do desempenho nos nossos papéis, o aprendizado emocional nos vínculos ajudará a nos compreendermos e a liberar nossos potenciais criativos.

Segundo autora mencionada, é a partir dos vínculos estabelecidos nas relações, que se inicia uma relação afetiva entre as pessoas. No que se trata da Educação Básica é necessário que o professor esteja atento ao estabelecer esse contato, priorizando não só a transmissão de conteúdos como também o tipo de relação que está sendo construída durante o convívio do aluno

no decorrer do ano letivo, a fim de consolidar uma relação saudável a qual proporcionará meios que ajudem na aprendizagem por conta do vínculo afetivo estabelecido entre professor e alunos.

Tardif (2009, p.33) destaca que “quanto ao trabalho sobre e com os seres humanos, esse leva antes de tudo a relações entre pessoas”. Ele explica que o trabalho docente está relacionado às experiências de vida que os professores constroem com seus alunos, estabelecendo construção do eu com o outro Nóvoa (1999) assim como Tardif (2009) ressalta que o ambiente educacional é permeado das experiências de vida, ingredientes chave da pessoa que somos o nosso “eu” a partir das relações que estabelecemos na nossa prática”. Nesta perspectiva, os professores revelaram a importância dessa relação conforme seguem os relatos:

Vejo o quanto é importante a relação afetiva entre o professor e aluno, ajudando na sua aprendizagem. Exemplo disso é quando eles pedem alguma coisa para mim. Tipo, tia eu não sei, aí vou e explico a eles, procuro me informar para ensinar a eles, daí eles percebem o quanto eu respeito eles (PROFESSORA ANA).

Percebo que é importante, é fundamental entre o professor e aluno. Por exemplo eu tive um aluno no ano passado que brigava muito em sala de aula, só queria brigar, não tinha concentração, chegou um dia que chegou com uma serra de pão para brigar com o colega. Comecei mostrar carinho, a ensinar a pedir desculpa, não queria nada, o ano todo não aprendeu nada. Foi quando entendi que ele não queria devido as brigas que ele via em casa. Daí percebi que a forma rígida que eu tratava não estava resolvendo, foi quando depois de estudar como lidar com ele mudando o meu comportamento, terminou ajudando. Hoje percebo que o professor precisa identificar o problema do aluno, quando é que a gente tem que dizer o que está bom o que já deu. Quando mudei o meu comportamento dando carinho a ele percebi que ele melhorou e avançou na aprendizagem, vi que o que estava faltando era carinho, já que ele não tinha em casa, porque só via os pais brigando. A relação afetiva é muito importante, principalmente na aprendizagem (PROFESSORA LÚCIA).

Entendo que é importante, principalmente com alunos pequenos (3, 4 e 5 anos de idade), eles precisam que o professor seja amoroso, embora também estabeleça limites com flexibilidade para que ele consigam aprender (Jane).

Acho que é a gente agregar o que eu sei com o que eles não sabem. O professor deve ficar atento tanto com o aluno que sabe como também aquele que não sabe, porque é fácil pegar uma turma que todo mundo ler. Por exemplo como minha série é seriado tem alunos do 4º ano e do 5ºano, eu poderia dedicar-me só os do 5ºano porque o 4º ano vai continuar comigo no próximo ano, mas não, eu procuro trabalhar fazendo com que ambos aprendam. Afetividade para mim é se ver no lugar do aluno, pensando na aprendizagem de todos (PROFESSORA CLARA).

Entendo que é algo importante para que ocorra a aprendizagem tanto do aluno como do professor. É professor entender as dificuldades do aluno, e os momentos que ele aprende (PROFESSORA FLOR).

Acho que é importante, pois o afeto ajuda o aluno a se desenvolver, tanto eles com a gente como também com os pais deles, e com o professor também, é im-

portante esse respeito e afeto entre os alunos, professor e entre os pais, quando eles fazem algo de errado converso com as mães deles e elas me comunica o que deve ser feito. E isso ajuda na aprendizagem deles (PROFESSORA DULCE).

É importante principalmente na educação infantil, por que toda criança gosta de carinho, e eles se sentem carente, você ver eles gostam de um carinho, gostam de mostrar um sapato novo, a roupa diferente que veio, se você dar atenção você dar carinho eu vejo que o retorno é maior, porque o aluno se apega agente, quando você não dar atenção é pior. Exemplo disso é Tiago é um menino que é mais no mundinho dele, no recreio ele não quer sair de jeito nenhum, ai eu percebo que aquela criança que chega mais, vai ter mais facilidade no aprendizado, por isso que o professor deve ficar atento e dar atenção a toda criança/aluno. Quanto mais carinho, mais atenção, mais a criança/aluno tende a aprender com facilidade (PROFESSORA SARA).

É fundamental, porque quando o professor dar afeto a seu aluno, que incentiva, ensina com paciência a criança tende a aprender cada vez mais. E isso é importante para que ele se desenvolva na sua aprendizagem (Professora Joana).

Sim, é muito importante, quando estou ensinando procuro incentivar está ali com eles, os alunos que estão bagunçando procuro chamar atenção com cuidado, sempre mostrando a importância de estudar, aprender. O afeto é fundamental na educação (PROFESSOR PEDRO).

Notamos que o fato de o profissional da educação está consciente ao exercer sua função pedagógica, se faz necessária a busca pela compreensão em que se torna primordial estabelecer uma relação afetiva entre o professor-aluno, tanto no espaço da sala de aula quanto fora dela, através do vínculo afetivo possibilitando relações saudáveis em sala de aula e que conseqüentemente irá ajudá-lo no processo pela busca do conhecimento como fonte de prazer e não algo obrigatório.

É através dos vínculos afetivos que nos constituímos sujeitos do mundo a partir do olhar do outro e do espaço que ocupamos na vida do outro (professor), por isso se constitui um progresso no sistema educacional quando começa a discutir essa forma de ver a educação, educação essa voltada para o sujeito no mundo.

Rios (2010) a relação entre indivíduos (eu-outro) permeia um contexto de aspectos relacionados ao social, e que é inerente à condição humana, onde se faz necessário que um se reconheça no lugar do outro, tornando-se humano.

Tardif (2009, p.63) “destaca ainda que na medida que a educação toma a forma de escolarização planejada pelo estado, a docência se torna autônoma e adquire traços de uma ocupação estável, beneficiada.” Essa relação no que diz respeito à escola e ao docente foi levantada por todos os professores, os quais colocaram a necessidade de a importância do professor ter apoio por parte da escola, começando um trabalho onde o professor possa se sentir

autônomo a fim de trabalhar as relações interpessoais juntamente com o aluno temas que sensibilizem o sentido do outro (professor-aluno, aluno-aluno) propondo uma reflexão sobre a vida e a humanização de todos, resgatando valores éticos, estéticos e culturais sobre o cuidar do outro no mundo.

Trata-se de colocar os alunos diante de uma situação que evolua de tal forma, que o conhecimento que se quer que aprendam seja eficaz, ou seja, o aluno constrói um conhecimento contextualizado, em que a busca das aplicações dos conhecimentos antecede a sua apresentação. E isto ocorre graças à boa relação afetiva estabelecida entre professor-aluno.

5.5 Avaliação da aprendizagem dos alunos

Neste quesito os professores foram unânimes ao afirmarem que avaliam os alunos através de diversos instrumentos que possibilitem acompanhar o desenvolvimento cognitivo destes em sala de aula.

Segundo Sant'Anna (1995) a importância da avaliação bem como os procedimentos de avaliação têm variado no decorrer dos tempos, e que em nossos dias, considera-se a avaliação dos resultados do ensino-aprendizagem de grande relevância porque pode proporcionar informações fundamentais sobre o aluno, visando melhorar o processo de ensino e de aprendizagem. Nesta perspectiva os professores relataram como procede no cotidiano de sala de aula com seus alunos, os aspectos inerentes à avaliação:

Faço prova de avaliação, mas não é só isso, porque eu aproveito mais o dia a dia de cada um através de acompanhamento porque se faço uma prova hoje e o aluno chegou tarde, através de observação, trabalho em grupo, não gosto muito do livro didático, porque é uma linguagem distante da realidade dele (PROFESSORA ANA).

No desenvolvimento durante a aula. Eu vou perguntando quem está conseguindo responder vou corrigindo as atividades que foram feitas, peço para que eles leiam o que escreveram, aí eu vejo se realmente ele aprendeu, se não copiou do colega. Ou seja, só avaliação mensal não é importante, é preciso o dia a dia, acompanhando individualmente (PROFESSORA LÚCIA).

Procuro trabalhar de diversas formas, como jogos, brincadeiras, colagem, trabalho em grupo, conto histórias e peço para que eles expliquem o que ouviram. Avalio meus alunos no dia a dia através dos trabalhos realizados durante as aulas como: interesse e participação (PROFESSORA JANE).

Eu gosto da leitura e ditado, uso também outros instrumentos como jogos, trabalhos em grupo em sala de aula. E avalio através do dia a dia em sala de aula, porque aí eu vejo se aprendeu, procuro trabalhar com a realidade do aluno (PROFESSORA CLARA).

Avalio no dia a dia em sala de aula de forma individual. Através do uso do livro didático, brincadeiras, trabalhos em grupo, percebo se eles estão aprendendo ou não (PROFESSORA DULCE).

Eu avalio no dia a dia, porque quando eu vejo que o aluno tem dificuldade a gente vai trabalhando individual, observando o desenvolvimento passo a passo, respeitando sempre o tempo deles (PROFESSORA FLOR).

Avalio no dia a dia em sala de aula de forma individual. Através do uso do livro didático, brincadeiras, trabalhos em grupo, percebo se eles estão aprendendo ou não (PROFESSORA DULCE).

No dia a dia a partir de vários instrumentos como: prova, atividades em sala de aula em grupo, brincadeiras, jogos interativos, atividades no livro didático (PROFESSORA SARA).

Todos os dias, procuro fazer atividades que eles façam em grupo, trabalho com brincadeiras, recortes e colagem, pintura, jogos lógico- matemáticos, em fim tudo que possa ajudar no desenvolvimento do aluno (Professora Joana).

Procuro ficar atento aos alunos que têm dificuldades, sem descuidar daqueles que sabem mais, pra que eles não percam o interesse em vir para a escola. Essa avaliação é diariamente, a partir da participação em sala de aula, nas atividades em individual e/ou em grupos. E vou anotando aqueles que sabem menos para que eu possa dar uma atenção maior (PROFESSOR PEDRO).

Diante desse contexto de vários relatos, a avaliação tende ser diferenciada por cada professor, e que as maneiras de entender que o aluno aprendeu tem haver com a forma de exercer a função docente. Ela também é um processo, a qual através de um método de adquirir e processar evidências com o objetivo de melhorar o ensino e a aprendizagem, conforme relatos dos professores.

É um sistema que visa um controle de qualidade, possibilitando as etapas dos processos de ensino e de aprendizagem, além de ser um instrumento da prática educacional ao verificar se ocorreu aprendizagem ou não. É uma tarefa complexa, rica em procedimentos que visa à síntese das evidências alcançadas (SANT'ANNA, 1995).

5.6 A consideração da diferença na aprendizagem dos alunos

Diante dos relatos dos professores através de suas narrativas. Na sua maioria relata que procura ver de forma positiva e incentivadora. Tendo em vista uma aula prática, proporcionando um ambiente projetado para a tarefa de aprender dentro de um contexto que se aproxima de um mundo prático e o teórico, fazendo com que os alunos aprendam fazendo, ainda que sua

atividade fique longe do mundo real do trabalho [...]. Este é o papel do professor, proporcionar e observar de forma gradativa a aprendizagem do seu aluno. (SCHON, 2000). Nessa perspectiva seguem os relatos dos professores:

De forma positiva incentivando e o papel do professor é de incentivador (PROFESSORA ANA).

Vejo principalmente no acompanhamento diário. Eu tenho que trabalhar no individual, para que eu observe as dificuldades que cada um tem, trabalhando de acordo com a sua limitação visando o seu desenvolvimento, este é o papel do professor (PROFESSORA LÚCIA).

Vejo que à medida que eles entendem o que eu estou ensinando, logo eles mostram através das atividades trabalhadas em sala de aula que eles aprenderam. E o papel do professor é de orientador, sendo fundamental para que o aluno se desenvolva (PROFESSORA JANE).

Vejo através do seu desenvolvimento no dia a dia, e o papel do professor é de mediador do conhecimento (PROFESSORA CLARA).

Quando eles aprendem no dia a dia, e o papel do professor é de orientar o processo de aprendizagem continuamente (PROFESSORA FLOR).

Através da avaliação que faço no dia a dia, de forma individual, e o papel do professor é de acolher e ensinar com amor (PROFESSORA DULCE).

Quando a gente trata eles com carinho e atenção eles fazem questão de mostrar que fez, eles se preocupam em mostrar o que fez o dever, que aprenderam, se a mãe não quis ajudar eles falam, tipo “Tia minha mãe não quis me ajudar” Eles não metem, porque eles sabem que eu vou cobrar, elogiar “que lindo”, “parabéns”, essa questão da afetividade do carinho da atenção que eu dou a ele, é importante. E o professor é um orientador da aprendizagem (PROFESSORA SARA).

Vejo a partir do momento que ele aprende no dia a dia. E o papel do professor nesse momento é muito importante, principalmente ao incentivar o aluno em sala de aula mostrando que ele é capaz de aprender (PROFESSORA JOANA).

Vejo a partir do momento que ele aprende no dia a dia. E o papel do professor nesse momento é muito importante, principalmente ao incentivar o aluno em sala de aula mostrando que ele é capaz de aprender (PROFESSOR PEDRO).

Diante do exposto a partir das narrativas dos professores, percebe-se que só é possível o professor observar a aprendizagem do aluno na medida que este está atento ao resultado da sua ação em sala de aula, tendo como resultado o aprendizado do seu aluno. Para que ocorra essa avaliação faz-se necessário que o professor reflita sobre sua ação.

Para Schon (2000) “podemos refletir sobre a ação, pensando retrospectivamente sobre o que fizemos, de modo a descobrir como nosso ato de conhecer-na-ação pode ter contribuído para um resultado”. Em se tratando do professor observar a aprendizagem do aluno durante os processos de ensino e aprendizagem esse ato “de refletir na ação” é fundamental porque oportunizará o professor se dá conta do seu papel enquanto formador de opiniões, e a sua

construção de identidade profissional a partir da capacidade de se ver no lugar do outro (alteridade).

Perrenoud (2008), os professores constroem sua identidade, durante muito tempo, em torno de uma especialidade específica, adquirida em sua sala de aula e em formações universitárias complementares, ou seja, as pessoas tornam-se formadoras pela mesma razão pela qual se tornaram professores. “A dimensão reflexiva está no centro de todas as competências profissionais, tendo em vista que ela constitui seu funcionamento e seu desenvolvimento” (p.20).

A teoria e a prática estão a exigir que o docente compreenda a importância da diferença entre os alunos e acompanhe a aprendizagem de cada um. O papel docente de mediador do processo, decorre do seu exercício reflexivo e do compromisso ético profissional.

5.7 A relação pedagógica na escola situada em áreas rurais

As escolas localizadas nas áreas rurais encontram suas peculiaridades precisamente no vínculo com a realidade e os sujeitos concretos, que representam parte da sociedade, que buscam seus direitos, identidade e reconhecimento. Trata-se de uma educação que se define pela ligação e compromisso com a memória, a história e a raiz do homem nas áreas rurais, onde a escola precisa constantemente repensar seu papel, buscando sentidos sociais e novas formas de ensinar, tendo como ponto positivo o reconhecimento por parte da sociedade sobre a formação de pessoas, bem como a valorização do professor (ROCHA, 2012).

Diante das narrativas dos professores constatou-se que, para a maioria, é mais vantajoso atuar nas áreas rurais, devido aos aspectos relacionados com o contexto cultural, familiar e social da região, e o retorno que recebem da comunidade na valorização da atuação profissional conforme relatos que seguem:

Eu me adequo mais a área rural, porque nas áreas rurais eu conheço mais o meu aluno, é tudo mais próximo (PROFESSORA ANA).

Boa. Gosto de trabalhar aqui, os alunos participam e aceitam as minhas orientações, sinto-me em casa. Também consigo manter contato com a família dos alunos, aqui todos se conhecem (PROFESSORA LÚCIA).

Boa. Gosto de ensinar aqui porque meus alunos estão perto de mim e conheço a família deles. Hoje ensino a filhos dos meus é-alunos, isso é muito legal. Não

sei se gostaria e se é fácil ensinar em área urbana, porque a vida toda só ensinei aqui na escola rural (PROFESSORA JANE).

Acho boa, me sinto a vontade, conheço os meus alunos e sua família, não sei se iria gostar em ensinar na área urbana (PROFESSORA CLARA).

Aqui é bom de trabalhar, acho que na escola urbana é mais complicado, tem desafios, aqui é mais fácil por que eu conheço os pais, todo mundo (PROFESSORA FLOR).

Boa. A direção, os alunos e as famílias me ajudam bastante no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Gosto de trabalhar aqui na área rural, não sei se acostumaria trabalhando na urbana (PROFESSORA DULCE).

Eu gosto mais de ensinar nas áreas rurais porque a atenção é bem maior, eles valorizam o professor. A maneira como os pais lidam é totalmente diferente. Pense! A correria é grande pra eu sair de uma escola pra outra, mas não me arrependo porque trabalhar nas áreas rurais vale a pena. Aqui eu vejo o retorno tanto das crianças quanto dos pais (PROFESSORA SARA).

Gosto de ensinar aqui, prefiro ensinar nas áreas rurais, do que na cidade, aqui os alunos nos respeitam, e a família também (PROFESSORA JOANA).

Muito boa. Gosto de trabalhar aqui, a escola é boa, os pais participam, e a direção nos apoiam, não sei se seria fácil na escola urbana (PROFESSOR PEDRO).

De acordo com as narrativas dos professores fica evidente que a maioria sente-se confortável em lecionar nas escolas das áreas rurais, por tratar-se de uma região que respeita a figura do “ser professor”. Para a comunidade o professor é um profissional que inspira respeito e autonomia.

Para Rocha (2012), o modo de ser nas escolas localizadas nas áreas rurais, sua identidade e vida, afirmam-se em um espaço de humanização social, possibilitando um ambiente educativo para todos, combinando as práticas sociais, o trabalho dos professores, as carências e os sonhos com as conquistas visando à travessia para um mundo mais digno, justo e humano. Ser professor nesse contexto é superar os desafios da profissão e conquistar o reconhecimento do seu ofício por parte da comunidade.

5.8 Formação docente para atuar nas áreas rurais

Nesse contexto fazer uma análise sobre a relação pedagógica na educação que transcorre nas áreas rurais implica o repensar do valor da profissão e sua preparação para atuar com qualidade no ensino a partir da alteridade.

Outro ponto a ser discutido é que a educação não é neutra, atendendo aos mais variados segmentos sociais com seus interesses políticos e econômicos. Desse modo a educação é

também uma ação política que se faz presente desde a formação do currículo escolar até a discussão em torno do que deve ser estudado, quem deve estudar, como se deve estudar e quem deve ensinar.

Uma ação pedagógica só se faz mediante o conhecimento prévio, advindo da formação docente, inclusive na educação nas áreas rurais. Embora haja um estigma de professor despreparados nessas áreas, na pesquisa realizada foi constatado que todos os professores possuem nível superior e alguns pós-graduação na área específica., o que explica em grande parte a consciência dos docentes entrevistados quanto a sua atuação pedagógica a partir da alteridade.

Avalio de forma positiva, pois através dela eu aprendi bastante, e hoje compreendo a diferença de ensinar na área rural, principalmente respeitando a cultura deles (PROFESSORA ANA).

O curso de graduação (pedagogia) que estou fazendo tem me ajudado muito, e a formação continuada que também faço através do programa PNAIC (do governo federal) e o SYNAPSI (do governo do estado), tem contribuído no meu trabalho na prática em sala de aula, é muito rico essa formação (PROFESSORA LÚCIA). O curso de graduação (pedagogia) me ajudou muito, porque através dele aprendi outras metodologias de ensino, e saber lidar com a criança entendendo suas dificuldades e potencialidade (PROFESSORA LÚCIA).

Aqui é bom de trabalhar. Acho que o curso de Pedagogia tem me ajudado no meu trabalho, até porque aqui é diferente, pois os alunos tem uma cultura de que o sonho deles é estudar em Propriá na área urbana porque a escola é melhor, e eu procuro mostrar o tempo todo que não, que aqui eles também aprendem. Meus estudos ajudam nessa forma de ensinar valorizando as especificidade da educação rural (PROFESSORA CLARA).

Minha graduação ajudou muito, mas tem coisas que a gente aprende com a realidade deles que é outra, a gente tem que se adaptar a eles (Professora Flor).

Muito, primeiro que eu sou tímida e a gente juntando com outras pessoas eu aprendi muito (PROFESSORA DULCE).

Muito, o curso tem me ajudado bastante. Até porque é voltado para criança. Nunca precisei consultar ninguém, principalmente em saber lidar com criança que tenha algum problema, estudei bastante e só tem ajudado. Até porque aqui não tem esses problemas sérios, e trabalhar na área rural é muito bom (PROFESSORA SARA).

Minha graduação ajudou e tem ajudado bastante, principalmente pela pós-graduação que fiz em Educação Infantil que trata de como lidar com criança (PROFESSORA JOANA).

Muito importante, por que através, eu sei como lidar com meus alunos, e sei trabalhar na educação rural, reconhecendo sua cultura (PROFESSOR PEDRO).

De acordo com as narrativas dos professores observou-se que todos entendem a necessidade da formação docente para que o profissional possa obter uma práxis de qualidade. Nessa perspectiva, Tardif (2011, p.230), descreve que:

Um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

Corroborando com o autor, afirma-se que é fundamental ao professor a consciência do seu fazer pedagógico, o que só é possível na medida em que o profissional busca ampliar seus conhecimentos a partir da formação docente. Gatti (2009) também confirma essa posição ao afirmar que:

O processo de formação é definido como um movimento orientado a responder aos diversos desafios que se sucedem no que se poderia identificar como diferentes fases da vida profissional: o início da carreira, o processo de desenvolvimento e os tempos mais avançados em que o professor consolida sua experiência profissional (p.203).

A formação do professor visa ao desenvolvimento profissional e se dá de forma contínua durante toda a sua vida, possibilitando agregar conhecimentos de forma atualizada e contextualizada para cada época. É a forma de o professor estar sempre atento às mudanças e ao contexto social; trata-se de uma profissão que visa à orientação e preparação humanista do outro (o aluno).

5.9 Escola e formação continuada docente

Os professores relataram como avaliam os incentivos recebidos na direção da formação continuada por parte dessas escolas localizadas em áreas rurais. Desvelam incentivos e obstáculos advindos dos gestores da escola e do governo. A maioria dos professores foi unânime em afirmar que tem incentivo quanto à formação docente, embora três docentes afirmaram que não, conforme seguem relatos:

Não, já tem uns dez anos que não tenho nenhuma formação continuada. Não tem nada acabou (PROFESSORA ANA).

Sim. Nesse momento estou fazendo duas formações através do programa PNAIC (do governo federal) e o SYNAPSI (do governo do estado). (PROFESSORA LÚCIA).

Sim, mas ultimamente não tem tido nenhum tipo de curso (Professora Jane).

Incentiva, eu fiz um curso de reciclagem recentemente de como trabalhar com materiais recicláveis, mas infelizmente nem sempre a escola tem condições de oferecer meios de como a gente trabalhar, porque não tem como oferecer os materiais (PROFESSORA CLARA).

Mais ou menos, antes tinha bastante formação, fazíamos muito cursos, de uns dois anos pra cá diminuí consideravelmente (PROFESSORA FLOR).

Sim, tem ajudado sempre que possível a escola incentiva e oferece cursos de formação (PROFESSORA DULCE).

Incentiva. A relação diretor coordenador e colegas é uma delícia, o diretor está aberto a nossa ideia, se eu chegar aqui e falar com o diretor que estou querendo desenvolver tal projeto, ele concorda e a poia, o diretor não interfere no trabalho de ninguém, ele pede licença. Se ele tiver que fazer alguma coisa ele vem perguntar o que agente acha (PROFESSORA SARA).

Sim, sempre esta indicando a nós professores participar de formação continuada (PROFESSORA JOANA).

Incentiva. Eu fui chamado para fazer a formação continuada do PNAIC, mas como agora (PROFESSOR PEDRO).

De acordo com as falas desses três professores, a angústia e a frustração por não terem tido incentivo ou até uma proposta de planejamento para formação docente, cria um ambiente de desconforto e desânimo. Assim, embora com suas lacunas procuram exercer suas atividades de forma ética e comprometida.

Para Nóvoa (1995), é fundamental que as instituições de formação ocupem um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum, a qual facilitará a conscientização sobre o papel de ser professor. Conforme seu entendimento afirma a importância da formação de professores em que:

A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão. [...] Portanto, a escola deve promover o saber como instrumento: por um lado, centrando-se numa dezena de conceitos de base, interdisciplinares, que constituem outros tantos ângulos de abordagem da realidade dos dias de hoje; por outro lado, aprendendo a organizar a massa de conhecimentos actuais (p. 26-28).

Para o autor a formação de professores permite a apropriação de saberes que irão subsidiar sua prática docente e que a partir dessa construção poderão transmitir novos saberes aos alunos, com o agregado de qualidades técnicas e experienciais.

A formação continuada como desenvolvimento profissional dá-se à base de dois modelos amplamente aceitos e defendidos: oficinas de reflexão sobre a prática e formação centrada na instituição. Ambos os modelos, resultam no fortalecimento da escola e da prática reflexiva do professor, supõem transformações que ultrapassam as questões de envolvimento dos professores nos processos de ensino e de aprendizagem (GATTI, 2009).

5.10 Concepção de educação, ensino, aprendizagem e planejamento

No que diz respeito à concepção de educação, os professores foram enfáticos ao defini-la como fundamental na formação do indivíduo, como também em relação ao planejamento, considerado fator preponderante nos processos de ensino e aprendizagem. Pode-se verificar o teor das respostas docentes a seguir:

E educação é tudo, e processo de ensino aprendizagem deve ser o melhor possível. O planejamento é importante, porque quando você se planeja você tem uma clareza para dar continuidade aos seus trabalhos, a gente aprende mais quando é qualificada, tem qualidade e se você ficar na mesmice você não cresce (PROFESSORA ANA).

A educação é tudo, ela engloba tudo. Ensinar não é só ler e escrever, é se comportar no meio social, às vezes chegam sem saber se comportar na escola. O professor é tudo, horas sou mãe, psicóloga, médica porque quando um rala eu lavo com água e sabão. Então educar é ser tudo, educação é muita coisa, engloba preparar o aluno para o mundo. E o planejamento é fundamental para o professor dando orientação no que vai fazer (LÚCIA).

A educação é fundamental, para que o indivíduo se desenvolva, e os processos de ensino e aprendizagem através da prática do professor em sala de aula ajuda o aluno a se desenvolver. E o planejamento é fundamental para que o professor possa saber como lidar com o aluno no dia a dia (PROFESSORA JANE).

É fundamental. A relação de ensino e aprendizagem é muito importante. Com certeza, eu procuro trazer um plano, porém as vezes eu vejo que o que foi planejado não serve, aí eu mudo tudo de acordo com o que os alunos precisam (PROFESSORA CLARA).

A educação é tudo, tanto na vida do professor como na do aluno, porque tanto aprende o professor como os alunos, e eu aprendo muito com os alunos Exige, porque se o professor não planeja fica perdido (PROFESSORA FLOR).

A educação é muito importante ajuda a pessoa se desenvolver no mundo. O planejamento é fundamental, é preciso que o processo tenha tudo programado embora às vezes é preciso modificar, ser flexível (PROFESSORA DULCE).

Para mim educação é a base de tudo, é muito importante às vezes falam a Educação Infantil é só pintar, cantar e dançar brincar, aqui é uma base é um alicerce, se

eu não for trabalhar direitinho com eles eu posso até criar um bloqueio pra que na frente ele possa até não gostar de estudar, já pensou que eu chegasse aqui mal humorada e descontasse em cima dele, no futuro ele possa até não gostar de estudar porque ele pode até pensar que no futuro vai ser assim, e o planejamento é fundamental é a base porque se eu não planejar fico perdida (PROFESSORA SARA).

É tudo, é a base, sem ela não tem nada. E quanto ao processo compreendo que é a forma de ensinar e relacionar com o aluno (PROFESSORA JOANA).

É a base de tudo, sem ela é impossível. Acho importante que o professor fique atento pois é fundamental para que o aluno aprenda, e tudo que envolve a educação. Exige, tudo na vida tem que ter um planejamento sem ele não consegue nada. Muitas vezes a gente não faz o planejamento que gostaria de fazer, sem o planejamento não tem condições. Tem que tirar um tempo para planejar uma coisa pra um pra outro (PROFESSOR PEDRO).

Analisando essas narrativas verifica-se que são enfatizados os recursos metodológicos, bem como o papel da didática, no que houve unanimidade. Neste aspecto a didática torna-se pertinente no que diz respeito às formas e meios utilizados nos processo de ensino visando à aprendizagem, o desenvolvimento cognitivo do aluno e viabilizando a interação entre os saberes individuais e a construção do conhecimento pautada na relação professor e aluno. Candau (1988) destaca que o processo de ensino deve ser permeado por uma prática docente dinâmica e eficaz, o que implica a utilização adequada de recurso, coerente com o que está sendo trabalhando em sala de aula.

Diante desse contexto evidenciou-se que todos os sujeitos da pesquisa (professores), procuram, dentro de suas possibilidades, desenvolver sua prática docente de forma dinâmica, suscitando no aluno o desejo de aprender. Conforme destaca Nóvoa (1999,p132):

As características ligadas ao ensino criativo incluem a imaginação, isto é, a capacidade de tomar o lugar do outro e de ensaiar potenciais interações antes do acontecimento. Este processo é acompanhado por adaptabilidade, flexibilidade e uma prontidão e facilidade para a improvisação e experimentação.

O ato de ensinar supõe a atuação do professor como mediador na (re) construção de conhecimentos específicos que se constituem em objetos de estudo e ensino; assim, o professor é um agente que conduz e estimula democraticamente a aprendizagem do aluno, participa do planejamento de atividades visando a alcançar os objetivos pretendidos durante o processo educativo.

Para Lopes (2010), o professor em sua prática, se agir sem compreender o significado social das suas decisões, tornar-se-á mero executor de práticas pensadas e decididas por outros,

passando a ser vítima de modismos e linguagens sem significados para fundamentar sua própria ação. Diante desse contexto, todos os professores foram enfáticos ao mostrar o papel do planejamento no cotidiano escolar e sua relação com a qualidade do trabalho docente.

Planejamento, na sua acepção mais ampla, sempre abrange uma gama de ideias. Por si só não constitui a fórmula mágica que soluciona ou muda a problemática a ser resolvida. Exige uma busca cada vez maior de estudos científicos que favoreçam o estabelecimento de diretrizes realistas. Nunca demos pensar em um planejamento pronto, imutável e definitivo. Devemos acreditar que ele representa uma primeira aproximação de medidas adequadas a uma determinada realidade, tornando-se, através de sucessivos replanejamentos, cada vez mais apropriado para enfrentar a problemática desta realidade. Estas medidas favorecem a passagem gradativa de uma situação existente para uma situação desejada (SANT'ANNA, 1999, p.13).

Para a autora o ato de planejar prioriza a forma de como será desenvolvido o trabalho docente, estando de forma flexível a mudanças com o propósito de atingir resultados satisfatório sobre a atividade que está sendo desenvolvidas.

5.11 A ética em sala de aula

As narrativas aqui expostas demonstram que o conceito de ética advém a partir do respeito para com o outro. Esse outro, no caso o aluno, é imprescindível no relacionamento pedagógico; se o responsável pelo processo, no caso o professor, não tiver introjetado esse conceito todas as relações em sala de aula estão comprometidas.

A ética é uma reflexão crítica sobre a moralidade; existe como uma referência para os seres humanos em sociedade, de modo tal que a sociedade possa se tornar cada vez mais humana. Ela tem sido o principal regulador do desenvolvimento histórico-cultural da humanidade. Sem ética, ou seja, sem a referência a princípios humanitários fundamentais comuns a todos os povos, nações, religiões, a humanidade já teria chegado à autodestruição. Exemplo disto é que desde a metade do século XX a Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela ONU (1948), vem demonstrar e dar estatuto de lei à ética nas relações entre os homens. Nessa perspectiva seguem relatos dos professores:

Ética é um modo de se comportar no meio dos outros, da sociedade, é res-

peitar a você e o outro (PROFESSORA ANA).

É o professor saber respeitar o aluno, acreditando no seu trabalho (PROFESSORA LÚCIA).

É acreditar que seu aluno é capaz de aprender e fazer com que ele aprenda (PROFESSORA JANE).

Ética é o respeito ao outro, porque assim minha sala é muito barulhenta, não é ficar quietinho porque eu não quero aluno estático, mas pelo menos ter o respeito entre eu que sou professor e eles que são alunos (PROFESSORA CLARA).

A educação é tudo, tanto na vida do professor como na do aluno, porque tanto aprende o professor como os alunos, e eu aprendo muito com os alunos Exige, porque se o professor não planeja fica perdido (PROFESSORA FLOR).

Em sala de aula é fundamental, o professor precisa saber ensinar conteúdos para o aluno, e para viver no mundo. É o respeito a si primeiramente e depois ao outro (PROFESSORA DULCE).

É o respeito em sala de aula tanto do aluno para com o professor, como também professor aluno. Não é só porque eu sou a professora vou mim jogar mais inteligente melhor que eles, tenho que respeitar eles, as vezes eles também me ensinam, da maneira deles mas eles ensinam (PROFESSORA SARA).

É o respeito ao outro, é o professor saber lidar com o aluno e com sua aprendizagem (PROFESSORA JOANA).

É a pessoa saber respeitar o outro, é ter dedicação no trabalho, é apoiar o outro interagindo no seu dia a dia (PROFESSOR PEDRO).

Desse modo a ética alcança todas as ações que atingem os indivíduos ou grupos sociais. Ela aponta direitos que se transformam em comportamentos pautados por normas. A reflexão sobre o comportamento moral, sem partir para o maniqueísmo, faz parte do procedimento do professor diante dos seus alunos concretos. O problema do que fazer em cada situação concreta é um desafio prático-moral e não teórico-ético (VÁZQUEZ, 1990).

Ainda com essa compreensão o autor descreve que a ética pode contribuir para fundamentar ou justificar certa forma de comportamento moral. O ético transforma-se, assim, em uma espécie de legislador do comportamento moral dos indivíduos ou da comunidade. É a teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamentos dos homens, o da moral, considerado na sua totalidade, diversidade e variedade. O valor da ética como teoria está naquilo que explica e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas (VÁZQUEZ, 1990).

O profissional da educação tem suas convicções e crenças que se objetivam diante dos seus olhos, com flexibilidade tolerável diante da obrigação social de assegurar a formação

humana às gerações futuras.

5.12 Relação prática docente em sala de aula e a cultura local

Silva (2012) relata que a sala de aula interativa seria o ambiente em que o professor constrói um território a ser explorado pelos alunos, permitindo-lhes fazer por si mesmos suas descobertas e construções; ele é um estimulador de curiosidades através da motivação; constrói um território a ser explorado pelo aluno, permitindo que este se desenvolva. O aluno, por sua vez, passa de expectador para emissor, ou seja, a educação pode deixar de ser um produto para tornar-se processo de troca de ações, que cria conhecimento e não apenas (re) produz.

Nóvoa (1999) descreve que: “para além do espaço concreto da prática (a sala de aula), o trabalho dos professores é condicionado pelos sistemas educativos e pelas organizações escolares em que estão inseridos” (p.71). Diante do exposto seguem relatos dos professores quanto a sua prática docente:

Eu trabalho sempre buscando a realidade das áreas rurais, ou seja, a realidade dos meus alunos. Exemplo disso é quando os meus alunos na hora do lanche eles não gostam de legumes e frutas, aí oriento a eles a importância de alimentar-se direito (PROFESSORA ANA).

Procuro trabalhar individualmente a partir da história de vida deles, porque senão não adianta de nada falar de coisas que eles não vivem, não conhecem (PROFESSORA LÚCIA).

Procuro trabalhar com a realidade dos meus alunos, sempre enfatizando o que eles vivenciam, ajudando a eles a conviver em sociedade (Professora Jane).

Às vezes eu mudo tudo que vou ensinar, por isso que não gosto do livro didático porque é diferente da realidade deles. Procuro trabalhar com a realidade deles, valorizando a cultura deles (PROFESSORA CLARA).

Acho importante trabalhar com a realidade do aluno no dia a dia, porque eles estão vivenciando aquilo ali, e não posso ficar só no livro. Exemplo disso é que eu gosto de sair com eles no povoado, eu estava trabalhando a higiene no meio ambiente, foi uma experiência ótima, vejo que tem um avanço na aprendizagem do aluno você percebe (PROFESSORA FLOR).

Acho que procuro trabalhar com a realidade do meu aluno, até porque os meus alunos eu conheço até os pais, porque já foram meus alunos, e é fundamental trabalhar a cultura local valorizando a história de cada um deles (PROFESSORA DULCE).

Eu trabalho com a realidade dele, já que a maioria é do campo, aqui nós temos uma horta, ai trabalho levando eles pra ver, aqui também tem alguns bichinhos ai eu mostro pra eles (PROFESSORA SARA).

Procuro trabalhar com os assuntos que tem haver com a história de vida de cada um deles, principalmente com as coisas que fazem parte da vida rural (PROFESSORA JOANA).

Procuro da melhor forma possível trabalhar com a realidade deles no cotidiano. Procuro trabalhar as datas comemorativas, o estilo de vida deles o que está mais próximo a eles (PROFESSOR PEDRO).

Os relatos citados nos fazem repensar o quanto é necessário rever a prática docente no cotidiano escolar. Para Tardif (2009) o professor é um ser humano, que trabalha para outros seres humanos na formação do homem a partir da interação em grupo. Ou seja, a interação é o elo que une as pessoas na constituição do coletivo a partir da afetividade nas relações interpessoais. Nesse contexto “prática docente é realizada por um grupo definido, cujas características são condições para a expressão prática da actividade profissional, a qual não pode ser separada dos que a executam; esta apreciação reporta-se aos indivíduos e aos grupos (NÓVOA, 1999, p.66).

Rios (2010) destaca que a escola é feita com a participação de todos. Essa proposta configura-se como a escola necessária, que articula as ações de cada sujeito envolvido, o que possibilita um ambiente de aprendizagem, construindo a felicidade a partir da ação docente, tomando como referência o bem coletivo.

Trata-se aqui dos princípios que vão nortear a ação do professor. O que ensinar? Como ensinar? Para quem ensinar? São perguntas que não podem estar desvinculadas de outras como: Por que ensinar? Para que ensinar? Se o que pretende, como finalidade, é formar a cidadania. [...] pensemos em cada uma das dimensões: domínio dos conhecimentos necessários, a definição e o desenvolvimento de conteúdos voltados para as demandas concretas do social, a escolha de recursos efetivamente mediadores para a socialização de conhecimentos e valores, a consciência das finalidades e das implicações das ações e a reflexão constante sobre o fundamento do trabalho são elementos definidores do que se chamou de boa qualidade. E o que explicita essa qualidade é sua orientação na direção do bem coletivo (RIOS, 2010, p.126-127).

Os professores abordados concordam que a alteridade, estando presente na prática docente, muda o contexto porque se volta para a qualidade de aprendizagem do aluno. As respostas dos professores enfatizam que ao existir alteridade na ação docente, o aluno aprende, torna-se receptivo e a aprendizagem emerge com visibilidade..

Nóvoa (1999) descreve que o professor é responsável pela modelação da prática, mas esta é a intersecção de diferentes contextos. O docente não define a prática, mas sim o papel que aí ocupa; é através da sua actuação que se difundem e concretizam as múltiplas determinações provenientes dos contextos em que participa.

5.13 A identidade do profissional no trabalho docente

Neste quesito, os professores foram unânimes, através das suas narrativas, ao afirmarem que depois do percurso profissional, hoje sentem-se realizados como indivíduos. Para Freire (1983, p.31) “O homem se identifica com sua própria ação: objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história “. Isto faz pensar na construção da identidade do indivíduo a partir da sua trajetória de vida percorrida ao longo da sua história.

Nessa direção Hall (2005) descreve: “(...) somos constituídos por representações, sendo essencial compreendermos o mundo por esse olhar, em que as mudanças acontecem, as culturas se misturam” (p. 202). Isto faz repensar o quanto são importantes os aspectos culturais e as experiências de vida nos processos de ensino e de aprendizagem, em qualquer instância ou modalidade.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. “A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (Novoa, 1999, p.16). As narrativas dos professores confirmam o que é apresentado nesse sentido:

Uma pessoa realizada. E minha maior influência foi minha mãe em memória. Ela começou a ensinar o Mobral, era aquela professora recalcada, porque não tinha muito conhecimento, só que naquela época o Mobral tinha mais conhecimento planejamento, ela ia pra reunião ela ia trabalhar e quando ela chegava em casa ela passava pra gente a riqueza e a importância de aprender, pra que servia ler os estudos, e fui pegando muita informação da minha mãe depois fui pegando muita coisa para que eu pudesse passar para minhas crianças (PROFESSORA ANA).

A minha família tem vários professores apesar de não querer, mas não foi na família que me identifiquei, na realidade o que eu sou hoje, o professor que sou hoje eu devo a minha busca pela melhoria dos meus alunos, porque eu fica frustrada quando eu chegava no final do ano e meu aluno não tinha conseguido, ai eu ia atrás de formas de melhorar meu trabalho, e fica me perguntando como é

que um professor consegue chegar no final de ano com todos os alunos lendo, e buscava pesquisava, ia atrás de formas de melhorar, porque eu não aceitava que meus filhos que estavam na idade deles e já estivessem lendo e meus alunos não. Então eu trazia coisas, buscava na internet, eu tendo no máximo mais conhecimentos para eles. Eu me espelhei na necessidade de melhorar a minha turma. Depois comecei a mim identificar com uma professora do curso de formação (PROFESSORA LÚCIA).

Boa, porque sempre quis ser professora e hoje estou realizada com a escolha que fiz. Quanto a influência veio da minha família que também tem tias professoras (PROFESSORA JANE).

Antes eu tinha muita dificuldade, aí fui buscar outros conhecimento. A pessoa que tem influenciado bastante é o meu colega Luizinho, pois ele é inteligente e até hoje ele me orienta, na faculdade na pós-graduação ele ajudava muito ensinando o tempo todo e quando tenho dúvida ligo para ele pedindo ajuda e ele orienta (PROFESSORA CLARA).

Realizada, amo o que faço. A influência foi de uma tutora que tive, e ela foi dez e eu mim espelho muito nela, conheci no curso de pré-graduação, ela foi muito importante na minha vida eu aprendi muito. Porque quando eu comecei não sabia nada, e através dela aprendi muito. Pra mim ela foi de extrema importância (PROFESSORA FLOR).

Sou uma pessoa realizada. Quanto a influência recebi de várias pessoas, mas principalmente de Luizinho que me ajudou muito (PROFESSORA DULCE).

Me vejo uma pessoa realizada, minha identidade se confirma quando eu vejo os alunos de pequeno a grande que encontram comigo na feira e gritam: “Tia!” eu me realizo. Recebi muita influência da minha mãe (PROFESSORA SARA).

Hoje sou uma pessoa realiza, amo o que faço. E como já disse antes recebi influência da minha mãe que sonhava ter uma filha professora (PROFESSORA JOANA).

Hoje eu me sinto realizado, principalmente em sala de aula procuro dar o melhor de mim. E quem mais me influenciou foi minha esposa, hoje ela é aposentada do estado, mas foi com ela que aprendi a gostar do que faço, me influenciou entrar no curso pedagógico e fazer o CONCURSO (PROFESSOR PEDRO).

Constatou-se que a construção da identidade é um processo complexo pelo qual cada indivíduo apropria-se da sua história pessoal e profissional, dentro de um fator determinante que é o tempo, de modo a um contínuo refazer de sua identidade, acomodando-se às inovações, para assimilar mudanças. É um processo que perpassa também a capacidade de exercer com autonomia a própria atividade, seu trabalho e sua vida. Isso reflete a maneira como cada um de nós ensina, sendo diretamente dependente daquilo que somos como pessoa. É impossível separar o eu profissional, do eu pessoal. Freire (2011, p.30), descreve que: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”.

O homem está no mundo e com o mundo. Caso apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo.

5.14 Concepção de políticas públicas da educação nas áreas rurais

Na fala dos professores ficou claro que não há incentivo por parte do governo e que não existe uma política pública eficaz no sentido de possibilitar aos professores atuantes das áreas rurais a condição concreta de fazer sua formação continuada. Todos transpareceram constrangimento ao ter que pontuar o descaso e desrespeito por parte dos governantes. Houve professores que fizeram questão de deixar claro que o gestor da escola até tem boa vontade, mas não chegam verbas e nem disponibilizam cursos para serem ofertados aos professores nesse contexto.

Sinto muito a pergunta é bonita, mas infelizmente na prática não existe, o resultado é nenhum, porque no meu entendimento não existe nem na gaveta está isso aí, só na falação e a tendência é piorar cada vez mais. Só pra você ter ideia o salário tem sido pago atrasado e fatiado, e tem que aceitar e aguentar. E piso salarial não existe. Daí tem que agradecer a Deus todos os dias porque ainda tem um emprego (PROFESSORA ANA).

Não funciona, livro didático ainda não chegou, tenho livros para paradidático. Não vejo como um compromisso sério com a população. É muito distante da realidade (PROFESSORA LÚCIA).

Não funciona, na verdade não existe por isso que não consigo entender como algo que existe (PROFESSORA JANE).

Eu acho que não tem nada, não existe incentivo nenhum e agora com essa lei é pra acabar com tudo. Não funciona na prática. Deveria ser importante para a educação rural, mas infelizmente não funciona.

Até hoje o incentivo maior das políticas públicas é para as escolas de Propiá na área urbana. Aqui os alunos não tem uma estrutura de apoio, por isso é difícil falar em políticas públicas nas áreas rurais. Exemplo disso são os alunos que moram na beira do rio (os ribeirinhos), alguns deles desistem por falta de incentivo, porque quando o rio enche eles se afastam da escola porque quando chove não vem por que as estradas alagam tudo e eles perdem tudo. Hoje já temos o carro que facilita o transporte porque são vários meninos (PROFESSORA CLARA).

Só tem uma palavrinha, deixa muito a desejar, na prática eles não pensam nas crianças, não estão nem aí. Nem sei o que falar. Sei que a política é algo bonito, porém na prática não existe principalmente nas áreas rurais (PROFESSORA

FLOR). No papel é muito bonito, mas na prática não existi, nem sei o que é (PROFESSORA DULCE).

Trata-se de um conjunto de fatores que decorre da política pública quanto à formação profissional do professor. Os docentes foram unânimes nas repostas a partir de um desabafo quanto à qualidade de políticas públicas que não respeitam o professor das escolas localizadas em áreas rurais, não oferecem condições de preparar-se para o exercício da profissão e de avançar na carreira profissional de forma digna.

Assim a profissão docente é vista como uma semiprofissão. Em parte, porque depende de coordenadas político-administrativas que regulam o sistema educativo, em geral, e das condições da instituição e do posto de trabalho, em particular. A própria profissão foi ganhando forma à medida em que ia nascendo a organização burocrática dos sistemas escolares e a sua própria essência reflete as condições do meio em que se molda. O papel dos professores nos diferentes níveis do sistema educativo e as margens de autonomia são configurações históricas que têm muito a ver com as relações específicas que se foram estabelecendo entre a burocracia que governa a educação e os professores.

É o aluno que faz a escola existir. Os gestores precisam entender isso, para que se possa estabelecer uma relação de respeito entre professor-aluno-escola, sendo que esta tem que trabalhar também as relações interpessoais entre professor e aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as mudanças ocorridas na contemporaneidade, devido ao avanço das tecnologias que tem influenciado no comportamento humano e das instituições, na forma de agir no cotidiano, quanto ao respeito e à capacidade de se colocar no lugar do outro e nas relações interpessoais, o objeto desta pesquisa foi constituído das relações humanas (entre homens) na escola, principalmente na construção da identidade do professor através da alteridade relacionada ao seu aluno, que atravessa os processos de ensino e de aprendizagem.

As considerações ora apresentadas não pretendem finalizar o debate aqui traçado acerca da Alteridade e Educação, mas suscitar algumas questões a partir do que foi observado e evidenciado nesta pesquisa que buscou como objetivo geral analisar o processo de construção da identidade docente mediatizada pela alteridade nas relações professor – aluno – conhecimento na Educação Básica desenvolvida em escolas localizadas em áreas rurais.

Com esse olhar deu-se a investigação da prática docente do professor da Educação Básica nas escolas localizadas nas áreas rurais, identificando os fundamentos presentes no trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental quanto à alteridade nas relações interpessoais e analisando a interatividade entre os professores, alunos e os conhecimentos reconstruídos.

A dissertação ora concluída indica o alcance do objetivo geral bem como dos seus objetivos específicos, uma vez que foram identificados os fundamentos pedagógicos presentes no trabalho docente nos anos iniciais do ensino fundamental (do pré-escolar ao 5º ano). Nesse sentido não se percebeu uma metodologia específica, mas a aplicação de saberes oriundos da sua formação e experiência. Quanto ao objetivo específico de analisar a presença da alteridade como elemento constitutivo da identidade no trabalho e nos saberes docentes, ele foi viabilizado. Verificou-se que durante todo o relacionamento do professor com seu aluno pautou-se na alteridade, o que deu consistência à sua identidade profissional. Consequentemente foi alcançado também o objetivo específico que visou à configuração, pelas narrativas docentes, o processo de construção

da identidade profissional. Finalmente também foi observada a interatividade entre os professores, alunos e os conhecimentos reconstruídos na Educação Básica de escolas situadas em áreas rurais, conforme o último objetivo específico.

A trajetória teórico-metodológica foi marcada por uma abordagem qualitativa descritiva, com delineamento inspirado no estudo de casos múltiplos dentro de uma mesma região, na perspectiva interpretativa da análise de conteúdo, à luz da dialética histórica, tendo como instrumentos de coleta e análise de dados as observações diretas em salas de aulas (acompanhadas de registros cursivos) e entrevistas, ambos trabalhados em profundidade com os nove professores que lecionam na educação básica do pré-escolar até o 5º ano do Ensino Fundamental.

O universo da investigação constituiu-se de três escolas que ministram a educação básica, no Município de Propriá, situado na região do Baixo São Francisco do Estado de Sergipe, povoados Boa Esperança, Santa Cruz e São Vicente, cada um com uma população média de 600 habitantes e o número de alunos nunca superior a 120 por escola, nos três turnos (manhã, tarde e noite). As escolas pesquisadas foram: Escola Municipal Presidente Costa e Silva (Povoado Boa Esperança), Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães (Povoado Santa Cruz) e Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves (Povoado São Vicente).

Para cada escola foram observados e entrevistados três professores que atuam na Educação Básica (pré-escolar até o 5º ano), e por se tratar de escolas localizadas em áreas rurais, cuja realidade das turmas é multisseriada (abrange mais de uma série na mesma sala de aula), devido ao contingente de alunos e às condições institucionais.

As observações ocorreram nessas salas de aula, durante três momentos para cada professor. Os professores observados correspondem a 100% da educação básica, séries iniciais (do Pré-Escolar até o 5º ano), concentrados nos turnos da manhã e tarde, seguindo uma ordem em que os três primeiros professores observados (Ana, Lúcia e Jane) fazem parte da Escola Municipal Presidente Costa e Silva, o segundo grupo de professores (Clara, Flor e Dulce) faz parte da Escola Municipal Padre Agnaldo e, por último, o terceiro grupo de professores (Sara, Joana e Pedro) que fazem parte da Escola Municipal Monsenhor Afonso de Medeiros Chaves. Os protocolos de observação referentes a cada professor, na forma de registros cursivos, foram preenchidos com as observações *in loco*. Todos os sujeitos permitiram as observações mediante Termo de Consenti-

mento Livre Esclarecido – TCLE, após aprovação do Comitê de Ética conforme segue (Anexo A)..

Os registros foram feitos enquanto os professores ministravam as aulas para os alunos no ambiente escolar. O foco dessas observações incidiu sobre a atitude dos professores, as relações interpessoais em sala de aula e as ocorrências que assinalaram os processos de ensino e aprendizagem nesses espaços educativos. Com relação à concepção de ensino e de aprendizagem na educação básica, evidenciou-se que os professores dedicam-se à orientação de cada aluno, considerada sua especificidade, respeitando suas dificuldades, seu desenvolvimento e, principalmente, a realidade de única turma (multisseriada) com a presença de alunos de níveis e idades diferentes.

Nessa perspectiva observou-se que a questão das turmas multisseriadas ainda é uma realidade que permeia o universo das escolas localizadas em áreas rurais no Brasil e especificadamente em regiões como o Nordeste, devido à demanda e carência da população para manter seus filhos na escola, visando a um futuro promissor. Esse aspecto foi notado durante a pesquisa, na qual a maioria das escolas abordadas contém essa multisseriação, o que demanda acompanhamento e formação continuada de professores, na perspectiva de uma educação que priorize o aprendizado e desenvolvimento do aluno, considerado em suas múltiplas dimensões.

A pesquisa construiu seu marco teórico à luz de pressupostos já aprofundados e difundidos por estudos como os de: Hall (2003); Bardin (2011); Bezerra (2007; 2008; 2009); Tardif (2009); Nóvoa (1999); Pimenta e Anastasiou (2005); Silva (2003); Marx (2010) e Rios (2010). A hipótese da pesquisa foi confirmada uma vez que o professor narrou como reconstrói sua identidade continuamente através da alteridade, contribuindo para a aprendizagem dos alunos e para sua especificidade docente, ao lado do contexto social, cultural e econômico, Patenteou-se que sua ação no mundo é determinante e determinada do contexto local e das políticas públicas.

Nesse sentido os resultados apontam para o fortalecimento da identidade docente no seu trabalho, estando presente a alteridade na sua prática docente, visando à aprendizagem dos alunos nas dimensões cognitiva, afetiva e social. As narrativas revelaram saberes advindos da experiência de vida e do cotidiano das relações na escola, além da formação inicial e continuada, assim como a capacidade do professor colocar-se no lugar do outro (aluno), mostrando que o trabalho docente é uma atividade tipicamente humana e humanizadora dos sujeitos, da comunidade local e da sociedade.

Os docentes demonstraram durante toda a pesquisa um comportamento ético, reconhecendo a subjetividade dos alunos respeitando-os na sua singularidade. Essa atitude compreende a capacidade cognitiva individual de cada um, estimulando ações de bom comportamento e boa convivência entre os alunos, influenciando a construção da cidadania e a capacidade de estar no mundo.

Esteticamente falando os professores apresentaram uma *performance* no vestir, uma tranquilidade e tolerância que provocavam atitudes semelhantes por parte dos alunos. Uma referência comum foi o respeito recíproco e a estética da solidariedade. Foi constatado que os mesmos demonstraram compreensão sobre alteridade, reconhecendo as diferenças no processo de aprendizagem dos alunos, e os aspectos que envolvem a educação (metodologia de ensino), chamando o aluno para interagir na aula, de forma que houvesse um processo produtivo e integrador entre ambos. .

Os professores pesquisados compreendem o trabalho docente; foi observado um resultado do seu trabalho quando os alunos demonstravam interesses em participar das aulas e estavam presentes no dia a dia. Isto foi confirmado através da falta da evasão nas três escolas observadas, em que o mesmo número de alunos matriculados permaneceu até o fim do ano letivo

Em se tratando da identidade docente, evidenciou-se o comprometimento de todos os docentes com o aprendizado dos alunos, destacando que o professor não é apenas uma fonte de conhecimento, mas também um interessado no processo de aprendizado dos alunos, construindo uma nova relação. Nesse aspecto fez-se presente a dedicação dos docentes, os quais em meios aos desafios e descasos das políticas públicas (como salários atrasados), mantiveram-se éticos frente ao compromisso assumido com a sociedade e alunos. Em alguns relatos professores desabafaram que estavam há dois meses sem receber salário e sem perspectivas de quando iriam receber; porém quando chegava a pesquisadora em sala de aula já os encontravam entusiasmados com os alunos, no exercício da profissão.

Diante da realidade constatada pode-se afirmar que o ponto chave observado recaiu de fato na alteridade, evidenciando assim sua condição de requisito do ato de educar, de forma significativa no contexto escolar como pressuposto básico na construção da identidade docente. Dentre as três escolas observou-se a relação dos professores com seus alunos durante seu trabalho, permeada dos saberes docentes existentes no cotidiano de cada profissional.

Quanto aos saberes que integram à prática docente, vários foram observados embora estejam a necessitar da formação de professores, para atualização, aprofundamento e contextualização. Nessa perspectiva, os saberes articulados pelos professores são oriundos de sua formação continuada, sendo uma busca particular e institucional, tendo em vista as dificuldades por parte das escolas.

Outro ponto observado no desenvolvimento da prática docente, é que os professores evidenciaram os saberes como: disciplinares – que estão relacionados a capacidade do sujeito está inserido no grupo respeitando seu espaço e do outro; profissionais – saberes que habilitam o docente durante o exercício de suas funções, estão relacionados a sua prática docente por meio da sua formação; experiência – construído no cotidiano, os quais surgem do dia a dia, sendo possível perceber estes saberes através das próprias histórias de vida dos sujeitos da pesquisa (os nove professores observados), em que maioria tem longo anos de experiência profissional. Por fim os disciplinares que estão relacionados ao campo específico, em especial a formação dos sujeitos da pesquisa.

Os discursos dos sujeitos da pesquisa apontam ainda que os saberes que agregam valor à prática ou ao trabalho docente, precisam atender às necessidades quanto à importância do professor nas relações estabelecidas com os alunos no cotidiano escolar como instrumento pedagógico ao ensinar, possibilitando a ampliação do contexto sobre a prática docente contextualizada, com novas formas de ensinar e aprender na contemporaneidade, contemplando, inclusive as novas tecnologias..

A educação nas áreas rurais tem sido caracterizada como um espaço que acumula precariedades e descasos ao longo dos anos, especialmente pela insuficiência de políticas públicas diante das necessidades das populações que lá residem, em detrimento da região e do país. A pesquisa revelou que as escolas localizadas em áreas rurais do município de Propriá, não negam essa realidade mas apontam, para a possibilidade de superação quando existe a vontade política das prefeituras e dos gestores escolares. Tanto é assim que não se pode comparar a realidade pesquisada com aquela apresentada no filme “Carregadoras de Sonhos”; mesmo em se tratando de um município do Baixo São Francisco sergipano, que convive em meio a dificuldades, conforme ocorre em todo o país, procura honrar com o seu compromisso frente à sociedade os direitos dos alunos e dos professores.

Nessa perspectiva, as escolas pesquisadas todas possuem infraestrutura adequada (escola limpa, bem equipada com birôs, carteiras, salas de aula com mobiliário adequado à faixa etária de alunos, saneamento básico etc.), dando-lhes condições de oferecer Educação Básica de qualidade para todos os alunos. Os professores em 95% possuem a graduação (Educação Superior – Licenciatura) e pós-graduação; alguns deles fazem a formação continuada via programas de governo estadual e federal, demonstrando o compromisso para com o exercício da profissão, fortalecendo assim a identidade profissional.

Antes do professor ser um profissional da educação, ele tem uma identidade própria, que diz respeito ao seu ser, como pessoa; daí surge a complexa relação com o trabalho e sua prática pedagógica. O sentido ontológico de trabalho refere-se à mediação entre os homens e entre estes e a natureza externa, tratando-se de atividade tipicamente humana, transformadora do homem e da natureza (ou seja, da ordem social e natural), conforme a dialética permite inferir.

Nesse contexto a prática docente do professor que atua em escolas das áreas rurais é entendida como uma prática social, onde as relações se complementam a partir da construção de conhecimento e da transformação do homem. O docente é, de fato o elemento subjetivo do trabalho pedagógico escolar, e por essa via reconstrói e amplia progressivamente sua subjetividade como sujeito protagonista da escola e da história, É daí que emergem os recursos de socialização do conhecimento historicamente acumulado.

Assim como é importante conhecer a especificidade do trabalho docente, faz-se necessário delinear as configurações da formação do professor na contemporaneidade destacando a importância de pesquisas voltadas para os aspectos que o citam como intermediador dos processos de ensino e de aprendizagem, destacando sua identidade profissional como fundamental para o desenvolvimento da escola, independentemente da sua localização física.

Em se tratando das instituições formadoras, que ocupam posição central na elaboração do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, elas desempenham um papel produção e reprodução dos conhecimentos científico-pedagógicos, desenvolvem a consciência do “Ser Professor”, sensível às mudanças em curso no setor educativo, da ciência e da tecnologia. Seu papel é, em parte, responsável pela formação dos profissionais da educação para o exercício crítico da profissão, que valoriza a contínua atualização, a formação inicial e continuada.

O fato de que o profissional da educação é consciente e comprometido ao exercer sua função pedagógica, seu papel social e político, apoia-se na busca da criação de vínculos via relação afetiva entre o professor-aluno, tanto no espaço da sala de aula quanto fora dela, possibilitando relações saudáveis em sala de aula que tornem o ensinar e o aprender fontes de prazer e bem estar social.

Nesse aspecto a relação entre indivíduos, o eu e o outro (professor-aluno), permeia um contexto relacionado aos aspectos sociais, e que é inerente à condição humana, que implica a reciprocidade do reconhecimento de um pelo outro, tornando-se humano. Essa relação é típica da “Alteridade” que nada mais é que a capacidade de se ver no lugar do outro, e que em se tratando da educação tem relação com o papel do professor que, ao sentir-se no lugar do aluno assimila seus desafios e perspectivas dos processos de ensino e aprendizagem, capacitando-se efetivamente, na prática, para o exercício da profissão.

Compreender o outro na sua amplitude só é possível a partir de uma ética e de uma estética da solidariedade, que se viabiliza na relação estabelecida com os alunos no ambiente escolar e fora dele. Os professores, sujeitos desta pesquisa, consideram a ética, de acordo com suas narrativas, a partir do respeito para com o outro.

Como resultados alcançados, pode-se considerar que os professores das escolas localizadas nas áreas rurais do município de Propriá, praticam a alteridade quando reconstruem sua identidade a partir dos saberes docentes, embora sem sustentação teórica, fortalecendo as motivações dos alunos quanto a sua própria identidade pessoal, visando, inclusive, a aprendizagem e ao desenvolvimento de suas múltiplas dimensões.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz (org.). **Educação no campo: recortes no tempo e no espaço**. Campinas - SP: Autores Associados, 2009.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar: novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANTUNES, Celso. **A criança: recados e cuidados**. Fascículo 18/ 2. Ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.

ATCHOARENA, David (UNESCO); GASPARINI, Lavina (FAO) (coords.). **Educación para el desarrollo rural: uacias nuevas respuestas de polític**. Estudio conjunto realizado por La FAO y La UNESCO. Impreso en España por Marco Gráfico Imprenta, S.L. FAO ISBN: 92-5-304983-9 UNESCO ISBN: 92-803-3220-1 © FAO y UNESCO-IIPE 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas de formação de educadores(as) do campo**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007 Disponível em: acesso em: 20 dez de 2016.

ARRUDA, Angela (org.). **Representando a alteridade**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: . Acesso em: Nov. de 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 70 ed. França: Presses Universitaires de France, 2011.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz e SANTANA, Edineide. **A questão da prática e da teoria na formação do professor**. Fortaleza: Ed.UFC, 2012.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. **A educação do campo nos retratos de si: políticas públicas, formação, prática pedagógica e biografização sob o olhar da sustentabilidade e alteridade**. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v.2, n.2, p.82-94, ago/dez. 2009. Disponível: em 05 Abril de 2014.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino. **Gestão democrática da construção de uma proposta curricular no ensino público: a experiência de Aracaju, Maceió-AL**: Ed.UFAL, 2007.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino. **Gestão democrática e trabalho: princípios educativos no currículo da escola pública (1989-1992)**. In: Boletim Técnico do Senac: a Revista da Educação Profissional., Rio de Janeiro, v.34, n.3, set./dez.2008.Disponível: às 9hs.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; SANTOS, Kátia Maria Limeira Santos; SILVA, Soane Menezes Trindade e MACHADO, Márcia Alves Carvalho. **Estado atual da (re) construção da alteridade como categoria teórico-prática e a contribuição da educação superior.** Nº 2, vol.3,2º semestre. Revista Pedagogía Del Derecho. ISSN 0719-5885. Unidad de Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho, Universidade de Chile, 2016.

CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão.** Petrópolis. Vozes, 1985. Rumo e uma nova didática. Petrópolis: Vozes, 1988.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. Para compreender a educação do Estado no meio rural: traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (coords.). **Educação e escola no campo.** Campinas: Papirus, 1993.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas.** 1. Ed. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos), São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Tradução: Bruno Magne. Reimpressão 2008. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DUBAR, Claude. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, Claude. **A construção de si pela atividade de trabalho:** a socialização profissional. Tradução: Fernanda Machado. Caderno de Pesquisa, v.42, FL.146, p. 351 – 367, maio/agosto 2012. Disponível em: Acesso em: 28 de Dez de 2016.

ENS, Romilda Teodora; GISI, Maria Lurdes e EYNG, Ana Maria. **Formação de professores:** possibilidades e desafios do trabalho docente na contemporaneidade. Ver. Diálogo Educ. v.11, p.309-329, maio/ago.2011. Disponível: Acesso em 19/06/2014 às 11:00hs.

FERNANDES, Karina Ribeiro e ZANELLI, José Carlos. **O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações.** Revista RAC, v.10, n. 1, Jan./Mar. 2006:55-72. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v10n1/a04.pdf> Acesso em: Nov 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança,** 10. ed.. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Lourival C. de. Mudanças e inovações na educação. 2 ed. São Paulo: EDICON, 2005.

FREITAS, Adriana J. R. ; CARDOSO, Ana C. Bomhausen e RIBEIRO, Raquel Freitas Sampaio. **Construção da identidade pela leitura da palavra.** Disponível: Acesso em: Dez 2016. P. 27 – 35.

- CARREGADORAS de Sonhos. Produção de Deivison Fiuza. Sergipe: SINTESE, 2010. DVD.
- GATTI, Bernardes Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO; MEC; 2011.
- GATTI, Bernadete Angelina (Coord.) e BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009, 294 p.
- GANDIN, Danilo. **Escola e transformação social**. 7 ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Estudo de caso: fundamentação científica subsídios para coleta e análise de dados como redigir o relatório**. São Paulo: Atlas, 2009.
- HAGE, Salomão Mufarrej. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. In: **Em Aberto**, Brasília, v.24, n.85, p.97 – 113, abr. 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HELLER, Agnes e FEHER, Ferecn. **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- HORIKAWA, Alice Yoko. **A formação de professores: perspectiva histórica e concepções**. Docente: Revista brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente. Belo Horizonte: Autêntica, p. 11-30, 2015.
- , Leandro. . Trad. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. 88 p. vol. 23.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAURENTI, Carolina & BARROS, Mari Nilza Ferrari de. **Identidade: questões conceituais e contextos**. ISSN:1516-4888. VOLUME 2 – NÚMERO 1 – JUN/2000. Disponível: 11:30h.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. 2. reimpressão. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LOPES, Cláudio Bartolomeu. **Trabalho feminino em contexto angolano: um possível caminho na construção de autonomia**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC São Paulo, 2010.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Grupo permanente de trabalho de educação do campo. Referências para uma política nacional de educação do campo: Caderno de subsídios, Brasília, 2003.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política, livro primeiro: o processo de produção do capital, volume I. 26ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

MOURA, Terciana Vidal Moura; SANTOS, Fábio Jossué Souza dos Santos. **A pedagogia das classes multisseriadas**: uma perspectiva contra-hegemônica às políticas de regulação do trabalho docente. Debates em Educação – ISSN 2175-6600, vol. 4, nº 7, Jan./Jul. 2012. Disponível em: Acesso em: 17 Jan 2017.

NERY, Maria da Penha. **Vínculo e afetividade**: caminho das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2003.

NÓVOA, António. (org.). **Profissão professor**. 2. ed. Coleção Ciências da Educação, Porto – Portugal: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa**: no processo de formação de professores. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva do ofício do professor**: profissionalização e razão pedagógica. São Paulo: Artmed, 2008

PIMENTA, S.G. **Formação de professores**: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA. S. G.; ANASTASIOU, L. **Docência no ensino superior**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Org.). **Pesquisa em educação**: alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Loyola, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pesquisa em educação**: alternativas investigativas com objetos complexos. Edições Loyola. São Paulo, 2006.
PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. In: ANPAE, 011, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2011.

PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Monsenhor .Aracaju /Sergipe, 2010 – 2012 – 2013 .

PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Padre Agnaldo Guimarães . Propriá/Sergipe, 2013.

PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Presidente Costa e Silva. Propriá /Sergipe, 2014

INEP/ MEC/. Sinopse Estatística da Educação Básica: Censo Escolar 2010, 2015, 2016. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais/ MEC. Brasília. Disponível em: . Acesso em: Out. de 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. Panorama da educação no campo. Censo Escolar. Brasília:INEP, 2002. Disponível: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/294>. Acesso em: Nov. de 2016.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar:** por uma docência da melhor qualidade. 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, Solange Helena Ximenes-Rocha e COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. **Formação de professores:** pesquisa com ênfase na Escola do Campo. Curitiba,PR: CRV, 2012.

SANT'ANNA, Flávia Maria; ENRICONE, D.; ANDRÉ, L.; TURRA, C. M.. **Planejamento de ensino e avaliação.** 11.ed. Porto Alegre: Sagra /DC Luzzato, 1995.

SANTOS, Eliane Gomes dos e SADALA, Maria da Gloria Schwab. **Alteridade e Adolescência:** um contribuição da psicanálise para a educação. Revista Educação & Realidade, v.38, n.2, p.555-568. Porto Alegre, abr./jun. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

SILVA, Celma Yara P. da; CASTRO, Bruna Mércia P. de e NONATO, Pedro Ramalho Cavalcante. **O professor e sua identidade profissional:** a formação continuada em questão. 2003. Disponível: às 12hs.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline e SILVA, Juliana Bezzon da. **Educação infantil do campo.** 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TARDIF, M. ; LESSARD, C. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interação humana. Tradução de João Batista Kreuch. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TREVISAN, Amarildo Luiz e TOMAZETTI, Elisete M. **Cultura e alteridade:** Confluências. Rio Grande do Sul: Ijuí, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko; WALKER, Maristela Rosso. **Classes multisseriadas no Acre**. Rev. Bras. Estud. Pedagog. (online), Brasília, v. 94, n. 237, p. 564-584, maio/ago. 2013. Disponível: . Acesso em: Nov 2016.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 4.Ed. São Paulo: Paz e Terra,1990.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Tradução de João Dell' Anna. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1990.

VIANNA, Heraldo Marelim, **Pesquisa em educação: a observação**, Brasília: Plano Editora, 2007.

WEISZ, Telma e SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2ªed. São Paulo: Ática, 2003.

YIN, R. **Estudo de caso**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE

Apêndice A

1 Roteiro de Observação



UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
DIRETORIA DE PESQUISA – DPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPEP
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MESTRANDA: KÁTIA MARIA LIMEIRA SANTOS
PROF^a DR^a ORIENTADORA: ADA AUGUSTA CELESTINO BEZERRA

**ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: um estudo de caso
em escolas localizadas em áreas rurais do município de Própria (SE)**

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA:

SÉRIE/TURMA/TURNO:

NÚMERO DE ALUNOS:

PROFESSORA:

CURSO(S) DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA:

TEMPO DE EXPERIÊNCIA: NO MAGISTÉRIO -----

TEMPO DE SERVIÇO NA ESCOLA -----

DATA/HORÁRIO:

OBSERVADOR:

FOCOS DE OBSERVAÇÃO

1. Interações em sala de aula (professor/aluno, aluno/aluno, aluno/conhecimento, professor/aluno/conhecimento), com suas ambivalências.
2. Metodologia de ensino (ênfase à leitura e escrita).
3. Respeito ao processo de construção da identidade doscente.
4. Trabalho cooperativo entre alunos e professor.
5. Tratamento da questão do autoconceito e identidade cultural do aluno.
6. Atitude de orientação docente aos alunos com dificuldade de aprendizagem.
7. Atitudes discentes incentivadas em sala de aula (subserviência, obediência, participação, solidariedade, autonomia, cooperação, delação, etc.).
8. Condições concretas de trabalho.

9. Tratamento da questão do erro e as formas de avaliação dos alunos.
10. Relação afetiva entre o eu-outro (professor e aluno).
11. Observação quanto à aprendizagem dos alunos e o papel do professor.
12. Análise da relação pedagógica da escola com a comunidade local.
13. Planejamento didático.
14. Prática docente em sala de aula, em relação a ética, cultura, identidade profissional e trabalho docente.
15. Ocorrências relevantes.

Apêndice B

2Roteiro de Entrevista



**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
DIRETORIA DE PESQUISA – DPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPEP
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DOCENTE:
UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS LOCALIZADAS EM
ÁREAS RURAIS**

**Mestranda: Kátia Maria Limeira Santos
Profª Drª Orientadora: Ada Augusta Celestino Bezerra**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Instituição onde está sendo realizada a pesquisa:

Sexo?

- Feminino
 Masculino

Qual a sua faixa etária?

- 20 a 30 anos
 31 a 40 anos
 41 a 50 anos/45 anos.
 51 a 60 anos

Há quantos anos você se formou?

- 1 – 5 anos
 6 – 10 anos
 11 – 20 anos
 21 – 30 anos
 31 anos a mais

Qual a sua formação acadêmica?

Há quantos anos você leciona na Educação Básica?

Há quanto tempo leciona nessa Escola?

Qual a sua residência?

Área Urbana/ Própria

Área Rural

QUESTÕES

- 1) Por que optou por essa profissão de professor ?**

- 2) Como você vê seus alunos na interação com o professor e o conhecimento? Que metodologia utiliza nessas interações?**

- 3) Desde o início de sua profissão tem aprendido alguma coisa com seus alunos e a comunidade local?**

- 4) O que você entende sobre relação afetiva entre o eu-outro (professor e aluno), nos processos de ensino e aprendizagem? Qual a importância dessa relação nos processos de ensino e aprendizagem?**

- 5) Como você avalia a aprendizagem dos seus alunos? Através de que instrumentos?**

- 6) Como você vê a diferença na aprendizagem dos alunos, e qual o papel do professor ?**

- 7) **Como você analisa a relação pedagógica nessa escola situada em áreas rurais? Seria mais fácil ensinar em área urbana?**

- 8) **Como você avalia a sua formação docente para atuar nas áreas rurais reconhecendo as suas especificidades?**

- 9) **A escola incentiva a formação continuada do professor?**

- 10) **O que é educação para você? Qual a sua compreensão em relação aos processos de ensino e aprendizagem? Ensinar exige um planejamento didático?**
- 11) **O que ética em sala de aula para você?**

- 12) **Como você relaciona a sua prática docente em sala de aula, em relação a cultura local?**

- 13) **Como você descreveria hoje sua identidade profissional no trabalho docente ? De quem recebeu mais influências?**

- 14) **Qual sua compreensão referente às políticas públicas sobre a educação nas áreas rurais no Brasil e nos municípios de Sergipe?**

Apêndice C

Documento do CEP

UNIVERSIDADE TIRADENTES -
UNIT 

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A IDENTIDADE DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA QUE ATUA EM ESCOLAS DAS ÁREAS RURAIS: uma abordagem às políticas públicas de formação

Pesquisador: KÁTIA MARIA LIMEIRA SANTOS

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 48442215.1.0000.5371

Instituição Proponente: Universidade Tiradentes - UNIT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.570.249

Apresentação do Projeto:

A educação é uma prática social ampla que contempla a formação do homem em suas múltiplas dimensões, visando seu desenvolvimento via socialização da cultura. A pesquisa trata da construção da identidade do professor da educação básica atuante nas escolas rurais com destaque às implicações das políticas públicas na formação docente. Ocorrerá em dois momentos, primeiro uma revisão literária e no segundo momento Grupo Focal a partir da contribuição específica de 8 docentes com experiência na educação básica em escolas localizadas em áreas rurais. O pressuposto é que o professor é foco de diversas tensões contexto no qual sua identidade em contínua construção, se depara com outras identidades em formação, sofre as interferências desde as políticas públicas aos relacionamentos pessoais do ambiente escolar. A relevância social e pedagógica da pesquisa reside em elucidar as relações professor - aluno e os resultados dos processos de ensino e aprendizagem na educação básica nas áreas rurais também como consequência dessas tensões.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a configuração atual da identidade do professor das áreas rurais e suas relações com as políticas públicas de educação e formação humana, no contexto das suas interações.

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murtala Dantas, 300 - RPP - Bloco F - Terraço
Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-190
UF: SE Município: ARACAJU
Telefone: (78)3218-2208 Fax: (78)3218-2100 E-mail: cep@unit.br

UNIVERSIDADE TIRADENTES -
UNIT



Continuação do Parecer: 1.679.249

Objetivo Secundário:

* Delinear a identidade do professor das áreas rurais, com seus determinantes, a partir de suas narrativas e interações como profissionais da educação; Verificar aplicações de conceitos da identidade docente sobre o processo de construção de identidades discentes. Descrever o papel atribuído às políticas públicas na educação e formação docente pelos professores das áreas rurais; Identificar a categoria alteridade nas relações professor-alunos através das narrativas e das práticas pedagógicas dos professores das áreas rurais. Mapear consensos, dissensos, conflitos, convergências, divergências, silêncios e hegemonia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto de pesquisa apresenta as relações de riscos e benefícios de forma adequada, de acordo com a Resolução CNS nº466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa com grande relevância científica para a área da Educação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As documentações foram inseridas corretamente e encontram-se datadas e assinadas conforme as normas descritas na Resolução CNS nº 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações para este projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP informa que de acordo com a Resolução CNS nº 466/12, Diretrizes e normas XI. 1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais e XI. 2 - XI.2 - Cabe ao pesquisador: a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou a CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; b) elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, quando necessário; c) desenvolver o projeto conforme delineado; d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DDF - Bloco F - Terraço
Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-190
UF: SF Município: ARACAJU
Telefone: (79)3218-2208 Fax: (79)3218-2100 E-mail: cep@unit.br

UNIVERSIDADE TIRADENTES - 
UNIT

Continuação do Parecer: 1.679.249

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_481406.pdf	12/12/2016 15:50:52		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TERMO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	12/12/2016 15:49:41	KÁTIA MARIA LIMEIRA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Plataforma_Brasil.pdf	29/09/2016 10:08:18	KÁTIA MARIA LIMEIRA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO DETALHADO.doc	05/08/2015 01:19:39		Aceito
Outros	CARTA DE ANUÊNCIA.pdf	05/08/2015 01:12:55		Aceito
Outros	DECLARAÇÃO DO PATROCINADOR.pdf	05/08/2015 01:10:48		Aceito
Outros	DECLARAÇÕES DOS PESQUISADORES.pdf	05/08/2015 01:08:44		Aceito
Outros	DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA.pdf	05/08/2015 01:07:19		Aceito
Outros	DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.pdf	05/08/2015 01:06:18		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 16 de Dezembro de 2016

Assinado por:
ADRIANA KARLA DE LIMA
(Coordenador)

Endereço: Campus Farolândia - Av. Maria Dantas, 300 - DFF - Bloco F - Terraço
Bairro: Bairro Farolândia CEP: 49.032-190
UF: SE Município: ARACAJU
Telefone: (79)3216-2208 Fax: (79)3218-2100 E-mail: cep@unit.br